

REVISTA

DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO ESPIRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade publica pelo governo Federal e pelo Estadual

Numero 8 = Abril de 1935



*O' jovens Brasileiros,
Descendentes de heróis, heróis vós mesmos,
Pois a raça de heróis não degenera;*

.....
*Imitai-os para que elles, do sepulchro,
Vos chamem, com prazer, seus caros filhos!*

NATIVIDADE SALDANHA

VICTORIA
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
OFFICINAS DA «VIDA CAPICHABA»

REVISTA

DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO ESPIRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade publica pelo governo Federal e pelo Estadual

Numero 8 = Abril de 1935



*O' jovens Brasileiros,
Descendentes de heróis, heróis vós mesmos,
Pois a raça de heróis não degenera;*

.....
*Imitai-os para que elles, do sepulchro,
Vos chamem, com prazer, seus caros filhos!*

NATIVIDADE SALDANHA

VICTORIA
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
OFFICINAS DA «VIDA CAPICHABA»

REVISTA

DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO ESPIRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade publica pelo governo Federal e pelo Estadual

Numero 8 = Abril de 1935



*O' jovens Brasileiros,
Descendentes de heróes, heróes vós mesmos,
Pois a raça de heróes não degenera ;*

.....
*Imitai-os para que elles, do sepulchro,
Vos chamem, com prazer, seus caros filhos!*

NATIVIDADE SALDANHA

VICTORIA
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
OFFICINAS DA «VIDA CAPICHABA»

Victoria e a Capitania em alguns codices publicados

MARIO A. FREIRE

A carta régia da doação, em 1 de Junho de 1534, da Capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, dispunha o seguinte:

«E outrosim me praz que o dito Capitão e Governador (*foi o titulo outorgado ao Donatario e seus successores*) e todos os seus successores possam, por si, fazer VILLAS todas e quaesquer povoações, que se na dita terra fizerem e lhe a elles parecer que o devem ser, as quaes se chamarão VILLAS, e terão TERMO e jurisdicção, liberdades e insignias de VILLAS, segundo fóro e costume de meus Reinos. E isto, porém, se entenderá que poderão fazer todas as VILLAS que quizerem das povoações que estiverem ao longo da costa da dita terra.»

Em seguida, vinham algumas disposições sobre as villas no interior da Capitania.

Installado na villa do Espirito Santo, Vasco Fernandes Coutinho deu a Duarte de Lemos—«a Ilha grande que está da barra para dentro, que se chama de S. Antonio.» Confirmou essa doação em Lisboa, por escriptura approvada pela carta

régia de 8 de Janeiro de 1549; mas prescreveu logo—«que elle Duarte de Lemos nem seus successores não farão na dita ilha VILLA.»

No Regimento para servir a Thomé de Souza, passado em 1548, o Rei recommendava viesse, logo que fosse possível, á Capitania do Espirito Santo, alevantada, afim de pacifical-a «e reformal-a.»

Por isso, tambem, o Donatario, de passagem pela Bahia, a 22 de Março de 1550, recebeu de Christovão de Aguiar, almoxarife dos Armazens, as armas e munições enumeradas á pag. 311 do vol. XIII dos «*Documentos Historicos*», util publicação da Bibliotheca e do Archivo Nacionaes.

Presume-se que, perseguidos pelos indigenas, os portuguezes preferiram viver na ilha de Duarte Lemos. Póde-se tambem admittir que o desenvolvimento da nova povoação fizesse erigil-a tambem em Villa. As municipalidades das cidades do Espirito Santo e Victoria não se interessaram muito, parece, pelos respectivos TERMOS como lhes devia ter sido fixado pelo Donatario, conforme determinára o Rei, isto é, «segundo fôro e costume de meus Reinos». O despacho dessas concessões marcaria a epoca da fundação das primitivas villas. Seria uma pesquisa interessante, á vista das referencias conhecidas aos termos das duas villas, desde a escriptura de 1 de Agosto de 1540, em favor de Duarte Lemos, na qual o Donatario allude ao TERMO da povoação do Espirito Santo, e, depois, á concessão do morro da Penha, feita pelas Camaras, ainda no primeiro seculo da colonização.

O jesuita Leonardo Nunes, que chegou ao Espirito Santo em 1549 ou 1550, foi recebido pelo vigario da Capitania com quem foi *pousar*, «por não haver hospital na terra». Esse vigario devia ser o Pe. Francisco da Luz, que em 1550 estava

no Reino, e figura nos «Documentos Historicos» como tendo sido vigário aqui.

O Pe. Leonardo douctrinava os escravos em uma praça «porque eram muitos e não cabiam na igreja.»

Em 1551 veio o jesuita Affonso Braz: construiu logo «uma pobre Casa que já estava coberta de palha e sem paredes», segundo descreveu em uma carta desse anno. «Nas vizinhanças do pequeno seminário que alli erguera Affonso Braz, começou, segundo Teixeira de Mello, a ser edificada a povoação, depois transformada na villa de Victoria.» Attrahindo os colonos para a ilha ou demonstrando, com a escolha da sede da Casa e igreja, a superioridade desta, como ponto de mais facil defesa, em relação á primitiva villa, teriam os jesuitas concorrido, talvez, para a immediata creação da nova villa do Espirito Santo.

Escrevendo ainda em 1551, Affonso Braz assim descrevia a donataria de Coutinho: «E' esta terra, onde ao presente estou, a melhor e mais fértil de todo o Brasil.» E Afranio Peixoto, anotando essa passagem, pergunta: — «Terão os filhos da terra capichaba, os espiritos-santenses guardado lembrança desse primeiro galanteio á sua provincia, tão sensíveis que são os brasileiros a taes gabos?»

Eram louvores, parece, muito communs no deslumbramento dos primeiros dias da colonia, quando ainda o proprio Donatario costumava referir-se á Capitania, denominando-a «meu villão farto.»

Outro jesuita, o Pe. Antonio Pires, no mesmo anno, descreveu o Espirito Santo como «a terra mais abastada e melhor de toda a costa.»

A 14 de setembro de 1551, Francisco de Oliveira, feitor e almoxarife da Capitania, recebeu,

na Bahia, uma nova remessa de artilharia e munições. No anno seguinte, ficou registrada nos «*Documentos Historicos*» ainda uma nova partida de armas.

Não foi, entretanto, possível arrecadar aqui, em 1552, a importancia de Rs. 8\$500, reclamados para o Bispado.

Visitando a Capitania, nessa epoca, Pedro de Goes asseverou que — «a terra estava quasi perdida com discordias e desvarios dos homens e não estar Vasco Fernandes nella, e ter ido sem saber para onde.»

Victoria já era villa em 1551, «a confiar no que refere o Pe. Simão de Vasconcellos, na Chronica da Companhia de Jesus», observa Cezar Marques. Teixeira de Mello assevera tambem que foi fundada em 1551, e que tomou essa denominação, em lugar da Villa Nova, após uma derrota dos indigenas no dia 8 de Setembro desse anno.

O vol. XIV dos referidos «*Documentos Historicos*», á pag. 298, registra um pagamento de Rs. 10\$600, a 13 de Dezembro de 1552, ao Pe. Pero de Souto, que, desde 6 de janeiro até 6 de agosto, serviu de Vigario na VILLA DE VICTORIA — «por o Vigario da dita Villa ser no dito tempo ausente.»

Sendo assim, não têm razão os que affirmam, como Rocha Pombo, que essa denominação surgiu em 1588 ou 1589.

Victoria foi considerada — «a mais antiga freguezia do sul do Brasil». A provisão régia de 17 de setembro de 1726, mandando reedificar, por conta da Fazenda Real, a velha e tradicional matriz de Victoria, a Cathedral de nossos dias, menciona essa circumstancia. Quando solicitou o auxilio da Córte para a primeira reconstrucção desse

templo, o Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antonio de Guadalupe fizera essa allegação.

A remessa de tantas armas para a Capitania foi desfavoravel á obra difficil de colonizal-a; o trabalho aqui foi sempre perturbado tambem pela preocupação em apprehender indigenas para escravos.

Mem de Sá que chegou á Bahia a 14 de agosto de 1557, mal tomou posse do governo geral, teve de despachar soccorros para o Espirito Santo. Mandou nessa expedição um sobrinho, Fernão de Sá, que morreu combatendo ás margens do Cricaré, o actual S. Matheus.

Veiu, igualmente, Paulo Dias Adorno, genro de Caramurú e pae do explorador Antonio Dias Adorno: de volta á Bahia, depois da morte de Fernão de Sá (o que occorreu antes do ultimo dia de abril de 1558), como Mem de Sá não o quiz receber, lê-se nas *Cartas do Brasil* do Pe. Nobrega, retirou-se para Portugal. Voltou, porém, ao Brazil, condecorado, commandando um dos navios da armada de Estacio de Sá.

Diogo de Moura, reunindo colonos e expedicionarios, conseguiu ainda em 1558 vencer os indigenas: a essa victoria alguns chronistas filiam o nome da nova villa.

No anno seguinte manifestou-se uma grande epidemia em Victoria. Morreram 600 escravos registrando-se, ás vezes, 13 obitos, por dia. O adro da igreja dos jesuitas, onde eram inhumados os mortos da povoação, tornou-se insufficiente e, rezam as *Cartas Avulsas*, «por estar já o adro cheio, botavam dois em uma cova.» O Pe. Braz Lourenço chegou a ser cognominado — «o que leva os mortos.»

Depois dessa epidemia o Governador Geral visitou a Capitania. Acompanhou-o o Pe. Manoel

da Nobrega, que, sobre essa viagem, escreveu o seguinte, ao Cardeal D. Henrique, em 1 de Junho de 1560: — «E partio visitando algumas Capitania da Costa até chegar ao Espírito Santo, capitania de Vasco Fernandes Coutinho, onde achou huma pouca de gente e grande perigo de serem comidos dos Indios e tomados dos Francezes, os quaes todos pediram que se tomasse a terra para El-Rei ou os levassem d'ali, por não poderem já-mais sustentar, e o mesmo requeria Vasco Fernandes Coutinho, por suas cartas ao Governador: depois de tomado sobre isso conselho, a acceitou dando esperanças que da tomada a fortaleza o favorecia muito no que pudesse, por não ter tempo mais, por não se estorvar do negocio a que vinha do Rio de Janeiro.»

Não poudes deixar, porém, de acrescentar o seguinte: — «esta capitania se tem por a melhor cousa do Brasil, depois do Rio de Janeiro; nella temos huma Casa onde se faz fructo com os Christãos e com escravos e com uma geração de Indios, que ali está, que se chamão do Gato, que ali mandou vir Vasco Fernandes Coutinho; entendem-se tambem com alguns Topinaquins.» Devia ser o famoso Maracaia-guassu (gato grande) cacique dos temiminós, baptisado aqui com o nome de Vasco Fernandes.

Devemos receber o elogio de Nobrega com alguma reserva, porque, verberando na carta de 5 de Junho de 1559 a pratica de os christãos ensinarem os indios «a furtarem-se a si mesmos e venderem-se por escravos,» fez o seguinte commentario: — «Este costume, mais que em nenhuma Capitania, achei no Espírito Santo, capitania de Vasco Fernandes, e, por haver alli mais disso, se tinha por melhor Capitania.»

Ainda em 1560, o Donatario cansado de luc-

tar, renunciou á Capitania no dia 3 de Agosto. Sobreviveu pouco tempo a essa resolução, porque uma carta de Mem de Sá, datada de 16 de Outubro de 1561 refere o fallecimento delle.

Durante mais de um anno deixou de vir qualquer embarcação do Reino á Capitania, pois aqui não havia engenhos de assucar: chegou a faltar vinho para as missas. Braz Lourenço continuava trabalhando, ajudado pelo Pe. Fabiano de Lucena. Além de dois noviços, viviam aqui um Irmão analphabeto, que servia de cozinheiro e hortelão, e outro que tinha apenas 20 annos. Muito pobre, a igreja de S. Thiago, ainda sem retabulo, estava desprovida de paramentos e galhetas.

Em 1561 os Francezes, em duas grandes náos bem artilhadas, ameaçaram a villa, contituida ainda de poucas casas, cobertas de palha e sem fortaleza. Assistido pelo Pe. Braz Lourenço, que empunhava o estandarte de S. Thiago, o Capitão Mór Belchior de Azevedo repelliu-os com bravura, depois de quatro horas de combate. Nessa occasião, estava no porto uma não portugueza, vinda de S. Vicente.

O Pe. Fabiano, que conseguiu reunir cerca de mil indios dos que haviam sido trazidos do Rio, em uma grande aldeia, cêdo viu erguer-se uma Casa com uma igreja «mui airosa e bem guarnecida» de N. S. da Conceição. Levado pelos meninos do Collegio de Victoria, numa almadia, elle ia diariamente a essa aldeia onde havia ouvidor, alcaide, porteiro e um tronco.

Em 1562, o Pe. Leonardo justificava a situação embaraçosa desta Capitania — «pouco favorecida de El-Rei, por ser alheia; e de seu dono, por ser pobre». Queria alludir naturalmente ao facto de Jorge de Mello, filho do Donatario, não ter vindo governal-a, até que, fallecendo logo depois,

sem deixar filhos, coube o governo a um filho natural do Donatario, com o mesmo nome delle.

Os francezes voltaram ainda em 1562.

Dois annos após, chegou a Victoria o Pe. Manoel de Paiva, muito idoso e fraco. Veiu substituir Braz Lourenço, transferido para Porto Seguro. Trouxe os Pes. Diogo Jacome e Pedro da Costa, Jacome e o Irmão Pedro Gonçalves foram para a aldeia do Gato, onde ficava a igreja de N. S. da Conceição. Pedro da Costa installou-se na igreja de S. João, situada na antiga aldeia de Ararigboia, com a incumbencia de tres outras aldeias proximas.

Manoel de Paiva ficou na Villa, com Diogo Fernandes e um noviço, doutrinando a escravaria dos Christãos e acudindo a enfermos, «porque é esta terra doentia e sempre os ha.» Apezar disso, adduziu Pedro da Costa: «nesta Capitania não ha medico, nem medicina mais que as da terra as quaes são communs em todas as partes della que se homem acha.» Vivia tambem acudindo «ao mau modo de resgatar *peças* que nesta terra ha.» *Peça* era a denominação dada aos indigenas. Para o resgate de uns homens de um navio que se perdêra na costa, captivos dos contrarios, juntou, em relação á pobreza da terra, avultada quantia de esmolos.

Um surto epidemico de variola irrompeu na aldeia do Gato, logo que esses Padres chegaram: o Irmão Pedro Gonçalves adoeceu com os trabalhos e falleceu em 1564; no anno seguinte, moro Pe. Jacome.

Livre da epidemia, esta Capitania voltou a ser atacada pelos indios. Quando, em 1568, Mem de Sá deixou o Rio, veiu logo soccorrel-a, conforme assim explicou em uma petição de 1570: — «Por me vir novas que o gentio da Capitania

do Espírito Santo estava alevantado e tinha morto muitos brancos foi necessario hillo socorer e fui com parecer dos capitães e moradores da terra.»

A villa de Victoria, em 1572, contava 1390 fogos e 7650 adultos; era cabeça de Comarca. A outra que «chamam villa velha por ser a primeira que ally se fez, tinha, nesse anno, somente 145 fogos e 876 pessoas de communhão;» nesta, a 2 de Maio de 1575 falleceu Pedro Palacios, o fundador da Penha.

Em 1584 não havia mais do que as duas referidas villas; na villa velha, informavam os jesuitas—«está uma ermida dabobada que se chama N. S. da pena, edificada por um castelhano com ordens sacras, fr. pedro frade dos capuchos» Funcionavam já 4 ou 5 engenhos e contavam-se outras tantas aldeias de indios, além de duas nas quaes havia igrejas.

Em 1589, pôr morte de Vasco Fernandes (filho) assumiu o governo D. Luiza Grimaldi, sua mulher. Durante os ultimos annos do governo do filho do Fundador, as informações escriptas por Anchieta revelam alguma prosperidade. Os Padres possuíam boa Casa e igreja, um pomar de limeiras doces e cajueiros viçosos; colhiam muitas cidras e laranjas. Nesta Capitania, rica de algodão, assucar, cedro e balsamo, com regulares pastagens e rebanhos, o redil catholico laborava, afinal, em paz, distribuido por 8 aldeias, com mais de 150 familias europeas e 4.000 indios mansos.

Taes informações variavam, evidentemente, conforme o espirito mais ou menos benevolente e tolerante de quem as prestava.

O Pe. Fernão Cardim, por exemplo, depois de informar em 1590, que a Capitania era rica de gado e algodão, com 6 engenhos de assucar e

muitas madeiras de cedros e páos de balsamo, arvores altissimas, medicinaes, assim se referiu a esta villa: «A villa é de N. S. da Victoria, terá mais de 150 vizinhos, com seu vigario. Está mal situada, em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e se não fôra um rio muito formoso que lhe corre junto, ainda seria mais triste do que é, porque mais pouca vista terá que a do rio»...

Em 1593 julgado o direito á Capitania em favor de Francisco de Aguiar Coutinho, D. Luiza Grimaldi transferiu o governo a Miguel de Azevedo, e retirou-se para Portugal.

No anno seguinte Anchieta escrevia ao General Aquaviva: «Nesta (capitania) do Espirito Santo encontro agora muita perturbação entre os portuguezes, uns com os outros, sobre pretensões de officios e honras; e com os nossos porque não lhes concedemos que façam dos indios christãos á sua vontade, querendo servir se dell'es a torto e a direito»...

Sempre muito brando, Anchieta logo desculpava essa pratica — «porque, dizia, esta guerra é antiga e, no Brasil, não se acabará senão com os mesmos indios»... Mais benevolente e tolerante do que o Pe. Cardim, recolheu-se á modesta e pequena aldeia de Reritiba e ahi, contemplando, da pequena janella de sua cella, o mar que o separava dos parentes e da patria distante e dando graças a Deus pelo desenvolvimento evidente da obra em que collaborava, falleceu aos 9 de Junho de 1597.

Os três vultos notáveis da Historia Colonial do Brasil, com relação á Capitania do Espirito Santo

ANTONIO ATHAYDE

Tivemos o ensejo de assistir, com grande interesse, ás calorosas discussões, intelligentemente desenvolvidas, em torno dos themas historicos que podiam exprimir a melhor concepção d'alma, na contribuição patriótica do Espirito Santo, nas festas do Centenario, cuja tela devia immortalizar um feito heroico ou um ideal altruista da nossa Historia.

Além disso, um quadro historico notavel deve representar tambem um primor de arte, afim de que possa aos nossos olhos melhor despertar sociocraticamente um culto ao Passado, pelo altruismo que nos legou; bem assim servir de ensinamentos civicos ás futuras gerações, como objecto de admiração e de exemplo, educando-as pelo conhecimento da conducta dos seus grandes homens, typos modelares de virtudes da sua terra e da sua raça.

Entretanto, foram-se esses dias agitados e tudo voltou novamente ao remanso das aguas paradas, sem se saber ao certo qual fôra o thema escolhido, perifericamente, que vae melhor tra-

duzir a nossa evolução politico-social, synthetizando o nosso amor, a nossa veneração, a nossa cultura moral e o nosso patriotismo republicano, na proxima commemoração da independencia nacional.

— Recapitulemos os assumptos dos themas. No primeiro plano discutiu-se a figura do nosso bravo cacique Ararigboia, chefe dos temiminós, que com seus companheiros de tribu, fôra induzido pelo governador Belchior de Azevedo, da nossa ex-Capitania do Espirito-Santo, a prestar a Mem de Sá e ao seu sobrinho Estacio de Sá em 1565, o seu valioso auxilio para expulsar os francezes e seus alliados — os tamoyos — da ilha de Villegaignon, na bahia do Rio de Janeiro, que fôo theatro da cruenta luta e onde o nosso indo, mito indio se portou com tanta bravura, que foi agraciado com o habito de Christo, uma tença e outras distincções d'aquella epoca, e finalmente baptisado christãmente com o nome de Martim Affonso.

Jamais voltou á Capitania o bravo cacique Ararigboia, e lá fundou a villa de Nictheroy.

No segundo ponto de vista veio á baila da discussão o serviço de catechese do meigo jesuita José de Anchieta, o evangelizador das selvas, denominado o apostolo do Novo Mundo, que doutrinou os nossos selvagens com tanta habilitade e doçura, que os transformou em mansos cordeiros.

São, incontestavelmente, notaveis os serviços prestados por esse virtuoso padre na catechese das nossas tribus, formando povoados e aldeias, em prol da civilização.

Recordemos o abnegado feito, que elle desenvolveu com o seu insigne companheiro de sacrificios, padre Nobrega, em 1563, na terrivel luta

dos indígenas contra os colonos, denominada *a Confederação dos Tamoyos*, conseguindo vencer com o seu amor, com a sua ternura e com a sua inexcédível dedicação às tribus, mais que todos os portuguezes n'aquelle tempo.

Nobrega e Anchieta apresentaram-se aos chefes indios *morubixabas*, reunidos em Iperohy e na famosa conferencia, o *armistício do Iperohy* — depois de ingentes esforços, obtiveram as preliminares da paz, levada immediatamente ao conhecimento dos portuguezes por Nobrega, emquanto que os chefes exigiam que Anchieta ficasse como refem.

Durante esse penosissimo desterro, elle compoz e confiou á alvura das areias o seu bello poema á virgem da Conceição, onde a obediencia do religioso fez a preparação de todas as heroicas virtudes de sua alma.

Temos aqui no Estado a sua acção evangelizadora na antiga Villa do Espirito Santo, onde uma caridosa associação civil fundara a 2.^a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Brasil, transferida posteriormente para a Victoria, e della, consta, foi seu piedoso capellão.

A sua catechese em S. Matheus, Guarapary e em Iiritiba (Benevente) foi admiravel, abrاندando a furia tremenda das tribus guerreiras dos Aymorés, Goytacazes e outras.

Finalmente, em 9 de Junho de 1597, faleceu na aldeia de Iiritiba que fundara, entre seus indios que o adoravam, o Apostolo do Novo Mundo.

O seu cortejo funebre desde Iiritiba até a Villa do Espirito Santo, n'um percurso de 15 leguas, approximadamente, e d'ahi em canôa até Victoria, foi uma romaria respeitosa, uma consagração posthuma, uma apothese d'amor, traduzida nas ininterruptas lamentações dos pobres

índios que choravam a perda irreparável do seu
excelso bemfeitor!

Sepultou-se no antigo Collegio dos Jesuitas
(Palacio do Governo), junto ao altar-mór da ex-
Capella de São Tiago.

Esse tumulo honra o Espírito Santo, e sob
os auspícios do actual Governo do Estado e do
Instituto Historico vae ser zelada essa preciosa
reliquia civica.

Finalmente o 3.º ponto de vista foi discutido
no Instituto Historico e tambem na imprensa, sus-
tentando-se o valor inextinguivel do martyr espi-
rito santense—o patriota Domingos Martins, como
o melhor thema da tela.

Começemos com as palavras do escriptor
cearense João Brígido: "Pedimos aos leitores que
se descubram!... Vae se tratar de Domingos José
Martins" e que Carlos Xavier paraphraseando-o
pedia ao auditorio que "se levantasse por um
instante, ao menos espiritualmente, enquanto fa-
lasse de um conspicuo representante de nossa
raça, do glorioso martyr, ha 99 annos, da tyran-
nica e covarde autoridade do Sr. Conde de Arcos."
(Discurso pronunciado na sessão de fundação do
Inst. H. e G. do Espírito Santo, pelo Dr. Carlos
Xavier, em 12 de Junho de 1916.)

O que se tem escripto sobre a historia da
Revolução Pernambucana, o que annotou o eme-
rito Dr. Oliveira Lima, na obra de Muniz Tavares,
ainda não bastou logicamente para bem firmar e
desvendar a grandeza desse admiravel aconteci-
mento republicano; e como muito bem disse o
nosso illustrado conterraneo Marcilio de Lacerda...
"as preciosas colleções de provas authenticas
estão á espera de alguem que, com ellas, queira
reconstruir, com a pureza primitiva, o magestoso
edificio que os patriotas idealisaram e executarem

e o sopro impetuoso da tyrannia derrocou." (Da Rev. do Inst. H. e G. do Espírito Santo).

O novo livro — *O Brasil Heroico em 1817* — dedicado aos jovens camaradas do exercito e da armada — pelo digno republicano major Alipio Bandeira, referindo-se ao soneto — poema, escripto pelo patriota, duas horas antes de sua execução; bem assim a sua erudição e a sua attitudo de commando no movimento revolucionario, exprime-se dessa maneira na pag. 146: "O canto de Domingos José Martins não será, portanto, um hymno de victoria, mas uma canção de saudade, psalmo d'aquelle amor quasi postumo, que á beira da sepultura palpitava ainda, e cuja sublimidade essencial elle queria transmittir aos pósteros... Dolorosa meditação! Angustiosa espera! Mas, Domingos Martins é o chefe de uma revolução liberal que desafiou a tyrannia; é o paladino altivo, cuja voz nunca tremeu — vencedor que não descorou do tribunal de sangue".

Todos os episodios de 172 demonstram efficientemente a acção eminente do patriota espirito-santense nos destinos politicos do Brasil, cujas injustiças, ingratições e infâmias contra sua honra soube soffrer as com resignação e bondade.

Sua existencia foi toda ella consagrada a redimir a sua Patria de uma politica nefasta, lutando pela independencia: é o predecessor do Patriarcha José Bonifacio.

Bolívar, San-Martin, Belgrado Miranda e Domingos Martins e outros formavam a pleiade brilhante dos arautos e dos paladinos da santa causa redemptora das patrias americanas.

Na pag. 240, do *O Brasil Heroico em 1817*, Alipio Bandeira, em uma affectuosa apologia á gloria de Domingos Martins, assim escreve: — "Elle foi effectivamente heroe na exacta e commovente

significação do termo. Herói espírito-santense pelo nascimento — eventualidade feliz, não para elle, mas para o pequeno Estado; herói especialmente pernambucano — pelo theatro em que desenvolveu a sua actividade cívica; herói, sobretudo brasileiro — pela extensão do seu ponto de vista; mas, sociocraticamente, herói portuguez, que outra não foi a civilisação donde proveio e em que bebeu, antes do leite materno, o elemento espiritual de sua alma de eleição, e enfim, modestamente, porventura, mas conscientemente, herói da Humanidade, visto que a sua dedicação não podia encontrar limites no estreito ambito da Patria.

Domingos José Martins não declarou guerra ao povo portuguez, que isso seria declarar-a, sem motivo a sua raça: Elle se levantou contra a tyrannia, contra o absolutismo do governo portuguez".

Realmente, o abnegado patriota não media sacrificios para agir material e moralmente, abriu mão de todos seus haveres e de todos os seus interesses, dos seus mais caros affectos e de sua propria vida para bem servir á Patria, o alvo supremo de suas aspirações altruistas.

Posto isto, comparando os 3 themas discutidos, vê-se logicamente que os vultos heroicos da Revolução Pernambucana, são incontrastavelmente os que melhor plano politico organizaram até hoje concebido na nossa historia colonial, preparando a nossa autonomia.

Se a nossa lei do Centenario restringiu a concepção do ideal republicano, obrigando a acção epica ser no Espírito Santo, cumpre-nos emendal-a no sentido da evolução social, sem precisar revogar seus bellos intuitos, somente libertando-a dos preconceitos regionaes.



Sessão solenne no Instituto Historico a 12 de junho de 1934, em homenagem a Domingos Martins.

Quando todos os estadistas modernos e republicanos evocam o movimento libertador de 17, como, verdadeiramente, o precursor da Independencia e da Republica, como se justifica a nossa educação civica deixando de cultuar a veneranda memoria do nosso insigne conterraneo, o chefe da Revolução, só pelo facto de não ter sido este Estado o theatro do seu heroismo!

Triste eventualidade!...

Mas, devemos dizer:— A gloria de Domingos Martins pertence ao Brasil inteiro, pertence tambem á Humanidade, entretanto os seus affectos ficaram bem repartidos com o Espirito Santo—o seu glorioso berço em 1781, de seu amado pai e dos seus dedicados irmãos, tambem companheiros da santa cruzada republicana; com Pernambuco, a terra querida de sua esposa, o circulo brilhante do convivio solidario dos fervorosos amigos e extremados companheiros de revolução, a séde do Governo-Provisorio e o proscenio dos acontecimentos civicos; com a Bahia—o lugar de seu heroico sacrificio a 12 de Junho de 1817 no *Campo dos Martyres*, e tambem o berço de sua amantissima Mãe! — Fatalidade!

E' extranhavel que se deixe o thema com-movente e empolgante, patriotico e opportuno da execução do nosso heroe e se vá pintar outro feito, embora nobre, comtudo inexpressivo e inopportuno e sem nenhuma correlação ou adaptação ao momento historico da acção politica, que se vae celebrar.

E' tão antipathica essa irreverencia á memoria do martyr republicano, que nos parece que vamos retrogradar ao tempo do nosso povoamento e ficarmos moralmente a quem de alguma taba dos nossos selvagens!... E' um sacrilegio que se comette, é um crime de lesa patri

tismo que se pratica, e jamais nos poderão absolver de tão gravissima culpa e de que havemos nos penitenciar por toda vida!

Em conclusão, pôde o patriotico Governo do Estado, na sua alta comprehensão dos destinos humanos, tomar o compromisso de mandar pintar os tres importantes themas de nossa Historia—Ararigboia, Anchieta e Domingos Martins; porém, o que é agora opportuno e está em fóco, para commemorar a nossa independencia politica, como contribuição genial do Espirito Santo, é o quadro expressivo e commovente do patriota espirito-santense sacrificado á sanha dos seus crueis inimigos por amor a essa independencia que idealisara e que executára, mas que logo a tyrannia derrocou; por isso mesmo, é o heróe do dia, é o alvo supremo de nossas homenagens, de nossas effecções civicas e de nossa veneração na commemoração do Centenario!

A concepção do quadro deve representar o momento tragico, quando o Heróe, ao sahir do carcere, de cabeça erguida, para ser arcabuzado no Campo dos Martyres, defronta a multidão, e, vendo passar o funesto cortejo, entre o official a cavallo, o alcaide e o confessor, grita altiva e desdenhosamente a celebre phrase: *Ide dizer ao vosso sultão, que eu morro pela liber... dade!*

As ultimas syllabas, o seu confessor não as deixou pronunciar...

Dadá essa commovente concepção, a magistral execução, do quadro dependerá do merito do artista que honrará o Espirito Santo, glorificado a immorialidade de seu insigne Filho!

Maravilhoso thema! Gloriosa tela! Será a mais sublime e patriotica contribuição artistica do Estado ás festas da commemoração da inde-

pendencia, que nos encherá de justo jubilo, enaltecendo, sobretudo, a nossa cultura civica, pela elevação moral.

Entretanto, confiamos nos sentimentos de justiça da illustrada Commissão Central do Centenario no Estado, afim de que só mereça applausos dos seus contemporaneos e só mereça louvores da Posteridade, que é o supremo juiz dos nossos actos.

Em 31—Julho—1921

UM DICCIONARIO INEDITO DA LINGUA INDIGENA

Comunicação feita, em 5/7/934, á Academia de Letras, pelo sr. Felix Pacheco — Como o Padre Serafim Leite, examinando o volume manuscripto, chegou a identificar o autor do trabalho — Quem foi e o que fez o jesuita brasileiro Pero de Castilho — Cabe á nossa terra a gloria de ter sido berço do primeiro autor de um dictionario da lingua dos indios que habitavam o Brasil — Cartas trocadas entre o eminente historiador portuguez da Companhia de Jesus e o autor da comunicação á Academia de Letras.

Na sessão semanal de hontem da Academia Brasileira de Letras o Secretario Geral Sr. Felix Pacheco leu a seguinte comunicação, que despertou grande interesse e entusiasmo entre os seus collegas:

"Sr. Presidente: Partiu domingo para Espirito Santo e Bahia o eminente jesuita portuguez Padre Serafim Leite, incumbido pelos seus superiores de completar a historia da Companhia no Brasil.

Da relevancia dessa missão já nos disse o douto sacerdote aqui mesmo neste recinto, quando foi de sua apresentação á Academia pelo intermedio prestigioso de Afranio Peixoto, uma especie de grande irmão leigo, da benemerita Ordem e cuja alta sciencia talvez não creia em tudo que seja religião, mas que nisto dos prodigi-

os da catechese dos jesuitas na formação do Brasil positivamente crê como tão lindamente o tem provado no seu pertinaz e bem succedido esforço para a publicação das *Cartas* e ainda ha pouco o confirmou no seu recente e optimo discurso de paranympho da ultima turma do Collegio Santo Ignacio.

Logo de entrada, trouxe-nos o Padre Serafim a novidade succulenta da biographia de Anchieta pelo Padre Caxa. O ultimo numero de nossa *Revista*, correspondente a Junho findo, insere nada menos de quatro preciosas contribuições do illustrado sacerdote, resultado de suas pacientes pesquisas nos archivos da Companhia. E a esses trabalhos todos temos de ajuntar a sua excellente conferencia de S. Paulo, projectando luz nova nas relações entre João Ramalho e os jesuitas que Nobrega chefiava em Piratininga.

Afranio Peixoto não quiz que o Padre Serafim partisse do Rio sem visitar a minha collecção de obras raras e manuscriptos sobre os jesuitas. Não é grande essa collecção, limitando-se a uns 200 numeros, e sobrando-lhe apenas em qualidade o que lhe falta em quantidade. Figuram nesse sector de minha Brasiliana os dois volumes de Balthazar Telles, que pertencerem a Eduardo Prado, *Imagem da Virtude* do Padre Franco, uma collecção completa dos famosos *Avissos*, com as quatro portas em edições *princeps*, as *Lettres Edifiantes*, varias edições das mais antigas de Figueira, muita cousa sobre Anchieta, todo o Vieira e o Simão de Vasconcellos, e ainda Ribadeneyra, Nieremberg, João de Lucena, a *Vida do Belchior de Pontes* pelo Padre Manoel da Fonseca, Maffei e Acosta nas edições latinas e francezas mais antigas, Montoya, Mamiani, o *Martyrologio Romano*, tresladado do latim em

portuguez por alguns padres da Companhia de Jesus (Coimbra, 1591), o *Treslado das Quatro Bulas Apostolicas* em que se contem a confirmação e declaração do instituto da Companhia de Jesus (Evora, 1601), o *De Rusticis Brasiliæ Rebus Carminum*, de José Rodrigues Mello, com o complemento de Prudencio do Amaral sobre o assucar (Roma 1781), para não citar senão os livros principaes.

Quatro peças, entretanto, sobrelevam nessa minha colleção e aqui as trago para mostrar aos collegas, que desejarem conhecê-las.

A primeira é uma edição rarissima (1551) intitulada:

Copia de umas cartas embiadas del Brasil por el Padre Nobrega de la companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre maestro Simon preposito de la dicha Companhia en Portugal: y a los padres y hermanos de Jesus de Coimbra. Tresladados de Portugues em Castellano. Recebidas el ano MDLI.

Cito a seguir os tres volumes manuscriptos:

Carta del Padre Roman, Superior de Las Misziones del Rio Orinoco em respuesta al Informe que el Key Senñor D. Phelipe quinto, que Dios aya le pediò de las dichas Misziones por Diziembre de 1729. (A carta tem muitas referencias ás missões jesuíticas do Rio Negro e será breve publicada).

Catalogo dos Religiosos da Companhia de Jesus presos na Fortaleza de S. Gião desde o anno de 1759 até 1766. (Essa relação traz a biographia abreviada de cada padre preso, indicando os que morreram no carcere, e o destino que tiveram os que foram soltos. Ha numerosos da dprovincia do Brasil).

Mas o Manuscripto principal é um vocabulario indigena datado, no fim, de Piratininga, 22 de Agosto de 1622, com uma segunda parte, em letra differente, referindo apenas os nomes das partes do corpo humano, e dando o jesuita Pero de Castilho como autor.

Seria esse Pero de Castilho tambem autor da 1.^a parte, mais volumosa e mais completa?

Quando vi esse volume manuscripto na filial dos Irmãos Maggs em Paris, percebi logo a sua enorme importancia, e, animei-me a compral-o, apesar do seu alto preço.

Mas não pude até hoje, e não o poudo Rodolfo Garcia, nem Affonso Taunay, identificar o verdadeiro autor. O Padre Serfim Leite, porém, havendo examinado detidamente o livro em minha bibliotheca, está convenrido de que é mesmo Pero de Castilho o autor.

E isso tem uma importancia incalculavel, porque acontece que Pero Castillo era genuinamente brasileiro. Anchieta e Figueira, que foram os primeiros que nos disseram da lingua do indio eram estrangeiros: Anchieta da ilha de Teneriffe, e Figueira, de Almodavar. Pero de Castilho era natural do Espirito Santo e estudou e recebeu ordens na Bahia. Foi, assim, o primeiro nacional, que compendiou num largo e bem feito dictionario a lingua dos indios.

Vou lêr á Academia a carta do erudito Padre Serafim Leite e a minha resposta, para que a auspiciosa revelação e descoberta fiquem constando dos annaes da casa:

A carta do Padre Serafim Leite e a nota inédita que a acompanhou

Rio de Junho, 28 de Janeiro de 1934

Exmo. Sr. Dr. Felix Pacheco, meu illustre Amigo.

Tenciono embarcar para a Bahia, domingo, no *Duque de Caxias*. Mas não quero deixar o Rio sem agradecer a V. Ex. o prazer intellectual que me proporcionou com a visita á sua esplendida livraria, e com a concessão do *Jornal do Commercio*.

Terei occasião de mandar para o seu jornal alguma collaboração escolhida, sobretudo depois que começar a redigir a *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*. Procurarei communicar ao publico brasileiro as primicias de alguns capitulos mais interessantes por seu intermedio. Entretanto enviarei algumas cartas ou noticias ineditas.

E agora alviçaras! pela bôa nova, tambem inedita, que dou a V. Ex.

Pela nota adjunta verá que Pero de Castilho é brasileiro, *natural do Espirito Santo*. Isto quasi que é sensacional; falando á maneira jornalística, pois até agora os grandes tupinologos eram todos de fora do Brasil, e apparece-nos agora um — e dos maiores — nascido cá.

Falando hontem por acaso com o snr. dr. Rodolpho Garcia, dei-lhe, com essa noticia, uma verdadeira alegria. E creia que não é menor a que experimento, quando as minhas investigações me levam a tão bons resultados.

V. Ex., que foi a occasião providencial desta descoberta e o feliz possuidor do precioso manuscripto brasileiro de Pero de Castilho, poderá fazer o uso que entender destas indicações.

E fica sempre á sua inteira disposição o que é

De V. Ex. admirador e menor criado — *Serafim Leite S. I.*

PEDRO DE CASTILHO

NOTA INEDITA

O P. Pero de Castilho é natural da *Villa do Espirito Santo*, onde nasceu em 1572. Entrou na Companhia de Jesus, na Bahia, em 1587, com 15 annos de idade. Estudou gramatica durante 4 annos e theologia moral por algum tempo.

Em 1606 já era sacerdote, e em 1608 fez os ultimos votos de Coadjutor Espiritual.

Foi Superior dalgumas Aldeias de Indios (era-o em 1616 da Aldeia de S. João Baptista, annexa ao Collegio da Bahia).

Fez duas grandes entradas ao Sertão : uma em 1613 ao Rio Grande; outra em 1621 ao interior da Bahia com o P. José da Costa Siciliano.

Da sua primeira missão deixou uma preciosa narrativa, dirigida ao P. Henrique Gomes, Provincial do Brasil, e escripta de Pernambuco, a 10 de Maio de 1614, em portuguez, intitulada *Relação da Missão do Rio Grande : 1613-1614*.

Possuo copia photographica desta narração, ainda inedita.

O P. Pero de Castilho dominava perfeitamente a lingua brasilica, que apprendeu na meninice.

Ainda vivia em 1621 no Collegio de Pernambuco com 59 annos de idade e boa saude.

E' a ultima referencia, que achei deste grande cultor da lingua tupy, nos documentos que tenho a mão. Talvez ainda encontre outro em estudos subsequentes. Mas estes são já por si realmente notaveis, e a propria relação da missão inclue outros... (Cf. Archiv. S. I. Roman., *Bras.* 5 (I), ff. 59x, 81v, 116, 123, 135v; *Bras.* 8, ff. 179-180).

Serafim Leite S. I.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1934.

Illmo. Revmo. Padre Serafim Leite.

Não quero deixar o illustre amigo partir para a Bahia sem lhe exprimir de modo muito especial o meu vivo agradecimento pela sua bondosa carta de 28 do mez passado.

Já providenciei para que o *Jornal do Commercio* lhe seja remettido regularmente com o endereço vindo no cartão, que acompanhou sua missiva.

Com o cabedal formidavel que até agora reuniu e com os elementos e achêgas que ainda se guirá colhendo em suas pacientes e exhaustivas peregrinações pelos archivos riquissimos da Ordem a que pertence e de que é um verdadeiro ornamento, imagino facilmente quantas contribuições valiosas não haverá de trazer á nossa historia, toda ella, no seu difficil e glorioso inicio, obra indiscutivel da abnegação e clarividencia da benemerita Companhia de Jesus.

Inutil dizer-lhe o prazer com que o *Jornal do Commercio* receberá qualquer artigo, que o amigo deseje vêr publicado no Brasil.

Espanta-me o que tão de prompto poudes informar-me a respeito do autor do vocabulario manuscripto, que teve ensejo de folhear na visita com que me honrou, e á minha modesta bibliotheca.

Faço, por ahi, idéa de como é farto o material que já ajuntou para a grande historia, que projecta escrever.

Na sessão de quinta-feira proxima hei de fazer uma communicação á Academia, lendo a sua preciosa nota inédita, e mostrando aos meus collegas do Petit Trianon o volume manuscripto, que em 1928 comprei na Europa.

Rodolfo Garcia teve em mãos varios mezes

esse Vocabulario e, pelo que me disse, o considera superior aos outros já conhecidos.

Se achar, como espero achar, especialista que se queira incumbir do trabalho de rever e prefaciar, farei imprimir o volume, rendendo desarte homenagem condigna ao primeiro brasileiro que, seguindo as pégadas luminosas de José de Anchieta e Luiz Figueira, diccionarizou o falar dos nossos indios.

Seria importante uma confrontação da letra do tomo manuscripto em meu poder com o da *Relação da Missão do Rio Grande*, 1613-1614, de que o amigo tem copia photographica. Não me poderia favorecer com um pequeno trecho dessa copia? Qualquer pagina ou meia pagina bastaria.

Vejo da nota que me mandou, que em 1621 Pero de Castilho andou pelo interior da Bahia com o Padre José da Costa, natural da Sicilia.

Se pudessemos fixar a data de seu retorno dessa entrada no sertão, seria muito importante.

E mais importante ainda se lograssemos comprovar que Pero de Castilho esteve em S. Paulo no anno immediato, isto é, em 1622.

Lembro-lhe, a proposito, que o volume traz no alto da folha de rosto desenhado:

VOCABULARIO NA LINGUA
BRASILICA, 1621

Não é esse, entretanto, o anno que vem indicado na quadra rimada de fecho do livro, depois das palavras—"Laus Deo Virginique Matri":

"Este livro intitulado
Vocabulario Brasil,
Foi começado em Abril.
Porem em Agosto acabado".
"1622"

Aos 22 de Agosto oitava de Assunção de Nossa Senhora. E em Piratininga."

A sua nota diz que elle fez em, 1613, uma entrada ao sertão do Rio Grande.

E' natural que tenha para isso partido de São Paulo.

Mais nesse mesmo anno já devia estar de regresso.

Recordo, a proposito, que o começo da 2ª parte do livro, escripta, como viu, com letra diferente, diz:

"Nomes das partes do corpo humano, pela Lingua do Brasil, com primeiras, segundas e terceiras pessas, e mais differenças que nelles ha; muito necessários aos confesores que se occupão no menisterio de ouvir confissões e ajudar aos indios, onde de continuo servem.

Juntos por ordem alphabetica pera mais facilmente se acharem e saberem, pelo Padre Pero de Castilho da Companhia de Jesus. Anno 1613".

Não ha duvida que o volume manuscripto em meu poder, comprado em 1928 aos livreiros Maggs pela somma de 50.10 sh., é o mesmo que figura sob n. 30.200 no Catalago de venda de Quartch (Julho de 1885), de onde o Padre Carlos Sommervogel tirou a referencia, que vem no tomo II, col. 846, da *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*.

Se me quizesse o eslorçado pesquisador fornecer copia dos documentos que possui sobre esse Pero Castilho (e eu me comprometto desde já a pagar as despesas que a reproducção dessas copias acarrete), seria um alto favor.

Presumo que vamos por bom caminho e levamos segura pista.

Ha tanta cousa ainda a relatar dos traba-

lhos herculeos e proveitosos da Companhia de Jesus nos começos do Brasil!

Tenho cada vez mais a impressão de que o nosso paiz deve aos jesuitas tudo que depois teve a fortuna de poder vir a ser. As primeiras paginas das chronicas de nossa vida nacional, foram elles que as escreveram. Estão assim, e para todo o sempre, dentro dos alicerces mesmo da nossa propria nacionalidade, como elemento principal de seu destino e de sua formação.

Bem haja, meu nobre amigo, a tarefa que tomou aos hombros e com tamanho brilho está desempenhando, de encher os claros, que ainda subsistem nessa opulenta historia!

Creia que não poderia Vossa Reverendissima prestar mais util serviço á sua benemerita Companhia e ao Brasil e a Portugal, do que proseguindo nessa bella empresa literaria, de inteira reconstrucção da verdade á luz de documentos, por emquanto não sabidos e ineditos.

Junto o volume que lhe destino das *Duas Charadas Bibliographicas*, com um outro que lhe peço fazer chegar á Bibliotheca Nacional de Lisbôa, onde ha especialistas de nota que talvez possam ajudar a esclarecer o caso do *Luzeiro Evangelico*, o primeiro livro impresso em portuguez na America, e definir a autoria desse trabalho, esmiuçando bem a pseudonymia de Juan Baptista Morelli, disfarce de que usou Frei Fulgencio Leitão em outras obras, sem que se possa afirmar, com segurança, que lhe caiba igualmente a paternidade daquella de que se trata.

Espero que examine tambem o caso do jesuita chileno, filho de portuguez de que me occupo no fim do volume e para o qual chamou minha attenção o seu distinto collega de São Paulo, Padre Murillo.

Desejando-lhe, bôa e fructuosa viagem, subcrevo-me com o mais alto apreço e a mais agradecida estima e consideração

Crdº Attº Obgº, seu Admor.

Felix Pacheco"

Terminada a leitura da comunicação o Presidente, Sr. Barão de Ramiz Galvão, declarou que a Academia recebia com especial agrado a noticia que o Sr. Felix Pacheco lhe trazia, e salientou a importancia da revelação bibliographica de que a casa tivera as primicias.

O Sr. Roquette Pinto, pedindo a palavra declarou que a Academia de Letras devia considerar como um de seus melhores dias aquelle em que lhe era participado tão importante achado. Lidando de perto com todos esses assumptos, que se prendem aos nossos aborígenes, estava bem em condições de avaliar a importancia de um lexico da natureza daquelle de que se trata, de data tão afastada, o primeiro que se fez, e foi feito por um brasileiro. E o regosijo dos especialistas era tanto maior quanto o feliz proprietario desse precioso cimelio, ao mesmo tempo em que fazia a sua interessante comunicação á Academia, acrescentava a promessa da publicação do valioso trabalho.

Os quatro volumes sobre que versou a comunicação do Sr. Felix Pacheco estiverem na occasião expostos na meza e foram examinados e apreciados por todos os academicos, presentes á sessão.

(Ext. do "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, de 6-7-1934)

HISTORIA REGIONAL

OSWALDO POGGI

O movimento alliancista, que derribou a primeira republica e creou a actual, era uma acção conjuncta das opposições que existiam aos governos estaduais.

Exceptuavam-se dessa regra os Estados da Parahyba, de Minas Geraes e do Rio Grande do Sul, nos quaes a alliança eram os governos constituidos.

Foi com esses elementos, aos quaes mais tarde se juntaram as classes armadas, que, em Outubro de 1930, sahiu victoriosa a revolução que depoz o então presidente Washington Luiz.

Aqui, como em toda parte, a acção dos reactionarios consistiu em discursos, na praça publica, que, de serto, não foram muitos, e artigos de jornaes.

A *Gazeta* foi o baluarte da propaganda liberal.

Fôra a acção commoda dos discursos e artigos de imprensa, a propaganda entre nós, se notabilizou pelos successos da celebre noite de 13 de Fevereiro.

Segundo se tem dito, o governo de então fôra informado de que, depois do *meeting* que, naquella noite, se realisaria em frente ao Carmo,

a opposição, paronymphada pela caravana liberal que aqui se achava, deporá o presidente do Estado, ajudada pelo 3º de Caçadores.

Por isso, entendera o chefe do Estado de mandar guarnecer a praça do Carmo por tresentos, ou quatrocentos, soldados bem montados e bem municidados.

Não me parece aceitavel a explicação.

Si, realmente, o detentor do poder suspeitava que alguma ameaça lhe pesava sobre a cabeça, teria sido logico que essa soldadesca, ao envez de ir para o local do comicio, cercasse, o que seria facilimo, o palacio do Governo.

Parece, que o que levou o Governo a dar aquelle passo infeliz, foi antes o proposito de mais uma vez assegurar ao chefe da Nação o seu apoio incondicional.

Si não foi isso, é possivel que a sua intenção fosse a de, por uma antecipada demonstração de força, diminuir a votação alliancista nas eleições que estavam proximas.

Pode ser tambem que o chefe de Estado tivesse querido exercer uma *revanche* á violencia com que, na vespera, se referira á sua pessoa, num discurso popular, o Dr. Pires Rabelle.

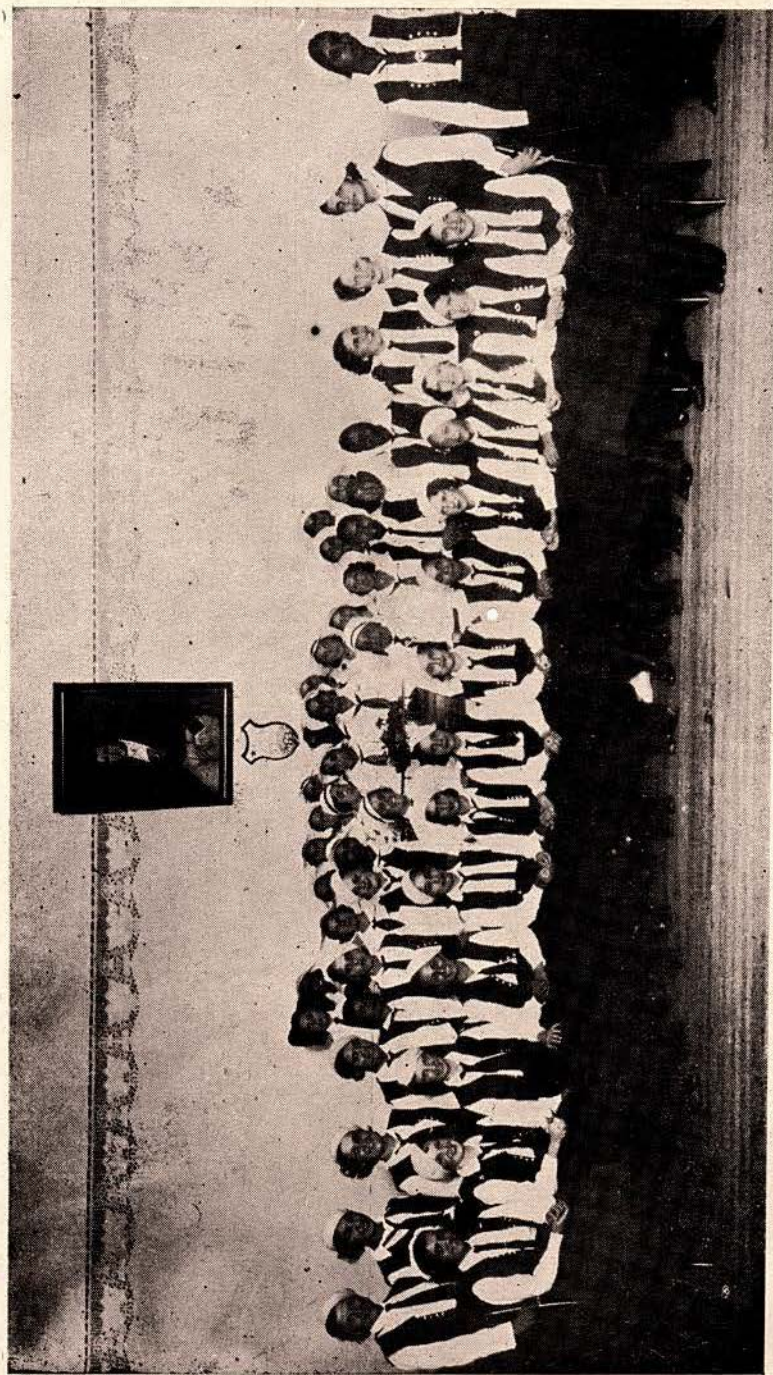
Certo é que o tiroteio cerrado, que durou uma hora, sem interrupção, tinha um objectivo.

Mas a ordem não foi no sentido de se atirar contra o povo.

Testemunhas visuaes atestam que o fogo foi dirigido para o ar.

Houve, é certo, mortes e ferimentos cuja extensão e gravidade nunca foram inteiramente apuradas.

Mas isso foi obra de uns trinta, ou quarenta, que malvadamente assestaram as armas contra a massa popular.



Alumnas da Escola Normal Pedro II em visita ao Instituto Histórico,

Aliás, si todos tivessem atirado contra o povo, os mortos subiriam a mais de um milheiro.

E, si a policia fosse realmente uma corporação composta de bandidos, grandes calamidades — incendios, roubos e violencias mais graves bem facéis de calcular — terem ocorrido, naquella noite.

Deve-se, portanto, a um pequeno numero, as malversações que se deram.

Além do tiroteio formidavel, deu-se, naquella noite, o empastelamento da *Gazeta* que, dois ou tres mezes depois, reappareceu, desrespeitos e desacatos a transeuntes e o assassinio brutal, occorrido na praça João Climaco, praticado pelo soldado de sentinela do palacio do Governo, contra um pobre sorveteiro que, atemorizado pela fuzilaria, atravessava a praça, ás carreiras.

Mas afinal venceu a Revolução e certamente ninguem teria razão para surpresas.

O presidente Washington Luiz, que nunca dera apreço ao estado de sitio, decretara-o afinal para todo o paiz e chamara ás armas os reservistas de toda a nação.

O Dr. Aristeu Aguiar cometera o grave erro politico de mandar toda a policia ao encontro do coronel Octavio Amaral, voluntario alliancista, para cortar os passos ao bando revolucionario, que este commandava.

O resultado é que a policia dispersou-se e o governo ficou indefeso.

O presidente do Estado não estava, de resto, de accordo com os planos de defesa adoptados pelo coronel José Armando, commandante do 3º de Caçadores.

Isso fôra dito pelo proprio Dr. Aristeu Aguiar, em manifesto que publicara algum tempo após a Revolução.

E, enquanto isso, o coronel Octavio Amaral, com seu pessoal disciplinado, estava quasi ás portas da cidade.

Nessas condições, o Dr. Aristeu decidiu embarcar, com sua a sua familia, num navio mercante italiano, que se achava no porto.

Fez o que D. João VI já havia feito, quando Junot, a mandado de Napoleão Bonaparte, investiu contra Portugal e Guilherme II, em 1918, no expirar da conflagração européia, correndo precipitadamente para a Hollanda e sendo detido, nas fronteiras deste paiz e da Allemanha, por um soldado flamengo.

Pode-se dizer que o ex-presidente não está historicamente mal acompanhado.

Mas a surpresa dessa viagem, que se realizou na manhã de 16 de Outubro de 1930, desagradou a muita gente.

Para se ter uma ideia do que foi essa viagem precipitada, cito o seguinte episodio, verdadeiro ou não:

Estava um dos auxiliares directos da administração em palestra com o ex-presidente, quando foi chamado ao telephone.

Depois de se ter entendido com quem reclamava telephonicamente a sua palavra, voltou a reatar a conversação com o ex-presidente.

Não o encontrando mais onde o deixara, indagou delle e soube que já tinha embarcado no *Altanta*, com a familia.

Como o vice-presidente do Estado se achasse ausente, pessoas da situação decidiram mandar chamar o presidente do Congresso, que, na falta do vice-presidente, era o legitimo successor do presidente do Estado.

O Dr. Antonio Athahyde, pois era este o presidente do Congresso, chegou a palacio para

assumir o seu posto, e como, no estado de anormalidade em que tudo se achava, as repartições publicas não funcionavam, não havendo um amanuense que manipulasse um officio, o Dr. Athahyde tomou um automovel, deu um passeio pela cidade e voltou ao palacio do Governo, onde encontrou o coronel José Armando já de posse de uma comunicação telegraphica do presidente da Republica, de que o tinha nomeado interventor, visto ter o presidente constitucional abandonado o poder.

Mas o interventor não foi mais feliz do que o presidente do Congresso.

A 18, entrara ás tantas da noite, em Victoria, com o seu bando, o coronel Amaral e, naquela mesma noite, embarcara para o Rio, o coronel Jose Armando, pois o Batalhão de Caçadores decidira afinal adherir á revolução.

No dia seguinte, a Junta Governativa tomava posse do Governo do Estado e, a exemplo do que se dera com governo estadual, os municipios foram adoptando um Governo trino—provavel originalidade nossa, pois, vencedor o movimento na capital, achava-se a junta perfeitamente armada para nomear os prefeitos.

Alguns dias depois, o Congresso do Estado decidira destituir o Dr. Aristeu Aguiar, do cargo de chefe do Estado, por ter abandonado a presidencia.

Essa destituição fôra votada por trese deputados.

Houve um deputado que lhe deu voto contrario. Oito ou nove estavam ausentes.

Havia duas ou tres vagas.

Mas fôra uma destituição que, a meu ver, não tinha razão de ser.

Si o Estado entrara num periodo francamen-

te dictatorial, o Congresso do Estado se achava automaticamente dissolvido.

Não se comprehende uma corporação legislativa numa dictadura, que uma Revolução creou.

Entrava-se num periodo de renovação politica em que a funcção de legislar pertenceria ao poder executivo.

Um mez depois, o governo federal nomeou o primeiro interventor deste Estado que foi unico, ao contrario do que se passou em quasi todos os Estados.

São estes, em linhas geraes, os acontecimentos mais notaveis sobre o movimento alliancista, seus antecedentes e seus consequentes, no Espirito Santo.

O que ahi está escripto, é um registro de acontecimentos, acompanhado de algumas apreciações, pois a Historia, sem a critica, não é Historia: é simples repetição material de factos.

Nenhum *part-pris* inspirou as presentes linhas que, de resto, podem servir de base, ou de esclarecimento, a um estudo historico mais substancioso.

OSWALDO POGGI

(1) Os factos referidos no presente artigo constam de jornaes e revistas da epoca, deste Estado e do Districto Federal, de boletins, de manifestos e da tradição oral entre pessoas, que os presenciaram e outras que de-tas mesmas pessoas os ouviram.

O Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo — commémorando a data anniversaria do povoamento do solo espiritosantense — recebeu o exmo. sr. Interventor Federal, capitão João Punaro Bley, como seu socio de honra — Os discursos proferidos

Ante-hontem, pontualmente, ás oito horas da noite, o Instituto Historico e Geographico do Estado ostentava a sua séde completamente cheia de elementos destacados e representativos na sociedade victoriense.

As mais altas autoridades publicas—o exmo. sr. Interventor Federal, os srs. Secretario do Interior, da Fazenda e da Agricultura, Prefeito da Capital, Delegado Fiscal, directores e chefes de serviço publico—senhoras da nossa elite social, comerciantes de elevada categoria, professores, colegiais, jornalistas e numerosos socios do Instituto Historico, formavam brilhante e distincto conjunto, que, raras vezes, se tem visto em reuniões como aquella.

Poucos minutos depois das 8 horas, iniciou-se a solennidade, dirigindo a sessão o dr. Antonio Francisco de Athayde, illustre presidente da Casa do Espirito Santo.

Erguendo-se, o velho espiritosantense, que dá ás suas palavras o prestigio incontestavel de

longos e grandes serviços prestados á nossa terra, proferiu, sob respeitosa attenção, esta aloucação, que foi fortemente applaudida:

"Caros confrades:

Por proposta dos membros da Directoria desta Casa, de accôrdo com o art. 9 letra B, dos Estatutos, presta hoje compromisso, de Socio Honorario o exmo. sr. Interventor Federal, capitão João Punaro Bley, illustre chefe do Poder Executivo do Estado.

Sr. Interventor: Ao entrar v. exa. para a Casa do Espírito Santo, assume o nobre e patriótico encargo de zelar, com amor, as tradições gloriosas de nossa terra, empenhando-se, com devotamento, na defesa do nosso patrimonio historico e geographico, em tudo que puder, afim de que este operoso Estado que v. exa. dirige actualmente, com tanto tino, possa evoluir superiormente, até attingir o nivel maximo dos seus grandes surtos do pensamento, do sentimento e da actividade humana.

Exaltemos sempre a obra maravilhosa e surpreendente dos nossos Maiores, cultuando as nossas memoraveis datas historicas, marcos indestructiveis da nossa civilização.

Estão na consciencia do heroico povo capichaba, as deslumbrantes realizações, por occasião das festas civicas e religiosas nesta Capital, em homenagem ao quarto (4º) centenario do natalicio do incomparavel Missionario—o Padre José de Anchieta.

V. exa., sr. Interventor, muito exaltou o realce dessa comemoração solenne, levada a effeito no Theatro Gloria, na noite de 19 de Março findo, com uma distincta assistencia de duas mil pessoas, approximadamente.

Foi sob os auspicios do Governo do Estado,

que o Instituto Historico cumpriu dignamente o seu dever civico, celebrando, no Espirito Santo, a data magna do natal do Apostolo do Brasil, com as honras e pompas a que elle tinha tambem direito, como insigne filho adoptivo do Espirito Santo, em Kerigtibá, onde doutrinou tantos annos e preferiu ahi morrer. Não se pôde, pois, glorificar o Passado, sem primeiramente homenagear os obreiros desses feitos extraordinarios, estadios assignalados do progresso humano.

Muito contribuiu o Catholicismo para os primordios de nossa nacionalidade.

Diz Augusto Comte : Não ha sociedade sem governo e sem religião.

O eminente Jesuita Padre José de Anchieta honrou a nossa brasilidade, porque cooperou no sentido positivo da evolução humana. O seu maior serviço prestado foi de transformar o indio bravio, nomade e errante, no indio paciente, manso e sedentario. Organizou a estabilidade da aldeia, principio fundamental da existencia social da tribu. Ella já tinha o seu *cacique* (governo); o seu *pagé* (religião); os rudimentos da familia e a sua linguagem onomatopaica, elementos constitutivos e espontaneos da sociedade, em qualquer estado ou gráu de sua formação embryonaria. Faltava-lhe o pouso, a occupação territorial, a propriedade, propriamente, que o Apostolo garantiu com o seu verbo evangelico e com a doçura do seu coração, insurgindo-se contra o avanço das tribus errantes e os ataques oppressores dos barbaros bandeirantes, ás aldeias já instaladas.

Meus senhores: Referindo-nos á instituição da propriedade, cumpre-nos afirmar que a riqueza é social em sua origem, e o deve ser em seu destino. A riqueza collectiva ou o capital humano é

creado pelos nossos predecessores: é obra do passado.

Assim fundado, é conservado e augmentado pelo trabalho constante do conjuncto dos nossos contemporaneos. A contribuição individual, pois, na producção do capital, humano, moral ou material, é infimamente pequena, comparada ao trabalho formidavel das gerações anteriores, na collaboração exuberante da riqueza patrimonial da Humanidade.

Além disso, é necessario e inevitavel que a riqueza tenha uma apropriação pessoal no seu conjunto, para sua applicação digna e efficiente. Porque ella não pertence a ninguém, propriamente; mas é de todos, nos seus grandes comprometimentos e geraes operações beneficiarias.

As organizações bancarias, por exemplo, onde se accumulam grandes fortunas individuaes, só ellas pôdem fornecer o material necessario para as grandes realizações, destinadas a empreendimentos indispensaveis e inadiaveis á vida cosmologica e biologica, em favor das collectividades humanas.

Só um povo de heterogeneidade ethnographica, sem autonomia em seu territorio, o russo, por exemplo, pôde comportar um regime industrial de captiveiro economicó, meramente artificial.

Os communistas, desconhecendo por educação, a verdadeira concepção altruistica da propriedade, substituem ao egoismo individual, o egoismo colectivo dos contemporaneos.

A organização industrial é, pois, um regime natural. Estabelece a divisão da massa activa em empresarios e patrões, em operarios e proletarios. E' uma organização espontanea da industria que dirigirá sempre, necessariamente, uma verdadeira actividade pacifica para a felicidade hu-

mana, dando-se fatalmente a incorporação social do proletariado, na defesa do seu trabalho e no amparo á sua familia, á sua invalidez e á sua velhice, em obediencia aos seus interesses e aos deveres reciprocos, entre elles, o patrão e ope-
rario, — sem protestos ou *greves*. *A obediencia é a base do aperfeiçoamento humano.*

Tudo neste Mundo é relativo. Todos nós precisamos uns dos outros, isto é — todos nós dependemos physica e moralmente uns dos outros.

Não ha povos independentes, bem assim individuos.

Meus senhores: Ha actualmente uma conflagração philosophica—no pensar, no sentir e no agir dos homens. Lavra uma desordem espiritual, uma desconfiança no Mundo. Atravessa-se um periodo de transição. Os povos civilisados, de liberdade de pensar, caminham, entretanto, para a conquista de uma fé unica e demonstravel, que é a consagração de uma synthese geral. A fraternidade universal é, pois, a verdadeira aspiração, a finalidade de nossa especie—E' o ideal dos guias da Humanidade.

As conquistas liberaes do pensamento, do sentimento e da industria já se integraram no patrimonio social e moral de todos os povos. Cumpre nos respeitá-las, defende-las e comemorá-las com altruismo, tendo-se em vista a lei da evolução—*o homem se agita e a Humanidade o conduz.*—Veneremos os nossos antepassados.

Meus senhores: Hoje, 23 de maio, é a maior data tradicional do calendario capichaba. E' a data gloriosa em que o fidalgo português Vasco Fernandes Coutinho aportou, com seus destemidos companheiros de jornada, na enseada de Piratininga, em Villa Velha, em 1535, para tomar pos-

se de sua capitania, doada por D. João III, casualmente, no domingo festivo do Espírito Santo, do calendario da Igreja Catholica.

Baptisada, pois, com o nome de Capitania do Espírito Santo, tem sido este predestinado territorio, o theatro de acções heroicas e nobres.

Nesta data memoravel é que v. exa., sr. Interventor, assume o seu compromisso de honra, de membro deste Instituto. E', pois, um acto muito significativo para V.Exa., E' de hoje a um anno, em 23 de maio de 1935, que assignalaremos na existencia cosmologica e evolutiva desta terra querida, a epopéa sublime de quatro seculos de lutas aggressivas e de sacrificios inauditos, bem como, de triumphos e de glorias do nosso amado Espírito Santo, em sua defesa autonoma, pela sua felicidade.

E' com extraordinaria imponencia que o Instituto Historico pretende commemorar a aurora iniciadora dos seus destinos, cumprindo o seu dever civico, na celebração da festa encantadora e solenne do povoamento da nossa terra, berço incorporavel de nossa existencia social, em collaboração auspiciosa com o patriotico governo do Estado.

Sr. Interventor: V. Exa. vae agora cumprir o seu compromisso de socio honorario da "Casa do Espírito Santo", por entre os vibrantes applausos de todos nós, da esperançosa mocidade capichaba que nos escuta e do illustrado e selecto auditorio, que nos honra e nos encoraja neste festivo momento, com sua cavalheirosa assistencia de franca cordialidade".

Convidado para prestar o compromisso ritual, o Exm^o. Sr. capitão Punaro Bley repete firmemente o juramento estatutario e, com a palavra, discorre fluente e substanciosamente sobre pontos heroicos da Historia Militar brasileira, de-

monstrando, em feliz e eloquente parallelo, como o glorioso Exercito Nacional, muitas vezes, nas phases culminantes da existencia da Patria, pela bravura, intelligencia e heroismo de seus generaes, tem alcançado triumphos e glorias tão notaveis quanto os que exaltam a galhardia e patriotismo dos mais famosos guerreiros europeus.

O discurso de S. exa., o sr. Interventor Federal, patenteou bem, de modo flagrante, como o seu patriotismo, a sua convicção militar, o seu arrebatamento civico se fortalecem, constantemente, no manuseio e trato dos autores, que recolhem, fixam e realçam, nas paginas vibrantes de seus livros, os grandes exemplos de energia, de character, de denodo epicos, com os quaes se esmaltam as biographias dos Caxias, dos Osorios, dos Florianos, que tanto honraram e engrandeceram o Brasil.

E, perorando, s. exa. concluiu, sob intensa vibração de applausos, que o selecto e numeroso auditorio lhe deu, com expressivo agradecimento ao gesto do Instituto Historico, incluindo-o entre os seus socios de honra e com ardente appello para que todos os que são da "Casa do Espirito Santo" perseverem, zelosos e vigilantes, na defesa de suas tradições memoraveis, estudando, investigando, diffundindo todas as riquezas de sua Historia e de sua Geographia, nos multiplos ramos de suas actividades. E finalizou, repetindo esta phrase de ouro:

"A nação como o individuo é o fruto de um longo passado de esforços, de sacrificios e devotamentos. O mais legitimo de todos os cultos é o dos antepassados: elles é que fizeram o que nós somos."

Depois de cessado o fragor das palmas, que essa magnifica oração mereceu, nosso redactor,

prof. Elpidio Pimentel, orador do Instituto, teve a palavra para produzir esta saudação:

"Senhores !

23 de maio de 1535 ! 399 annos atrás. Recue-mos, pela imaginação, até lá. A floresta virgem, a matta opulenta, a montanha alpestre. O passado alegre e canoro. A gloria aurifulgente das alvoradas radiosas. A polychromia magica dos crepusculos feiticeiros. O regio esplendor de plenilunios ossianicos. O seio inesgotavel e maternal da terra, multiplicando-se em seiva, na gloria verde da chlorophylla, para agasalhar, em copas oscilantes do arvoredo selvagem, a felicidade harmoniosa dos ninhos. Mais louge, nas praias morenas de Itapoan, a eterna energia cosmica do Oceano, ameaçando a vida, a opulencia e a belleza nativas do rectangulo de solo, que ia ser, no baptismo da civilização, a Chanaan dos colonizadores brasílicos, a generosa, a fecunda, a heroica, a querida e boa terra do Espirito Santo. E dentro dessa magnificencia de formosura e de riqueza, dominando-a, entrecortavam-se os sibilos das flechas mortíferas de aymorés, de tupiniquins e de goytacazes — descendentes autocthones do lendario Tamandaré, senhor primitivo e absoluto da immensidão territorial, a que chamavam Pindorama — disputando entre si a gloria do predominio de suas tribus e tabas, neste rincão do continente colombiano.

Foi então que chegaram os emboabas. Vinham esfomeados de ouro, esporeados de ambição conquistadora, orgulhosos de seu poderio marcial. Mas os lindos sonhos de riqueza immediata e facil falharam lhes. O bugre, defendendo ferozmente o seu direito de propriedade sobre o chão, onde se guardavam, ha millenios, as igacabas dos seus antepassados, fez soar a inubia guerreira,

aprestou os carcazes de settas ervadas, encordoou de tucum os arcos flexiveis para a luta tremenda, e das montanhas, que eram as suas casas, o por trás dos troncos de arvore, que eram os seus escudos, mostraram a Vasco Fernandes Coutinho e aos seus companheiros de aventura, que muito sangue, muito esforço, muita tenacidade e coragem deveriam assignalar as primeiras decadas da conquista lusitana, os primeiros decennios de colonização da capitania, em que hoje, tão festivamente, nos reunimos para o encantamento desta solemnidade, uma das mais fulgurantes e auspiciosas na evolução do nosso Instituto Historico.

A Civilização — era fatal — tinha que vencer o anachronismo daquelles barbaros, que estavam exilados do mundo, numa epoca em que a humanidade, pelo genio de Dante, pelo invento de Guttemberg, pela presciencia de Colombo, pela epopéa de Camões, pelas maravilhas de Da Vinci, pelo polymathismo de Shakespeare, esplendia, exaltava-se, fulgurava em lampejos e reverberos solares, glorificando perpetuamente a Intelligencia de seus super-homens.

E, assim, contidos, rechassados, mortos os bravios indios, que acompanhavam para as poezias da victoria, ou para as mussuranas do sacrificio, os canitares tremulantes de seus intrepidados Piraogibs e Maracaiáguassús, puderam os cruzmaltinos das caravellas de Vasco Coutinho enfiar, nesta terra, ha quasi quatro seculos redondos, os marcos inextinguiveis de sua possessão. Assim iniciaram o povoamento branco da donataria, que d. João III dera áquelle seu vassalo, premiando-lhe serviços e bravuras nos dominios lusitanos da Asia e da Africa.

Para os pioneiros arrojados daquella empreitada temeraria, para os patriarcas benemeritos do

progresso, da prosperidade, da illustração, do conforto e do contentamento, que hoje desfrutamos, volvamos um pensamento puro de saudade e de gratidão!

Agora, exmo. sr. capitão João Punaro Bley --permiti me que vos dirija a palavra de jubilo, de entusiasmo, de desvanecimento da "Casa do Espirito Santo", inscrevendo-vos, no dia que tanto refulge em nossa historia estadual, na lista de ouro dos seus eminentes socios de honra.

Esta homenagem que os vossos patricios deste Instituto vos estão tributando, exprime bem, na plenitude da sinceridade, a certeza, a convicção da justiça, que nos levou a trazer-vos para esta casa em que, pelo estudo, pela investigação historica, pelo zelo ás nossas tradições respeitaveis, cultuamos o passado digno do Espirito Santo, erguidos sobre as realidades e conquistas enobrecedoras do seu presente, de olhos psstos nos fulgores mirificos do seu futuro.

Não fomos pressurosos em procurar-vos nos primeiros tempos de vosso convívio comnosco. Não nos moveu o impulso malsão da lisonja. Não nos conduziu o proposito egoistico da bajulação. Quasi quatro annos, os que fazemos a historia do Espirito Santo e a reverenciamos, vimos acompanhando, observando, analysando a vossa actuação, a directriz serena e firme, dentro das normas restrictivas da honestidade e do patriotismo, com que tendes governado o povo espiritosantense.

E, dado rigoroso balanço nesse quatriennio de vossa administração, ninguém, que tenha olhos para vêr a verdade, espirito para admirar o triumpho alheio, coração para premiar a probidade e o merito, poderá negar-vos o regosijo vibrante do seu applauso, o conforto animoso de seu apoio,

o testemunho selectivo de sua sympathia e solidari-
idade, que não ha de ser sinão a ressonancia das
vozes da collectividade espirito-santense, agrade-
cida á dedicação, á serenidade, á clarividencia
com que tendes olhado e dirigido os seus supre-
mos destinos, dentro da grandeza triumphal e
immensa do Brasil.

Estamos, pois, aqui, nesta corporação, que
é indice patrimonial das conquistas intellectuaes
e moraes do Espirito Santo, cordialmente jubilo-
sos da vossa presença, do vosso auxilio, da vos-
sa cooperação.

Continuaremos, bem unidos, no estudo e no
trabalho sob o exemplo das capacidades constru-
ctivas, para collocarmos a terra, que se orgulha
de ter guardado, no refugio mais gasalhoso do
seu coração o corpo santo de Anchieta para del-
le tirar, dois seculos depois, a irradiante fulgu-
ração civica de um Domingos Martins, -- na no-
breza, na excelsitude, no apogeu em que anhelam-
os ve-la, justificando a ufania de seus filhos, o
orgulho da Patria e a gloria de Deus!"

Foram, então, encerrados os trabalhos, ten-
do antes o dr. Antonio Athayde agradecido o
comparecimento do distincto auditorio.

— Bateram-se chapas photographicas da im-
portante solemnidade, apanhando os seus aspe-
ctos culminantes.

— A banda de musica R. P. M. do Estado
concorreu para mais animar a reunião.

Nossa brilhante collega vespertina "A Ga-
zeta", em sua edição de hontem, assim se refe-
riu á importante solemnidade civica do Instituto,
a que nos estamos reportando:

"Deixou a melhor impressão a reunião hon-

tem levada a effeito no Instituto Historico e Geographico para a commemoração da data.

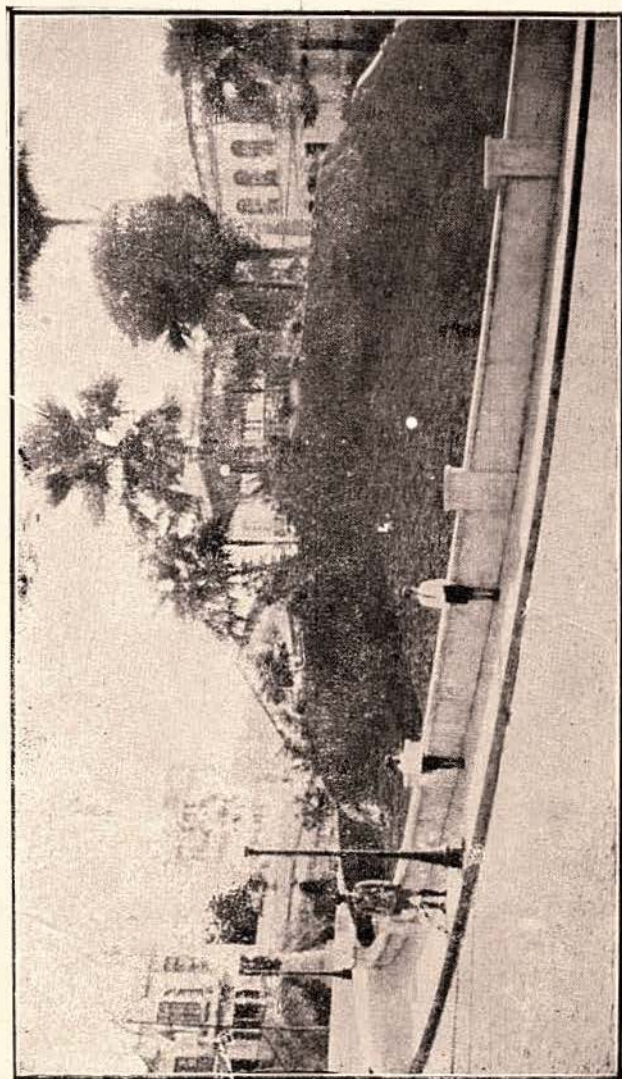
O cap. João Punaro Bley foi recebido na Casa do Espirito Santo, na qualidade de socio de honra, revestindo-se, assim, a solenidade de honrem, no Instituto, de um cunho verdadeiramente festivo.

Grande e selecta foi a assistencia, notando-se a presença de autoridade federaes, estaduaes e municipaes, secretarios de Estado, representantes de varias instituições, familias e pessoas gradas.

A sessão foi presidida pelo dr. Antonio Athayde que pronunciou palavras allusivas á data, fazendo justas referencias ao gesto do Instituto, incluindo no seu quadro social o nome do Interventor Punaro Bley.

Seguiu-se o acto da posse, tendo o novo socio de honra pronunciado de pé, as palavras de uramento, que foram encerradas com viva salva de palmas.

O Interventor Bley, já empossado, leu o seu discurso que deixou em todos forte impressão. S Exa., agradecendo a honra que lhe era tributada pela Casa do Espirito Santo, demorou-se em varios pontos historicos, tendo escolhido o Exercito Nacional para thema do seu bello trabalho. Foi revivendo varios pontos de honra da historia do Exercito Nacional, com referencias especiaes aos homens que souberam ser grandes e respeitados pelo seu heroismo e devotamento á Patria, que o orador fez das suas palavras um verdadeiro hymno ao patriotismo e bravura da nossa gente. O seu discurso deixou impressão de muito agrado, sendo applaudido demoramente. Outra peça de grande valor foi o discurso do orador official da Casa do Espirito Santo, prof. Elpidio



Jardim da praça Pedro Palacios.

Pimentel, que foi felicissimo no completar a belleza daquella festa.

S. S. iniciando o seu discurso num vôo retrospectivo de imaginação a cerca de quatro centos annos atrás, descreve o Espirito Santo das primeiras cruzadas de povoamento, enaltecendo a bravura indigena e quadrando numa verdadeira poesia, a belleza selvagem daquella epoca. Tocando varios pontos da nossa civilização, chega o orador aos dias presentes, resumindo em palavras de fé a grandeza e as possibilidades do nosso Estado.

Referindo-se á posse do Interventor Bley, o orador faz justas referencias á sua obra de Governo e declara mesmo que o Instituto, fazendo o convite que se vinha de consubstanciar, na realidade, não teve em mira a lisonja nem a bajulação, por isso que, só depois de quasi um quadriennio de sua gestão, assim procedeu, ou seja, depois de medir e bem avalliar a benemerencia da sua obra governativa.

O orador foi muito felicitado, sendo, com o agradecimento do presidente Athayde, encerrada a sessão ao som do Hymno do Espirito Santo, executado pela banda da Policia Militar."

(Ext. do "Diario da Manhã", de 25-5-935)

DOMINGOS MARTINS

(NOTAS DE IMPRENSA)

Revestiram-se de grande brilho as homenagens ante-hontem prestadas á memoria de Domingos José Martins, esse vulto espirito-santense que em 1817 pagou com a propria vida o seu *crime* de trabalhar com coragem, com arrojo, com patriotismo, por uma patria livre.

O programma traçado para essas homenagens foi seguido á risca.

Pela manhã os escoteiros da Tropa "Domingos Martins" se dirigiram á Praça "João Climaco" e ahi, em frente ao monumento do grande Martyr, cantaram o Hymno Nacional e a Canção Capi-chaba. Em seguida cobriram o monumento de flores naturaes. Durante todo o dia o monumento esteve guardado por patrulhas escoteiras.

A's 15 horas os socios do Instituto Historico e Geographico e commissões de alumnos dos principaes estabelecimentos de ensino visitaram o monumento.

Depois de falar Aricipo Ramos, escoteiro da Tropa "Domingos Martins", o professor Placidino Passos, assistente Técnico do Departamento do Ensino Publico, pronunciou o seguinte discurso:

—Honra-me a incumbencia de vos dirigir a palavra neste momento em que glorificamos um heroi insigne filho desta mesma terra por que lutamos para engrandecel-a. E o fazemos movido

pelo mesmo sagrado sentimento que ardia n'alma do inolvidavel vulto—Domingos Martins—cujá memoria merece com justiça, o nosso culto de respeito e cujo nome aureolado deve ser sempre pronunciado com a mais santa veneração.

E' do conhecimento da historia patria que nascem as bellas licções de civismo. E' do conhecimento dos grandiosos feitos nacionaes que brota o patriotismo, acendrado amor que crêa e acende os mais elevados ideaes em prol do engrandecimento e gloria da Patria.

Justa, portanto, é esta homenagem. Grandiosa é esta hora civica e, assim, magna será sempre e cada vez mais esta data, provando bem que os verdadeiros homens do presente são os que vivem a cantar a todo o instante os triumphos da terra natal, passam a elevar preces civicas no altar do dever e a rememorar o valor, a celebridade e o heroismo dos antepassados.

12 de Junho é uma data cuja significação toca bem a alma espirito-santense. Foi, encarnado num dos maiores e mais denodados filhos deste gloriosa pedaço da brasilea terra, que todos os corações de tão abençoado berço, vibrando de ardente amor civico e de entusiasmo potriotico, contribuíram para a realização das mais intimas aspirações da época--Liberdade e Autonomia--fundando a primeira republica federativa no Brasil, a 6 de março de 1817, e foram, igualmente, imolados no revés soffrido pela contra revolução.

Domingos Martins: Revivendo, agora, aqui, junto ao teu monumento, o teu valor e a tua força, chefiando um intenso movimento libertador; o teu vibrante patriotismo, batendo-te por uma Patria livre e ativa; o teu heroismo, nas decisões e vigor dos actos; o teu destemor, nas tuas ultimas palavras: "*Ide dizer ao vosso sultão que*

eu morro pela liberdade"; a tua cultura, nos teus sublimes versos:

"Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes, quasi a par da liberdade,
Em vós não tem poder a iniquidade:
Para a esposa voai, narraí meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella d'alma reinava na metade,
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu numen primeiro.
Foi a esposa depois o mais querido,
Objecto de desvelo verdadeiro;

E na morte, entre as duas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será da outra o ultimo gemido".

Revivendo, assim, todo esse codigo de excelsas virtudes, subimos mais um degrau na sublime escada da glorificação. O que se dava na Grecia antiga, li de alguém -- "E os gregos se glorificavam com taes ceremonias, pensando, como mais tarde o fez Emmanuel Kant, que os verdadeiros homens do presente são aquelles que têm o culto do respeito pelo passado."

E vós, mocidade escolar, escoteiros e bandeirantes, promessa em que o Brasil confia e espera. Vós que vos edificaes no exemplo desta elevada lição de civismo. Vós que vos impregnaes do incenso deste grande ensinamento e que sentis a Patria se vos installar no espirito. Que seja este o vosso unico proposito -- concorrer sempre com os vossos esforços e a vossa vida para a grandeza e a prosperidade do Brasil, guiados pelos exemplos que nos legaram os que tombaram, levantando-se no Parthenon da immortalidade.

Por ultimo o dr. Manoel Lopes Pimenta, em nome do *Instituto Historico e Geographico*, fallou demoradamente sobre a data. O seu discurso calou bem na alma de todos os presentes.

A's 20 horas, na séde do Intituto, verificou-se a sessão solemne em homenagem ao illustre morto. Presidiu aos trabalhos o tte. Wolmar Carneiro da Cunha, secretario do Interior, no exercicio do cargo de Interventor Federal.

As bandeirantes escolares da Companhia "Anna Penna" da Escola Normal "Pedro II" cantaram a Canção Capichaba e, em seguida, o Hymno Nacional.

Logo após, o presidente do Instituto, dr. Antonio Athayde pronunciou o seguinte discurso, que foi muito applaudido:

Caros confrades--Devemos recordar, antes de tudo, o que está consignado na acta da 2.^a reunião do Instituto Historico e Gegrophico do Espirito Santo, de 28 de hbril de 1917, com o seguinte trecho: -- O Presidente (que é o mesmo humilde orador que vos falla agora) declarou á casa que com seus companheiros de directoria, tomara providencias no sentido de se festejar solememente o dia 12 de junho de 1917, que era o primeiro anniversario da fundacção deste Instituto, como tambem por se commemorar o primeiro centenario da morte do inclito Patriota Espirito-santense -- Domingos José Martins, o chefe da malograda Revolução Pernambucana, executado a 12 de junho de 1817, no antigo Campo da Polvora, da Bahia.

Ficou, pois, estipulada esta obrigação, nos nossos estatutos de celebrar-se annualmente a commovente data da nossa historia, como respeitosa homenagem civica á memoria do nosso mar-

tyr, pelos feitos heroicos que essa benefica Revolução soube despertar no espirito publico daquelle tempo, dando vida e estimulos patrioticos ao povo, para elle revoltar-se e reagir contra o deploravel aviltamento dos brasileiros acobardados na sua propria terra!... Proclamou-se a Republica que durou apenas 74 dias! Preso em Pernambuco, veio algemado para ser executado na Bahia, no Governo do Conde dos Arcos. Triste fatalidade!

E' duplamente eternecedora para nós, a data que solemnisamos hoje -- A 12 de junho de 1534 sepultava-se em Victoria, na antiga igreja de São Thiago, o veneravel Padre José de Anchieta: e a 12 de junho de 1817, dava-se o arcabuzamento, na Bahia, do patriota Domingos Martins. Ambos apostolos da liberdade -- o primeiro, o libertador do indio escravizado pelo colonizador; o segundo, o paladino das liberdades publicas, na defesa dos nossos compatriotas, opprimidos cruelmente, pelo governo da metropole.

Meus senhores: Este culto publico que o Espirito Santo, com tanto ardor e devotamento, commemora hoje, serve de ensinamentos a todos nós, e á pujante mocidade capichaba, pelos exemplos de moralidade, prodigalizados pelo governo revolucionario de 17. Eduquemos a nossa conducta civica, venerando aquelles patriotas que com tanto amor e abnegação, tanto fizeram por nós, pela nossa grandeza e pela nossa felicidade social. Na Revista n.º 1 do Instituto e na obra Historica da Revolução de Pernambuco em 1817, de Oliveira Lima, estão referidos todos os pormenores dessa bemdicta Revolução, que proclamou a Republica Federativa do Brasil, de melho-
res dias para nossa idolatrada Patria.

Porém, nos momentos de attribuições, evo-

quemos a sua sagrada imagem -- na gloriosa Bandeira Republicana -- contemplando-a bella na sua sublime confecção. Está no esplendor majestoso do verde, a alvorada eterna dos nossos ideaes, no nosso esperançoso porvir; está no amarello dourado do seu losangulo -- a experiencia consagrada dos nossos antepassados, nos seus cabellos encanecidos, como chlorophilas crestadas nas folhas dos velhos troncos das velhas gerações; no céu, a luz symbolica de brilhantes estrellas fulgurantes testemunha muda do nosso descobrimento, com um sequito deslumbrante de constellações a nos alumiar a trilha dos nossos destinos, muito antes de Pedro Alvares Cabral erguer na terra, o madeiro da promessa, por fim, na faixa branca da esfera celeste, a formula sociocratica - *Ordem e Progresso*, como um aviso ás nações da Terra, do nosso espirito de regeneração, de cordialidade e de fraternidade humana. Eis em summula a synthese maravilhosa do vosso labaro republicano, cuja cruz tradicional vemol-a tambem representada, na bandeira dos Patriotas de 1817.

Meus senhores: Veremos todos os martyres da Revolução Pernambucana de 6 de março de 1817. Todos se portaram com altivez e dignidade nos transes crudelissimos de sacrificio. Foram igualmente executados na Bahia com Domingos José Martins, os seus fiéis companheiros de infortunio, Padre Miguelinho e o Dr. José Luiz de Mendonça, dois grandes intellectuaes.

Glorifiquemos a immortalidade dos martyres da Revolução de 1817 -- *O epilogo do martyrio e o prelude da consagração da gloria!*

Contemplemos o retrato augusto do nosso glorioso Patrono -- Domingos Martins, que aqui, do alto, preside subjectivamenie esta excelsa so-

lemnidade. Elevemos os nossos corações, afim de que nos exemplos de sua incomparavel bondade, possamos gozar os sentimentos de paz e de concordia, entre os brasileiros, o que elle tanto exaltou na propaganda da sua Revolução, contrariando o orgulho, a vaidade e o egoismo dos homens degenerados do seu tempo, para fundar uma Patria livre e soberana, digna de todos nós. Eis o seu crime!... Salve! o Patriota Domingos Martins. Viva o Estado do Espirito Santo!"

A's 21 horas o tenente Wolmar Carneiro da Cunha deu por encerrada a sessão, pronunciando rapidas mas significativas palavras sobre o acto.

O exmo. sr. Luiz Scortegagna, chefe da Igreja Espirito-santense, acompanhado do revmo. padre Ponciano Stenzel, compareceu á sessão, tomando parte na mesa a lado do sr. Interventor Federal interino.

—A's 16 horas, depois de prestarem a sua homenagem a Domingos Martins, as companhias de bandeirantes escolares "Anna Penna" e "Olga Coutinho", compostas de alumnas das Escolas Normal "Pedro II" e Annexas e as tropas escoteiras da capital e de Villa Velha e de Santa Leopoldina, desfillaram com garbo pelas principaes ruas da capital, tendo á frente a banda de musica da Força Publica do Estado, gentilmente cedida pelo seu commandante, tenente coronel Carlos Marciano de Medeiros.

(Ext. do "Diario da Manhã", de 14-6-934)

De 1534 a 1934 o radioso e santo espirito do padre
José de Anchieta illumina, exalta e glorifica
quatro seculos de Civilisação Brasileira

O Estado do Espirito Santo, pelo maior e mais autorizado
órgão de sua opinião publica, reflectindo a vontade de seu
Governo e de seu Povo, homenageia, através de seus es-
criptores eminentes, o insigne e preclaro Apostolo do Brasil

ELOGIO DE JOSÉ DE ANCHIETA

Christiano Fraga

Rememorar Anchieta é rememorar o fasti-
gio de duzentos e dez annos de sabia, infatigavel
actividade da colonização jesuita em nosso paiz.

De um hespanhol vasconso e de uma indige-
na canarina, veio á luz em Tenerife, na cidade
de Laguna, antiga capital das ilhas Canarias,
aquelle que devia ser o maior fulgor do Christia-
nismo na America.

Filho dilecto da Companhia de Jesus, man-
dado para o Brasil em 1553, depois de brilhante
curso universitario, e na idade dos vinte annos,
já as igneas flores da juventude se haviam de-
mudado nelle nos frutos sumarentos da idade
madura, antecipados pela humildade que lhe de-

ram primeiro as condições de sua origem, e depois apurada no commercio dos doutos.

A vida deste homem, o primeiro intellectual da historia patria, toda consagrada aos prodromos preparatorios da nossa nacionalidade, onde lhe pertence papel do maior destaque, é por todos os titulos merecedora de aturados estudos e judiciosos commentarios.

Com effeito, meditando sobre a vida de Anchieta, e apontadamente naquelle passo em que trabalhou por estas plagas espirito-santenses de Reritigbá, difficilmente se nos depara na historia da humanidade homem outro, que se lhe vantagem em sabedoria e força de character.

Homero, Alexandre, Julio Cesar, Carlos Magno, Mahomet, Luthero, Carlos V. Napoleão, todos os poetas, todos os reformadores e philosophos, todos os grandes senhores da idéa e do poderio, a nenhum de todos elles illuminou esta fé que resplandecia em José de Anchieta. A uns acenavam os louros de Apollo, a uns remordia a sêde de mandar, a todos a ostentosa ambição de gloria, a todos enfim galardoava a satisfação immediata dos seus propositos. Todos tinham a sua platêa e a sua côrte, cuja submissão, applausos e serviços cada vez mais lhes excitavam o appetite de perseverar na conquista.

E este varão insigne, em que rebrilham as louçanias da poetica, a penetração da philosophia, as armas da sciencia, que pelas suas luzes e energia de acção, poderia a seu querer mover nações e raças—por que se deixa perdido nessas brenhas aregando a bugres bravos, ou noutras horas, solitario e absorto na contemplação do mar e das estrellas? Por que renuncia ao fastigio de uma vida que lhe acena com os mais legitimos laureis, e quiçá corôa ou retro? Acaso é

missão que lhe mereça o sacrificio de toda a sua vida preciosa, essa em que se empenhou de domesticar e instruir o gentio e tornal-o christão? Não lhe será essa uma entrepreza talvez van e que antes compete ao aviso dos fados mysteriosos? Quantas vezes nos seus prolongados e repetidos soliloquios a desesperação não veio acabrunha-lo! Quantas vezes ahi não se encontrou entre "os que cheios de magua e tédio encaram as proprias obras vans de que escarnecem"! Quantas vezes "ó quieto mar lhe não pareceu um leito para dormir"! Mas diante desta assembléa de astros que se desenrola rutilante aos flancos da via lactea, diante do oceano rugidor que estardalhaça, arrebetando nas rochas escarpadas--entranhando-se em aparente abstracção nos hieroglyphos da vida, da morte e do universo, elle retemperou o seu amor ás coisas eternas, e enriqueceu no coração o thesouro de piedade das miserias humanas; sentiu que para o prender a este mundo, para dar razão de ser e occupação a toda a sua vida, basta-lhe o só sagrado mistér de pastor de almas, que tão cedo e com tanto amor abraçou e ao qual reverteram todos os minutos de sua vida de grande santo.

E eis vemos quão bem se amoldam aqui estes versos de Garrett:

"Sanguineas gottas
Mancham sempre a grinalda das victorias,
E o clamor da viuva, o grito orfão
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as benções dum povo agradecido
São melodia de suaves notas,
Que por éras e éras se prolonga
A's gerações do porvir."

Um sabio de vinte annos interna-se na im-

mensa floresta que era todo o Brasil daquelle tempo, e consagra-se até a morte, num periodo de quarenta e tres annos, á catechese dos indios, fundando e dirigindo collegios e povoações, pondo em acção todas suas energias, num trabalho estrenuo e consecutivo, ao fim do qual começou a desabrochar esta nação gigantesca, que é a nossa patria.

Porque estes fóros de grande nação civilizada de que tão legitimamente nos ufanamos, devemos-os em grande parte, não ha negar, á organização assombrosa deste padre franzino, que resistindo por amor de Deus a todos os desconfortos, adversidades, ingratidões e muitas vezes á propria fome, perseverou numa serie enorme de trabalhos titânicos, derribando os obstaculos que se lhe multiplicavam em frente, derribando-os não com o ferro e o fogo dos guerreiros da meia idade, mas com redobrada paciencia que os velhos romanos sobrepunham á mesma sabedoria.

Estes quarenta e tres annos da sua vida no Brasil são porventura o mais doce e a um tempo o mais portentoso hymno de trabalho com que um homem já glorificou a sua immortalidade.

Os treis primeiros corações que fizeram circular a seiva da nossa nacionalidade, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, tiveram-no em sua fundação sempre á testa dos comettimentos mais alevantados e mais uteis. São Paulo deve-lhe uma estatua de ouro, pois tem no Padre Anchieta o seu fundador incansavel, a quem deve mais do que aos mais operosos e intelligentes dos seus filhos. A Bahia á sua chegada rebentou em florescimentos por toda parte; e os filhos della brancos e indios, se educavam no amor de Deus e do alphabeto, continuando os trabalhos do jesuita, chegando até poder nos dar hoje este

cerebro de Ruy Barbosa, do qual diria tambem Castellar que esgota e fatiga a admiração!

O Rio de Janeiro dos luminosos vestigios da sua passagem, pode lembrar o exemplo, o Hospital da Casa de Misericordia, de que Anchietta foi o primeiro constructor, o primeiro capelão, o primeiro medico e o primeiro enfermeiro.

As suas armas invenciveis eram apenas a cruz e o livro. Onde quer que chegasse Anchietta, levantava-se um collegio. Entre os indios as difficuldades amontoavam-se furiosamente: tinha primeiro de ganhar-lhes a confiança, aptender-lhes a lingua, abrandar lhes a ferocidade, para afinal poder-lhes transmittir a palavra de Christo e os esplendores das lettras, e com o seu proprio exemplo lhes completar a educação.

.....

E quando o continuado mourejar de José de Anchietta não houvesse alcançado o grande exito colhido, bastaria que nos legasse a só extraordinaria lição do seu exemplo para se recomendar ao nosso agradecimento perpetuo.

O nosso Espirito Santo colheu o fruto das suas ultimas energias. E a harmonia de nossas brisas marinhas eternizou o ultimo suspiro do Apostolo do Novo Mundo.

Aqui cerrou os olhos, fitando ainda os horizontes azues das montanhas de Reritgbá, ultimo florão de sua gloriosa corôa de santo, poeta, grande letrado e catechista maximo. Ante a serenissima retina do Apostolo deslisavam suavemente á sua doce beatitude no momento supremo, todos os episodios de sua vida enorme e santificada pela somma ingente de sacrificios, heroismos e duros e fecundos labores.

ANCHIETA NA FUNDAÇÃO
DO RIO DE JANEIRO

Mario A. Freire

A cidade do Rio de Janeiro deve a Anchieta a primeira pagina de sua historia.

Incumbido de fundar uma cidade capaz de permittir guardar melhor o sul do Brasil, contra a cubiça dos invasores, como ha longos annos vinha sendo aconselhado á Côrte Portugueza, Estacio de Sá desembarca, em 1565, na bahia de Guanabara, e immediatamente cumpre a missão de que fôra incumbido. Acompanha-o Anchieta, que assim registrou o acontecimento em uma de suas notaveis cartas:

“Logo ao seguinte dia, que foi o ultimo de Fevereiro, ou primeiro de Março, começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para a cêrca, sem querer saber dos Tamoios nem dos Francezes, mas como quem entrava em sua terra, se foi logo o capitão-mór a dormir em terra, e dando animo aos outros para fazer o mesmo, occupando-se cada um em fazer o que lhe era ordenado por elle”.

Eram os prodromos da mui heroica e leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, nos remotos fundamentos da Cidade Velha.

Assim surgiu modestamente a formosa Capital que hoje, reconhecida, rende merecidas homenagens ao seu primeiro historiador, o despretencioso chronista dos primeiros actos do fundador.

Dois annos depois, Anchieta assiste ainda á heroica obra de consolidação, feita com o concur-

so de Men de Sá: vê Estacio de Sá, agonizante, ferido mortalmente por uma frechada, dolorosa coincidência que permittiu recordar, nas flechas do brazão carioca, não só o martyrio do Santo Padroeiro, como o devotamento do nobre Fundador.

Afastado temporariamente de minhas funções da Directoria de Estatística e Archivo da Prefeitura do Districto Federal, deixo a outros o grato dever de salientar, melhor e com maior autoridade, o que foi a longa obra dedicada de Anchieta á cidade do Rio de Janeiro.

Março de 1934.

QUANDO NASCEU ANCHIETA

Joseph de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534 (1) na ilha de Tenerife, princesa e perola das Canárias, a ilha branca dos antigos, *Nivaria insula*. Teve o berço em Laguna, outrora capital do archipelago, cidade bucolica de pomares e nascentes, a verdejar num plano ataviado de giestas em flor. Cavaleiro e dona de pura linhagem eram seus pais, o imigrante Juan de Anchietta, espanhol de Guipuzcoa e Mencia Diaz de Glarijo y Elarena, doce belleza indigena.

(1) — *Compendio de la vida de el apostol de el Brasil* (ed. de 1677), por D. Balthazar de Anchieta. E' esse (19 de março de 1534) o *dia exacto do nascimento de Anchieta* para o dr. Brasilio Machado -- conferencia denominada-- "*Anchieta, Narração da sua vida no centenario do veneravel Joseph de Anchieta*, ed. Aillaud & Cia., 1900. -- E' essa a data consignada nas *Efemerides Brasileiras*, pelo Barão do Rio Branco (pags. 199 e 299, ed. de 1918). Charles Sainte Foy, au-

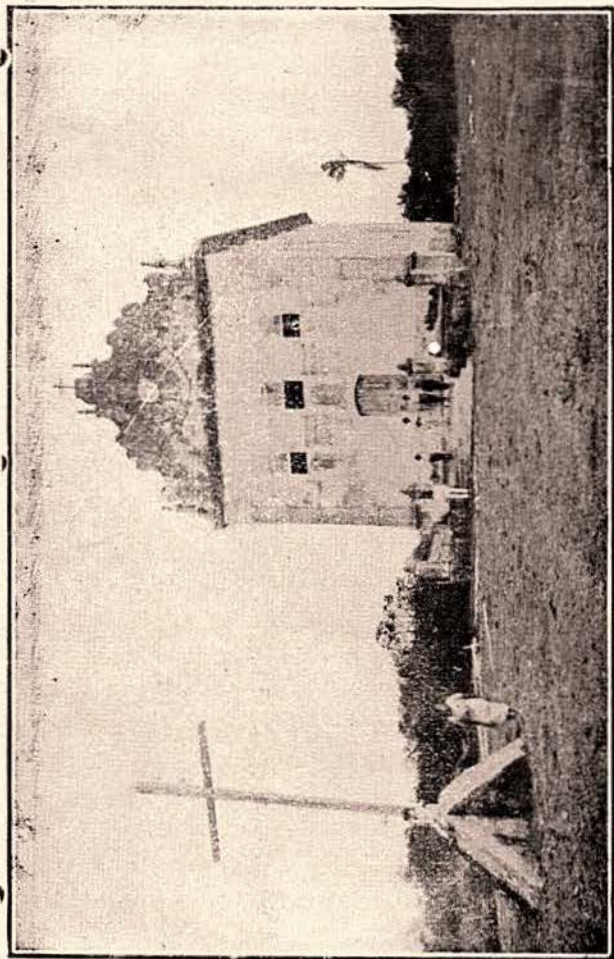
tor da *Vie du Venerable Joseph de Anchieta*, parece confundir no seu livro o dia do nascimento com o do baptismo -- 7 de abril de 1534 -- também especificado por D. Balthazar. Não particularizam dia e mês os biographos portuguezes Pero Roiz e Simão de Vasconcellos, ambos da Companhia de Jesus, mas datam de 1533 o nascimento de Anchieta, erro seguido pelos demais biographos, mesmo no *Grand Dictionnaire* de P. Larousse. Posto que lhe omittisse o anno do nascimento, ao escrever a *Imagem da Virtude*, o padre Antonio Franco, jesuita, determina o ingresso de Anchieta na Companhia: "Tendo 17 annos de idade, nella entrou ao primeiro de maio de 1551". Para contar, feitos nesse anno, 17 de idade com que o admittiu a Ordem, - e assim depõem, ainda Pero Roiz e Simão de Vasconcellos -- deveria ter Joseph de Anchieta nascido em 1534, o que se harmoniza inteiramente com a data fixada por D. Balthazar Anchieta: 19 de março de 1534.

(Ext. de "Anchieta" — Celso Vieira)

EM TORNO DE ANCHIETA

São tantos os assumptos, que o nome veneravel do padre José de Anchieta instiga ao plúmitivo, que o quer tomar para tema de dissertação literaria!

Parece-nos que o fixariamos bem, destacando o seu perfil e feitos de catequista incansavel dos selvicolas brasilicos, de missionario christão, convertendo, depois de instrui-los e baptizal-os, centenas desses barbaros á religião suprema de Christo. Tão grandes, piedosos e proficuos foram os seus serviços á Igreja, que o papa Clemente



A igreja do Queimado, construída por escravos em 1848 e 1849, em noites de luar,
sob a influência do frade Gregório De Bene.

casas de palmito. E o dia de amanhã, que eternamente se glorificará entre as mais venturosas ephemerides natalicias dos genios da Humanidade, seria sempre consagrado ao Mestre Brasileiro, lembrando-lhe o exemplo fecundo do educador, que primeiro provou, de modo irresponsível, que as grammaticas inauguram e conduzem as civilizações.

Mas ainda poderíamos fugir desse compromisso pedagogico e teríamos que localizar a personalidade de Anchieta como pioneiro das pesquisas e estudos, que estão opulentando a Historia Natural brasileira, em cujos pincares, depois do preclaro ignaciano, se apotheosaram Spix, Martius, Humboldt, o sabio da Lagôa Santa, Freire Allemão, Caminhoá e outros dessa estirpe e valimento.

Quisessemos, tambem, encerral-o nos limites do territorio capichaba, onde maior prazo de sua vida transcorreu e salientariamos as coincidencias providenciaes de elle haver nascido no anno em que D. João III, premiando serviços de Vasco Fernandes Coutinho, o fazia donatario da Capitania do Espirito Santo e, depois, de sa haver sepultado no mesmo dia 12 de junho, que, 220 annos mais tarde, se inscreveria, outra vez, no catlecismo civico de nossa terra, lembrando-nos o arcabuzamento de Domingos Martins. Então, poderíamos memorial-o, convivendo, naquelles annos de refregas asperas e sangrentas contra aymorés e goytacazes indomaveis, com Duarte de Lemos, frei Pedro Palacios, frei Antonio dos Martyrios, Ararigboia, Affonso Braz, Miguel de Azevedo, Luisa Grinalda, que viveram sob cõ-espíritosantenses, naquelle periodo turbulento do inicio da colonização portugueza, construindo fortalezas, levantando ermidas, rasgando caminhos,

XII, em 10 de agosto de 1736, á vista do processo canonico, que, de 1706 a 1715, se procedeu, no Rio de Janeiro, acerca dos milagres de Anchieta, lhe proclamou publicamente as «virtudes heroicas», sagrando-o principe glorioso da Christandade.

Mas o incomparavel Xavier da America, si foi excelso em zelos de fé religiosa, não foi menos notavel como criador da Historia Ecclesiastica na terra Brasileira. Deante dessa evidencia, a litteratura nacional abre-lhe, em capitulares, as suas primeiras paginas e inscreve-o como seu patriarcha immortal, não só pela importancia de suas chronicas historicas, mas porque, na poesia epica, na glotologia, na comediographia, na epistolographia, na oratoria, elle se destacou e fixou como primeiro — chronologica e meritoriamente — entre os que, no seculo I do achamento da terra de Cabral, se deram, em meio aos fulgores de uma natureza exuberante, aos prazeres e achaques de literatejar.

Não queremos, porém, envolver-nos em divergencias literarias, concordando com os summos arbitros judiciais das letras brasilianas, ou dissentindo delles — e poderemos tentar um capitulo de thaumaturgia christã, percorrendo sobre os milagres do veneravel santo do Brasil, padre Anchieta — patrono sagrado de nosso nacionalismo, cultura e brasilidade.

De certo que essa tarefa esmagaria a humilidade do obscuro chronista e ei-lo desbordando para a Historia da Pedagogia brasileira, que se inaugurou, nas terras de São Paulo, no collegio modestissimo de Piratininga, de que Anchieta foi o maior, o infatigavel, o unico professor. Lições preparadas á luz de candieiros fuliginosos e escriptas, muitas delas, por mingua de papel, em

cascas de palmito. E o dia de amanhã, que eternamente se glorificará entre as mais venturosas ephemerides natalicias dos genios da Humanidade, seria sempre consagrado ao Mestre Brasileiro, lembrando-lhe o exemplo fecundo do educador, que primeiro provou, de modo irrespondivel, que as grammaticas inauguram e conduzem as civilizações.

Mas ainda poderíamos fugir desse compromisso pedagogico e teríamos que localizar a personalidade de Anchieta como pioneiro das pesquisas e estudos, que estão opulentando a Historia Natural brasileira, em cujos pincaros, depois do preclaro ignaciano, se apotheosaram Spix, Martius, Humboldt, o sabio da Lagôa Santa, Freire Allemão, Caminhoá e outros dessa estirpe e valimento.

Quisessemos, tambem, encerral-o nos limites do territorio capichaba, onde maior prazo de sua vida transcorreu e salientariamos as coincidencias providenciaes de elle haver nascido no anno em que D. João III, premiando serviços de Vasco Fernandes Coutinho, o fazia donatario da Capitania do Espirito Santo e, depois, de sa haver sepultado no mesmo dia 12 de junho, que, 220 annos mais tarde, se inscreveria, outra vez, no catlecismo civico de nossa terra, lembrando-nos o arcabuzamento de Domingos Martins. Então, poderíamos memorial-o, convivendo, naquelles annos de refregas asperas e sangrentas contra aymorês e goytacazes indomaveis, com Duarte de Lemos, frei Pedro Palacios, frei Antonio dos Martyrios, Ararigboia, Affonso Braz, Miguel de Azevedo, Luisa Grinalda, que viveram sob cõspires espiritosantenses, naquelle periodo turbulento do inicio da colonização portugueza, construindo fortalezas, levantando ermidas, rasgando caminhos,

semeando aldeias, para que hoje — quatro seculos vividos — estejamos a bemdizer esses vanguardeiros benemeritos de nossa civilização.

Lembrariamos que elle, devoto ardente da Virgem Maria, ter-se-ia innundado de jubilo, quando em 1553 — no anno em que chegara ao Brasil — aqui, no rincão capichaba, entre o alarido das pocemas e o fragor dos tacapes, se consolidava, com os sacrificios de vida do bravo Fernão de Sá, filho do governador geral Men de Sá, o dominio lusitano, vencendo a rebeldia ferrenha dos autoctones, que tantas vidas custou aos primeiros desbravadores das selvas brasilicas.

Ahi ficam as summulas dos capitulos, que escreveriamos — si tivessesmos tempo e engenho para tamanha empreitada. Talvez o tentemos em livro opportunamente. Agora não nos resta espaço sinão para assignar mos estas divagações, que se alargaram mais do que pretendiamos.

Elpidio Pimentel

NOTA : — Maria Ortiz queimou hollandezes e não inglezes, como sahiu em nossa chronica de ante hontem.

E. P.

CARTAS DE ANCHIETA

*Ao irmão Francisco do Escalante,
do Espirito Santo, a 7 de julho de 1591*

Irmão em Christo Carissimo.
Pax Christi.

Quasi me havia esquecido de escrever-lhe em castelhano, contudo não importa muito a linguagem. Todo o ponto está, não em falar, senão

em obrar, e em desejar a virtude e não saber outra pratica que a que sabe a obediencia. Esta é a que Deus com mais gosto entende e esta é propria pratica sua. E onde não ha obediencia, em vão se fazem prolixos colloquios com elle, que não ouve palavras ditas por desobediente. Daqui entenderá bastantemente que, quando a obediencia o occupar em suas obras de maneira que não lhe fique tempo para rezar, que então a mesma obediencia rezará por V., e rezará por quem obedeceu, até a morte. Confio pela mercê, que Deus lhe fez, que sabe isto bem, e que converte o trabalho de suas mãos em exercicio de oração.

Quando começa e quando continua sua obra, volta a alma a Deus e lhe offereça, em sacrificio, seu trabalho e, acabada a obra, renda-lhe graças porque o teve por digno de occupá-lo em seu serviço e em cousa que, sabe certo, é vontade d'elle. E logo tome para si os Domingos e Festas, para recuperar o tempo passado; ouça muitas missas, e demore então na oração, que nesse tempo satisfaz Deus, com divinos consolos, os trabalhos feitos por obediencia.

Contudo quero avisá-lo aqui que, nesse tempo, o obriga uma grande divida. Perguntar-me-á: Qual? Que rogue a Deus por mim, que esta é a divida devida á caridade, a qual ainda que mais paguemos, nunca a divida tem fim, nem a paga, porque a paga mesma com que pagamos é divida que, de novo, devemos á caridade e, assim, quanto mais pagas se fazem, tanto mais dividas ficará por pagar. E não é para mim cousa de pouco goso tel-o por tal devedor, pois se me paga melhor, e mais do que me deve, e desta maneira é mais seu ganho que seu gasto, pois gastando em pagar-me cada dia se faz mais rico.

Deus por sua liberalidade lhe acrescente com

suas immensas riquezas, pelas quaes pôde fazer bem a si e a seus Irmãos, dellas necessitados.

Aos Irmãos Luiz Fernão, Tinozio e a todos os demais que quizer e puder, rogo eu dê saudações minhas no Senhor.

Da Capitania do Espírito Santo, 7 de julho de 1591.

Seu Irmão em Christo

José

Ao Geral Padre Claudio Aquaviva, do Espírito Santo, a 7 de setembro de 1594.

Jesus.

Mui Reverendo em Christo Padre Nosso.

Pax Christi.

O Padre Marçal Billiarte, Provincial, me enviou a estas Capitánias do Rio de Janeiro e São Vicente a visitar. Detive-me nelas o tempo que pareceu necessario, porque o Padre Provincial, por ser tomado dos Franceses, não pôde acudir ao tempo que esperavamos, que era mui importante para o bom governo daquelle Collegio e quietação de alguns dos nossos. Daquelle Collegio se enviaram por sua ordem alguns aos da Bahia, dos quaes creio que alguns foram despedidos pelas causas que o mesmo Padre Provincial haverá já dado a Vossa Paternidade. Em São Vicente se despediu um, recebido para coadjutor: as causas foram mui urgentes e taes que na mora estava o perigo. Outros se enviaram para a Bahia para o mesmo fim e a um, que foi o Padre Melchior de Acosta, se deu licença para a Cartuxa. E de tudo foi advertido mui particularmente o Padre Provincial, que me escreveu sobre um, que

fôra bem despedido, mas que temia que havia tardado em o ser, e, como este, não ha que duvidar dos outros que tiveram mui claras e urgentes causas, indignos *omninima vocatione nostra*. Não toco aelas, nem as menciono, porque disso dará informação o Padre Provincial, a quem a dei mui larga.

No Rio de Janeiro queda por Vice-Reitor o Padre Francisco Soares. Em sua companhia está o Padre João Pereira, que ha pouco fez profissão de 4 votos, pouco satisfeito de seu modo de proceder e desejoso de mudança para outra parte; acabei com elle que sobrestivesse, ajudando a elle e a todo o Collegio e a toda a terra, até se dar conta ao Padre Provincial. Os mais tambem quedaron quietos com a esperança da vinda do Padre Provincial, que temos agora, por nova, ser o Padre Pero Rodrigues, que foi de Angola e esteve presente á congregação provincial na Bahia.

Na Capitania de São Vicente queda o Padre Pero Soares, que agora fez lá profissão de 4 votos, com muita consolação sua e lagrimas dos estranhos que a ella compareceram. Com elle queda o Padre Domingos Ferreira, por superior de uma daquelas casas. Faziam bem seus ministerios, ele e seus companheiros, assim com os Portuguezes como com os Indios Brasis. Ainda que estes, como a Capitania por uma parte foi saqueada pelos Ingleses e por outra parte se levantaram os Brasis do sertão e mataram alguns homens, não tenha a quietude desejada para a doutrina, sempre se visitam, confessam e elles ouvem missa e recebem os demais sacramentos, com não pouco trabalho dos nossos que são poucos para os acudir, a eles e aos Portuguezes e escravos.

Nesta do Espírito Santo encontro agora mui-

ta perturbação entre os Portuguezes, uns com outros, sobre pretensões de officios e honras, e, com os nossos, porque não lhes concedemos que façam dos Indios Cristãos á sua vontade, querendo servir-se deles a torto e a direito. Mas como esta é guerra antiga, e no Brasil não se acabará senão com os mesmos Indios, trabalha-se todo o possivel pela sua defensão, para que, com isto, se salvem os predestinados, que, se não se tivesse respeito a isto, era quasi insofrivel a vida dos Padres nas aldeias, *sed omnia sustinemus propter electos*.

Eu, ainda que velho e mal disposto, desganhado estou de ter descanso nesta peregrinação; resolvido estou em me entregar todo aos Superiores, que me revolvam como quizerem para serviço de Deus e dos nossos, não me falte sua graça. *Et omnia potero in eodem*, maximé se Vossa Paternidade tivesse memoria de mim, encomendando-me a Deus Nosso Senhor e abençoando *mihi in eodem Christo Jesu Domine Nostre*.

E porque esperamos para resolução de muitas coisas a vinda do Padre Luiz da Fonseca, não aponto agora coisa em particular.

Desta Capitania do Espirito Santo do Brasil, 7 de setembro de 1594.

De Vossa Paternidade, Filho indigno em Christo.

José

*ANCHIETA E O ESTADO DO
ESPIRITO SANTO*

Pe. José da Frota Gentil S. J.

E' o Espirito Santo a terra mais accommodada e aparelhada para conversão que ha em toda a costa. — ANCHIETA — Informações de 1585. (Cartas, etc., p. 419).

Se Anchieta é com razão chamado o Apostolo do Brasil, ha contudo algumas regiões de nossa patria que se podem dizer objecto particular de seu zelo apostolico. Não só a Bahia, séde de seu governo provincial, não só a Capitania de S. Vicente, primeiro campo dos labores e das glorias de Piratininga, de Itanhaen e de Iperoyg; não só o Rio de Janeiro, theatro de seus esforços na luta contra os francezes e da organização das aldeias de São Lourenço, de S. Barnabé e dos outros baluartes da futura capital do Brasil, mas tambem o Estado do Espirito Santo póde gloriar-se de ter em varias épocas e especialmente na ultima decada de ter gosado o carinho privilegiado do grande missionario.

Elle, como nenhum outro Estado da Federação, deve agora neste IV Centenario do nascimento de Anchieta render-lhe o merecido preito de gratidão.

Não era Anchieta ainda sacerdote quando, mandado pelos seus superiores a receber ordens sacras na Bahia e a informar Mem de Sá dos successos da guerra contra os francezes, de passagem visitava as aldeias do Espirito Santo. Leiam-se as passagens em que o biographo da

preciosa vida do P. João de Almeida, descreve a operosidade do Veneravel e de seus irmãos na fundação das aldeias de Rerigtiba, de S. João e dos Reis Magos. (Ib. p. 33). Anchieta iniciou estes aldeamentos em que os filhos das selvas se punham ao alcance da vida social e christã, e fez destes mesmos nucleos os melhores presidios da Capitania contra os outros barbaros revoltados e contra os estrangeiros e corsarios.

Se é gloria singular do Espirite Santo ter dado um Martim Affonso Ararigboia, defensor de S. Vicente e do Rio de Janeiro, e fundador de Nictheroy, cabe a Anchieta ter conservado fiel e animado para a peleja um auxiliar tão efficaç para a victoria.

Procurador solícito dos interesses materiaes da Capitania e dos seus moradores, revela-se tambem o Apostolo na carta ao Capitão Miguel de Azeredo, escripta da Bahia a 1 de dezembro de 1592. (Cartas C. XXVI, pp. 280 e ss. Rio, 1933). Era Miguel de Azeredo o adjunto de D. Luiza Grinalda, viuva de Vasco Fernandes Coutinho e nora do primeiro donatário. Tamanha estima dedicava Azeredo a Anchieta que três dias antes de fallecer em Evora, trazendo-se-lhe a imagem do santo varão, a venerou e abraçou ternamente, lembrando a familiaridade com que o tratara no Brasil. Em sua casa o hospedara alguns meses antes de morrer, e fôra elle o confessor de sua esposa D. Luiza Correia, e de suas filhinhas Brites e Candida, a quem o P. José dera tambem a primeira communhão. (Processo Apostol. de Evora, em 1626, *passim*).

Lembrava-se especialmente da seriedade com que o Padre lhe impedia certas descidas de indios que não podia fazer em consciencia e que, como depõe sua esposa (p. 9 a 10) não acomettia ne-

nhum negocio sem o parecer de tão prudente conselheiro.

Tambem D. Luiza Grinalda, filha dos illustres Grinaldi de Nizza, que aos 85 annos de sua idade, já recolhida no Convento do Paraizo de Evora, foi em 1626 chamada a depor sobre as virtudes do P. José, testemunhou o zelo e caridade com que assistira á morte do esposo, Vasco Fernandes Coutinho (p. 22, art. 16); como com um simples signal de cruz havia sarado seu filho. Pedro Alves Correia, ao depois conego de Sé de Evora (p. 22, art. 17); a penetração com que Anchieta descobrira a noite agitada que ella passara por causa de certas escripturas (art. 15); o espirito de prophesia com que fizera voltar aos homens, já dispensaveis, que elle mesmo levava para soccorrer certo lugar cercado de inimigos (ib).

Ter se ia tambem recordado, se a avançada idade de 85 annos (Interr. 1) não lhe attraiçoasse a memoria, que o P. José por mais de uma vez fôra o verdadeiro defensor da capitania; quando animou os moradores á construcção do forte que os haveria de defender dos inimigos inglezes (1),

(1) Cavendish visitou o Espírito Santo em 1592. V. *Cartas de Anchieta*, Rio, 1933 notas 327 e 349. Confira-se tambem o seguinte trecho de P. Rodrigues, t. c. p. 264 «da capitania do Espírito Santo, contou ao P. Jacome Monteiro (companheiro do P. Visitador geral desta Provincia Manuel de Lima)... um mancebo por nome João Godinho, que quando se fazia o forte, que está da banda da villa, dissera o P. José aos moradores, que não tomasse a mal o trabalho de o fazer, porque cedo haviam de vir inglezes, como vieram, e posto que no principio fizeram algum damno, comtudo tanto que chegou o soccorro dos indios das aldeias, largaram tudo e se acolheram com as mãos nos cabellos, deixando alguns as armas e muitos a vida. E isto succedeu governando a capitania dona Luiza Grinalda, mulher que fora de Vasco Fernandes Coutinho, com o capitão adjunto Miguel de Azeredo.»

e quando mandou o porteiro de casa repicar os sinos, dando rebate ao povo que no dia seguinte viriam os corsarios á barra. Vieram elles de facto, mas, encontraram a terra prevenida e recolheram-se a suas náus sem acomette-la. (Vida do P. Anchietá, pelo P. Pero Rodrigues, publicada no Vol. 29 dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, p. 260).

Não se esqueceu porém, D. Luiza da carta que recebera de Anchietá e que dera como reliquia a seu confessor, o P. Christovão de Gouvêa (Proc. Evora P. 21, 9 Interr. 3).

O venerando missionario deixou a Deus e aos superiores o cuidado de assignar-lhe o campo de suas ultimas fadigas, mas bem sabia, muitos annos antes, que a Providencia o reservava para o Espírito Santo.

Era ainda Provincial quando se lhe queixou o P. Gregorio Serrão «que o deitasse de si», enviando-o enfermo para o sul. «*Vade frater*, disse Anchietá, «*quia postea locus nos conjunget*» (Ide irmão, que nos haveremos de encontrar ainda juntos no mesmo lugar). Falleceu Serrão aos 25 de novembro de 1586 e foi sepultado na Capella de S. Thiago, da villa da Victoria. Onze annos depois, em 1597, a seu lado, cova por cova, veio repousar o amigo fiel. (Vida pelo Padre P. Rodrigues, p. 225).

Cessou o P. José do provincialado e adoeceu gravemente no Rio pelo anno de 1587, porém sócegoou os irmãos afflictos, dizendo: «Ninguém se entristeça no Collegio, porque eu não morrerei desta vez, nem nesta cidade—*no Espírito Santo me esperam meus ultimos dias*».

Já na sua amada aldeia de Rerigtiba, ao escrever ao P. Ignacio Tolosa, seu successor no cargo, manifestou o desejo ardente de penetrar as florestas, a buscar almas para Deus e pois,

dizia elle, não merecia ser martyr ao menos me ache a morte desamparado em algumas destas montanhas, *ubi ponam animam meam pro fratribus meis*, (onde dê a vida por meus irmãos).

No Espírito Santo, durante o ultimo quartel de sua vida, formou o segundo Apostolo do Brasil e seu successor no apostolado, ao V. P. João de Almeida, que teve como subdito e noviço nos annos de superiorado de Victoria. Do Espírito Santo são as suas ultimas cartas, os autos tão mimosos, e a preciosa Historia dos PP. da Companhia no Brasil, verdadeiro testamento espiritual de Anchieta.

Foi esta Capitania a que presenciou suas ultimas maravilhas nas aldeias e na cidade. Ora despedia o passaro que brandamente lhe pousava no hombro enquanto pregava, ora respondia aos canindês que grasnavam, para avisá-lo que abreviasse o sermão, ora (em 1584) era visto arrebatado em extase, na devota ermida da Penha (Vida por Simão de Vasconcellos, p. 335.)

Não fallecera ainda e já dizia ao povo (que augurava para si tal felicidade): *Bemaventurada seria a terra em que tal santo morresse.*

São as duas filhas de Miguel de Azeredô, D. Brites e D. Candida, que no Processo de Evora (pgs. 23 e 24 9º interrog.) nos conservam esta expressão tão ingenua da piedade popular.

Morre Anchieta em Rerigtiba aos 9 de junho de 1597.

O funeral assume desde logo as proporções de uma glorificação: o prestito triumphal palmi-lha durante três dias as quatoze leguas de Rerigtiba a Victoria e leva sem fadiga os ricos despojos de que se exhala maravilhosa fragrancia.

Acolhido com a maior solemnidade por todas as autoridades religiosas, civis e militares,

recebeu verdadeiramente então a primeira homenagem do Brasil reconhecido. Tece-lhe o elogio o prelado D. Bartholomeu Simões Pereira, lembrando suas grandes benemerencias, contando seus prodígios e saudando-o, pela primeira vez, com o título de Apostolo do Brasil, que a posteridade consagraria para sempre.

As vicissitudes dos tempos e a veneração das gentes dispensaram grande parte daquelles restos santissimos, mas no coração da cidade, ao lado daquelles muros que foram antigamente morada do santo apostolo (2), debaixo daquella lapide sepulcral, resta sempre alguma coisa de suas cinzas abençoadas.

Resta ainda, a vigilante atalaia da Victoria, a branca ermida da Penha, lembrando aos que entram o grande devoto e cantor da Virgem Immaculada. (3)

Restam principalmente no abençoado torrão de Rerigitiba a igreja erguida por Anchieta e a cella pobre em que elle exhalou o ultimo suspiro e lançou a derradeira benção ao Brasil (4)

(2) Antigo collegio dos jesuitas. E' hoje o palacio do governo do Espirito Santo. Na Imprensa do Estado se acha a lousa de Anchieta.

(3) O mesmo Anchieta assim no-lá descreve na informação de 1585: «... Nossa Senhora da Penha que se vê ao longe do mar e é grande refrigerio e devoção dos navegantes e quasi todos vêm a ella em romaria, cumprindo as promessas que fazem nas tormentas, sentindo particular ajuda na Virgem Nossa Senhora...» (*Cartas etc.*), p. 319 Anchieta e o Estado do Espirito Santo (cant. 6).

(4) Os derradeiros momentos de Anchieta em Rerigitiba inspiraram a Varella o sublime final do «Evangelho nas selvas» (Canto X).

«— Patria querida, patria gloriosa :
Continua fitando os horizontes,
— Se meu berço não foi teu gremio illustre,
As primicias te dei da mocidade,
Os labores do estudo, as flores d'alma,
O sentimento e a vida! Abre-me o seio,
Tu, que foste a visão do meu futuro ;
Tu, que serás o templo, onde meu nome
Triumphará do frio esquecimento !»

Ainda estão estes monumentos, reliquias venerandas de Anchieta á espera que o Espírito Santo e, com elle, o Brasil inteiro despertando num fremito de enthusiasmo os envolva no seu piedoso carinho. Este movimento de patriotismo e de fé transformará, confiamos em Deus o templo e a cella de Anchieta no futuro Santuario Nacional do Protector do Brasil !

(5) S. Ex. D. Helvecio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Mariana, e como seu illustre irmão de sangue e do Instituto, D. Manuel, Bispo de Goiás, filhos ambos da cidade de Anchieta, muito tem feito neste sentido. Já em 1928 conseguiram levantar um busto de bronze diante da Matriz de Anchieta e alguns annos depois que os PP. Jesuitas, á frente da paróquia, viessem guardar um monumento tão caro aos brasileiros.

DEPOIS DA MORTE DE ANCHIETA

Sob o triste negror desta humilde roupeta
O ardente coração do apóstolo palpita.

Olhai-o: é um jesuita.

Vêde-o bem: é Anchieta.

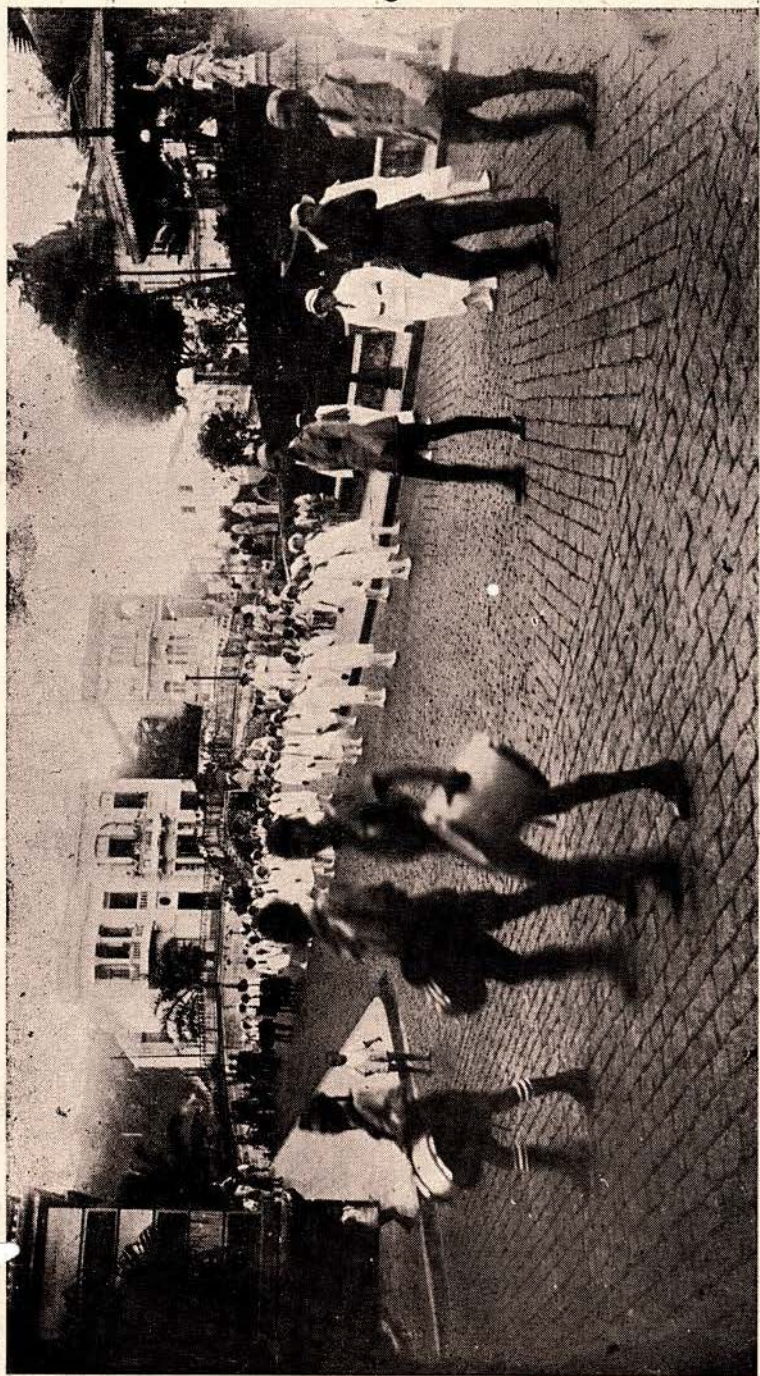
(*J. Serrano, Sacerdos magnus.*)

O FUNERAL DO APOSTOLO DO BRASIL

Divulgando-se a noticia de sua morte, despovoaram-se as aldeias dos indios. Homens, mulheres, meninos, todos com gemidos acorreram a venerar os restos mortaes de tão santo Pai. Nas ruas e praças apregoavam-lhe os feitos gloriosos, o grande amor que lhes tivera e o muito que por elles padecera, queixando-se ao Céo por se verem privados daquelle que tanto amavam.

Levaram os Padres o corpo em procissão para a cidade, indo á frente a cruz seguida pelo Padre João Fernandes e grande multidão de indios que, com os seus cantos funebres, enchiam os ares de tristes lamentos. Era o caminho de quatorze leguas e nenhum dos que levaram os santos despojos sentiu cansaço, antes muito alívio e consolação. De sua parte, confessou o P. Fernandes que, caminhando sem cessar de dia e de noite, não padeceu fadiga nem sono, antes sentiu um agradabilissimo cheiro e muita suavidade.

Sairam a receber o cortejo, o Prelado administrador, Bartholomeu Simões Pereira, o capitão da terra, Miguel de Azeredo, os Padres de São Francisco, os Irmãos da Misericórdia e as Confrarias e notaram todos que, não obstante os aballos de viagem tão longa e o facto de ser o Padre fallecido tres dias antes, estava o corpo tão fres-



Escoteiros e bandeirantes espiritosantenses.

co e incorrupto, como se a morte occorresse naquella mesma hora.

Receberam-no os religiosos da Companhia em sua igreja, celebraram o officio funebre com toda a solemnidade e, no dia seguinte, cantaram a Missa, na qual o Prelado fez o elogio do defuncto, narrando algumas das suas maravilhas e chamando-o Apostolo do Brasil e Missionario santo.

OS SANTOS DESPOJOS

Deram-lhe sepultura na Capella de S. Thiago, junto á de seu amigo Gregorio Serrão.

Cumpriu-se assim a prophesia que muitos annos antes fizera Anchieta áquelle Padre no Collegio da Bahia.

Na igreja do Collegio do Espirito Santo, permaneceram os santos despojos até o anno de 1611 em que, por ordem do Padre Geral Claudio Acquaviva, foram em parte transportados para o Collegio da Bahia. (Nesta mesma occasião se enviaram a Roma um femur e alguns ossos do Veneravel Servo de Deus). Na sacristia da Bahia estiveram até o anno de 1704, quando o Padre Provincial João Pereira os mandou recolher ao quarto dos provinciaes, provavelmente para evitar as demonstrações de um culto prematuro, que poderia impedir o processo de Beatificação. O mesmo Padre levou delles um osso, que, metido em um braço, se conservou no quarto dos Reitores de Coimbra, para consolação daquelle Collegio e para reliquia dos seus santuarios, quando a Santa Igreja lhe desse culto publico.

Consta que em 1759, no mesmo navio em que partiam proscriptos dos dominios portuguezes os jesuitas, irmãos de Anchieta, foram alguns dos ossos remettidos da Bahia ao Marquez de

Pombal com duas tunicas do Veneravel Padre Anchieta. Que fim lhes deu o perseguidor dos jesuitas, não o sabemos.

Nos fins do seculo passado, conservava-se ainda no palacio do Governo do Espirito Santo (antigo Collegio da Companhia), uma caixa com um osso do Servo de Deus. Parte foi dada a S. M. D. Pedro II, que a pediu por occasião da visita áquella cidade; obteve outro fragmento o dr. Barbosa Rodrigues, sendo-lhe porém este depois roubado. Finalmente a ultima parte foi em 1888 entregue a alguns irmãos de Anchieta, que por alli passaram.

Em 1913, demolindo-se a antiga igreja de São Thiago, acharam-se debaixo da lapide de Anchieta alguns ossos, vertebrae e falsas costellas, que foram transportados todos, juntamente com a lousa sepulcral, para o monumento que alli perto se levantou.

CONTINUAM OS PRÓDIGIOS

Com a morte do Apostolo Thaumaturgo não cessaram os prodigios: continuaram, e continuam até nossos dias, os favores celestiaes que elle obtinha em vida aos que recorriam á sua intercessão.

Em 1623, durante a occupação hollandeza, deu-se na Bahia o caso seguinte: Estava o Padre Diogo Calvo, da Companhia de Jesus, arden-do em febre. Quizeram seus irmãos obter-lhe saude por meio do Padre Anchieta, mas como duvidassem da autenticidade de um dos ossos (que então se retiraram da Igreja para evitar a profanação dos herejes), convieram entre si que se applicado ao enfermo parasse a febre, seria tido como do Servo de Deus. Tocaram com elle o Pa-

dre e no mesmo instante a febre, que estava no seu auge, cessou de todo, dando a entender o prodígio a quem pertencia o osso milagroso.

Jura o dr. João Ferreira Vieira que sua cliente d. Ursula da Fonseca Dias, irmã do sr. Ignacio Dias da Fonseca, do Rio de Janeiro, recebida já a Extrema Unção, estava ás portas da morte, com a doença que hoje chamam angina difterica. O mesmo doutor lembrou á familia que recorresse á intercessão do V. Padre Anchieta, de cujo processo se tratava naquella cidade, e partiu persuadido que seria chamado para verificar o obito. No dia seguinte voltou a vêr a enferma e encontrou-a completamente curada.

Seu conselho fôra ouvido. Umas gottas d'agua tocadas com uma reliquia do Padre José, e pingadas sobre a lingua da doente, lhe haviam restituído a saude.

São inumeraveis as curas assim obtidas pela agua benta com alguma reliquia do Veneravel Servo de Deus.

Celebre é a proteção do Padre Anchieta para com seus irmãos de habito, preservando-os em muitas occasiões da mordedura de serpentes. A mesma proteção, attestam outros Missionarios, estendeu-se tambem ás suas Missões no Brasil, como se lê no Boletim Salesiano.

Em consequencia de uma destas mordeduras sobreviera ao moço de Jesus uma grave ulcera que, a despeito de todos os recursos, o deixou completamente defeituoso do pé esquerdo.

Sentiu o doente um dia impulso de ir prostrar-se deante do sepulcro do Servo de Deus e pedir-lhe a sua cura. Confessado e commungado, dirigiu-se cheio de fé á igreja da Companhia

na cidade de Victoria e ajoelhou-se diante do tumulto do grande Thaumaturgo. Ao levantar-se apoiou livremente o pé e caminhou sem auxilio de muletas, o que não conseguia desde que lhe foram cortados nervos, musculos e tendões. Sobre este facto instaurou se, em 1747, no Rio de Janeiro um processo, que ainda em 1910 foi discutido para a Beatificação do Veneravel Padre Anchieta.

(Ext. de «Vida illustrada do V. P. Anchieta S. J.» — Edição do Collegio Anchieta.)

O APOSTOLO DO BRASIL

Pe. Ponciano dos Santos Stenzel

Pelos fins de junho do anno de 1566 apresentava-se diante do Collegio S. Thiago, em Victoria, a figura esbelta de um jovem jesuita, que, apesar da mocidade, trazia nos traços que lhe sulcavam o rosto as equimoses do seu fatigoso ministerio.

Um momentaneo sentimento de alegria illuminou todos os semblantes á vista do recemvindo.

E' que naquelle corpo franzino se abrigava a alma de um verdadeiro apostolo, naquelles olhos de vencedor a centelha do fogo divino; naquelle coração ardoroso o ideal de um santo, ao qual não logravam barreiras impedir-lhe a marcha gloriosa na conquista das almas.

Era Anchieta o grande cathecista, cuja fama e santidade não só corriam o littoral, mas ainda penetravam as selvas e arrebatavam o coração dos selvicolas que, abandonando seus costumes

grosseiros, se entregavam á direcção deste enviado do Senhor, a quem chamavam de «Pagé-Guassú».

E Anchieta era o typo do perfeito missionario, do homem de Deus que, revestido de sua espiritualidade, se atirava á conquista do «el dorado» das almas, tendo de vencer, mais do que as longas distancias, os mattagaes cerrados, mais do que vadear rios e galgar serranias, tendo de vencer os corações selvagens, onde dormiam, em naturezas endurecidas, todos os vícios, desde a antropophagia até a poligamia...

Mas a faina do «Grande Pai» era uma realidade e foi por isso que sua presença na capital do Espírito Santo veio despertar o jubilo, tanto dos seus irmãos de habito como do povo em geral.

Anchieta notou a tristeza que acabrunhava a todos e perguntou si era a morte de algum compañheiro a causadora de tanta consternação.

—Sim, respondeu um dos padres com a voz mais embargada pelos soluços. Foi o bom coadjutor Diogo Jacques! O incansavel catechista de Campo Velho e Peixe-verde em Guarapary! Que contem os caciques Maracaiá-Guassú e Pirá-Obig os heroicos trabalhos do bom Pe. Jacques!... A peste das bexigas invadiu as aldeias dos indios e o santo do Padre não descansava, correndo de aldeia em aldeia, administrando os sacramentos fazendo-se de medico, enfermeiro, consolando, e, por entre a pestilencia de cadaveres agglomerados e corrompidos, tendo ainda de servir de coveiro!...

Pegou a peste... e o martyr da caridade foi carregado pelos indigenas, que o trouxeram até o nosso Collegio.

Cinco dias de soffrimentos e o bom Padre, abraçado com uma imagem de Maria e confortado pelos sacramentos entregou sua grande alma nas mãos de Deus.

Até hoje os indigenas e o povo atiram flores sobre o tumulo do Pe. Jacques e se lembram delle com os olhos arrazados de lagrimas!...

Anchieta dirigiu-se com seus irmãos á capella de S. Thiago e rezou ardentemente sobre o tumulo do Pe. Diogo Jacques, renovando os seus propositos de ser um apostolo conforme os desejos de Deus.

Estes propositos eram aquelles que elle em uma carta dirigida a Santo Ignacio, em 1554, communicava a santa miseria em que viviam: «E aqui estamos, ás vezes mais de vinte dos nossos, numa barraquinha de caniço e barrô, coberta de palha, quatorze pés de comprimento, dez de largura. E' isto a escola, é a enfermariz, o dormitório, refeitório, cosinha, dispensa. Não invejamos, porem, as mais espaçosas mansões que nossos irmãos habitam em outras partes, que Nosso Senhor Jesus Christo ainda em mais apertado lugar se viu, quando foi de seu agrado nascer entre brutos numa mangedoura; e muito mais apertado então quando se dignou morrer por nós na cruz».

As difficuldades encontradas pelos missionarios na conquista da confiança do gentio eram indiziveis.

Os indios, naturalmente desconfiados dos brancos, pouco se approximavam destes. Anchieta, porém, parecia inspirado pelo ceu, assim que nelle todos confiavam.

Sirva-nos de exemplo o que aconteceu no fim do anno de 1565. Os indios tinham partido

aqui do Espírito Santo em defesa das capitânicas do sul. Em S. Vicente elles se revoltaram, allegando que soffriam fome.

Estende Anchieta o seu olhar para a immensidade do mar e como que inspirado pelo ceu, exclama:

— Esperae, porque antes de finalizar o dia chegarão barcos da Capitania do Espírito Santo e todos vós podereis regressar a vossas terras!

Qual não foi a alegria dos indios quando surgia a seus olhos a nau capitanea com Estacio de Sá, que vinha do Rio de Janeiro.

Tão intenso foi o jubilo por causa desta propheta de Anchieta que os indios prometteram e coadjuvaram a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro.

Em outubro de 1566, tendo recebido as ordens de sacerdote das mãos do Bispo D. Pedro Leitão, começou então o celebre catechista uma acção muito mais ampla.

As difficuldades, que lhe faziam os brancos corrompidos pela ambição e sensualidade, eram incriveis. Vendo que os indios confiavam nos padres, os *caçadores de escravos* se vestiam de jesuita, até faziam a corôa e com este disfarce atrahiam muitas vezes os selvagens e quando os tinham proximo ao mar os disfarçados em jesuitas amarravam-nos, repartindo-os entre si e levando-os para seus engenhos e fazendas, os obrigavam a trabalhar de manhã á noite, quasi nus e tendo por ração uma espiga de milho.

(Southey. Vol. III. pag.º 415 e Rev. Inst. Hist. Geog. do Brasil.—LVII, pag. 243.)

Apezar destas contrariedades Anchieta não desanimava. Increpava aos colonos suas iniqui-

dades, defendia os índios de todos os modos possíveis, corria os aldeamentos, caminhando leguas a pé para levar o viático aos doentes, ensinava as creancinhas timidas a balbuciar em sua lingua nativa as verdades de nossa santa religião.

Eis porque nos diz Joaquim Nabuco (III Cent. de Anch. 328): «Sem jesuitas a nossa historia colonial não seria outra coisa senão uma cadeia de atrocidades sem nome e de massacres»...

E o Estado do Espírito Santo é um dos que mais devem a Anchieta e aos jesuitas. Foram elles que fundaram Reis Magos (Nova Almeida), Guarapary, Reritiba ou Benevente, Orobó e tantas outras...

Foi Anchieta quem, depois de ter fundado a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, fundou também com Miguel de Azeredo a casa de caridade de Villa Velha...

Em summa, toda sua vida, até o momento de seu passamento a 9 de junho de 1597, foi sempre praticando o bem como verdadeiro apóstolo de Jesus. Por isso os índios abandonavam as selvas e muitos até outras provincias para virem morar perto de Anchieta.

Que procissão grandiosa, quando, depois de ter expirado, abraçado com o crucifixo, o corpo do santo missionario, foi transportado por mais de 300 índios, que, revesando-se o carregaram ás costas até á Capella de S. Thiago, nesta cidade.

Todos prantearam a sua morte, mas o espirito de Anchieta, a alma do apóstolo que pisou o mesmo sólo que nós pizamos, vive ainda no coração do povo brasileiro pela verdade sublim da crença que Elle nos legou, apontando a Jesus como a unica fonte de felicidade e amor.

O POÇO DE ANCHIETA

Archimimo Mattos

Presidente honorario do I. H. e Geographico
do Espirito Santo

O grande thaumaturgo José de Anchieta que tantos beneficios espalhou no Brasil, na sua longa permanencia por nossas terras, deixou indeleveis traços de sua passagem neste Estado, onde viveu cerca de 32 annos.

Durante esse tempo, porém, não deixou de repartir a sua actividade a outras provincias, como parece certo ter elle estado no Rio de Janeiro, em 1578, conforme o relata Simão de Vasconcellos.

Como Superior e Visitador de Aldeias, na sua passagem por Magé, do Estado do Rio de Janeiro, em 1578, ali operou o milagre de transformar a agua salobra em pura agua potavel, como nos conta o Pe. Carlos Sainte Foy, da Companhia de Jesus, em noticia traduzida, em 1878, em S. Paulo pelo padre André Fialho e reeditada em 1922 pela Typographia Salesiana de Nitheroy.

«No districto de Magé, a seis leguas de S. Sebastião, actual Capital Federal, perto do celebre Sanctuario conhecido com o nome de N. S. da Piedade, havia um poço, cuja agua, bem que salobra e doentia, era um precioso recurso para o paiz em tempo de secca. Indo uma vez o Santo Missionario em romaria áquelle Sanctuario, os habitantes do logar o detiveram junto ao poço, lamentando-se da má qualidade da agua e pedindo-lhe uzasse do poder que tinha junto a Deus afim de melhora-la.

Ficou Anchieta compadecido daquella pobre gente e levantando os olhos para o céu, logo em

seguida tomou as tres primeiras pedras que encontrou, e fazendo o signal da cruz num acto de benzer o poço, atirou-as dentro dagua; no mesmo instante tornou-se esta salubre, de bom gosto e efficaz para curar toda sorte de enfermidades.»

Por isso dão a esse poço o nome do Veneravel padre Anchieta.

Este o acontecimento para o qual reclama attenção o R. P. José Nicodemos dos Santos, vigario de S. Lourenço, em Nictheroy.

Semelhante acontecimento nos refere conhecida lenda muito disseminada e repetida em Benvenente, hoje cidade de Anchieta.

Naquella cidade sempre foi escassa a agua para usos domesticos. Ainda hoje a população da cidade se abastece em poços abertos na meia encosta do morro de S. Martinho, em vista das difficuldades que ha ali em se canalizar agua corrente.

Ha, junto á praia, um poço, cujas aguas sempre gratas ao paladar, serve aos habitantes das proximidades.

O album do E. Santo, publicado em 1922, em homenagem ao Centenario Nacional, reproduziu a photographia desse poço com a seguinte legenda:

«O Poço de Anchieta, a seis horas da cidade desse nome, é distante do mar uns nove metros. A tradição popular empresta-lhe valor multiseccular, dizendo-o construido pelos jesuitas do tempo do thaumaturgo, José de Anchieta, santo varão, que viveu seus ultimos annos na aldeia de Iiritiba, hoje de Anchieta, onde morreu sendo conduzido, por terra, em hombros de selvagens, para a Villa de Victoria, agora cidade e capital do Estado».

A referencia ao Poço de Magé é mais ou menos a que a tradição faz ao do nosso Estado.

Corriam os annos de.....

A população de Iiritiba e vizinhanças ha muito já olhava para os céos como saudando as alturas, á procura de uma nuvemzinha que lhes annunciasse a chuva proxima. De dia para dia escasseavam as pequenas fontes de agua doce e os povos alli já num estado de angustia começavam a dar mostras de aborrecimentos. Onde agua fresca para se desedentarem?

De um lado o mar; do outro o rio, de correntes mansas soffrendo a influencia das marés até grandes distancias de onde difficil seria trazer o elemento então, mais que nunca necessario á vida.

O sol escaldava, as restingas e mattas proximas definhavam.

Lembraram-se então os aldeiaados de appellar para o grande chefe e pae espirital daquella massa humana.

Sahem á procura de Anchieta e o encontram já rodeado de sedentos que o ouvem embevecidos.

Pae, dá-nos agua; a nossa sede é immensa; agua, pois, agua para nós.

Alli mesmo, a poucos passos da praia, onde as ondas vêm beijar a areia, Anchieta, de pé, contricto, solemne e sobretudo commovido pelo soffrimento de seus filhos, ascena á multidão, aconselha-a e ferindo a terra com o cajado a que se apoiava, cheio da mais pura fé, orando e rogando ao Todo Poderoso, faz brotar das entranhas da terra o almejado liquido que enche logo o poço, aberto então pelo milagre da vontade do illuminado cathequista.

Eis a lenda que alli corre a respeito do poço, aberto na praia da enseada de Iiritiba, depois Benevente e hoje Anchieta.

Encantadora pela sua simplicidade, reproduzindo uma parte da vida daquelle que tão sincera e devotadamente se dedicou á educação dos nossos selvicolas.

Para os crentes na possibilidade do milagre, um reforço á sua fé. Para os não crentes, o registro de uma indestrutivel impressão no espirito popular, deixada pelo grande vulto historico, cujo 4º centenario amanhã passa, impressão sem duvida cada vez mais vigorosa e robusta á proporção que o tempo se escôa.

De qualquer modo, bemdita, para sempre bemdita a fama do santo varão, cujo nome ha 4 seculos illumina a historia da civilização brasileira.

O TUMULO DE ANCHIETA

Antonio Athayde

Dentro as inumeras homenagens que o Brasil presta hoje á veneranda memoria do insigne Jesuita Padre José de Anchieta, nenhuma dellas, por certo, terá a objectivação civica de uma consagração postuma, tão sublime, como a romaria ao seu sagrado tumulo!

Efectivamente, já não estão ahi os seus preciosos ossos. Foram exumados esses despojos e trasladados da antiga igreja S. Thiago, de Victoria, por ordem do superior Padre Aquaviva, para o Collegio dos Jesuitas, na Bahia.

Retirados, somente, esses piedosos fragmentos do meigo Missionario, foi seu sepulcro her-

meticamente fechado, com uma pesada lapide de marmore preto, artisticamente bordada de lindos florões de marmore branco, em cujo epitaphio se lê a localidade e a data da morte do veneravel Apostolo, em *Rerigtiba, em 9 de Junho de 1597.*

Si não estão mais aqui, em Victoria, esses preciosos despojos do virtuoso catechista, contudo encerra essa lousa historica a terra sagrada que consumiu seu santissimo corpo, no pó saturado do sangue de sua carne, de todas suas visceras, de seu magnanimo coração e de seu fecundo cerebro, emfim, das particulas minimas de suas vestes e de seu esquite que não puderam ser trasladadas!... Incontestavelmente, está aqui no Espirito Santo, a maior reliquia civica do veneravel Apostolo do Novo Mundo—o fundador da nossa brasilidade.

Curvemo-nos, reverentemente ante seu piedoso tumulo!... Conforta-nos, moralmente a gloria de possuirmos esse precioso sacrario do benfeitor da Humanidade, legado imperecivel que amanhã se cultúa, em comemoração civica do quarto centenario do seu nascimento, em Tenerife. Salve! Imortal Apostolo do Brasil—o veneravel Padre José de Anchieta!

Viveu cultuando a virtude, estará eternamente em nossa memoria, viverá na gloria—*Vir-tute vixit, memoria nostra supéret, gloria vivet!*

PROSODIA EXACTA DE ANCHIETA

Anchieta... Foi Capistrano de Abreu quem retificou a pronuncia que, antes d'elle, ainda pelo fim do seculo passado, era aqui *Anquiêta*. Insistia então, no que repetiu no primeiro perio-

do desse ultimo escripto, sobre o Apostolo: (escrevia-se tambem *Anxeta* e *Anxieta*, o que fixa a pronuncia). Ficou "*Anxiêta*".

Entretanto não é tudo. Primeiro, o "CH"; basco tem som de "TX" portanto será "ANTXIE-TA". Mas, ha mais: os que escreviam pela orthographia, escreviam "ANCHIETA", mas os que escreviam pela prosodia escreviam "ANCHIÊTA" ou "ANXETA", sem "I". Esse "I" que nos faz hoje fechar o "E", circunflexo, "ANCHIETA", é que parece errado, porque é o proprio Apostolo que acentua, com acento grave, esse "E", como para não fechá-lo expressamente, ao que o "I" parece conduzir. De onde, talvez outros escrevessem, como pronunciavam: "ANCHIETA" ou "ANXETA". Portanto:—"ANTXETA" nos parece a maneira de pronunciar o nome do Veneravel, pelos seus contemporaneos.

Dessa reivindicação ortoépica, completando a de Capistrano, temos varios documentos. Primeiro, a assignatura de ANCHIETA, na sua carta a Schetz (a nossa XIX). Segundo, a nota do verso de uma das cartas autographas do Museu Paulista, onde mão contemporanea escreveu "ANCHIETA". Finalmente, em livros hespanhoes contemporaneos, dos quaes um é muito significativo. Na "Vida" do padre Beretrario, em latim, é sempre "Anchieta". Na tradução, em castelhano, desse livro, o Padre Patermina escreve sempre, não como lia, mas como ouvia: "ANCHETA". Como quer que seja, não é possivel, escrevendo "ANCHETA", ler "ANCHIETA" como nós pronunciamos, e não devemos mais pronunciar.

Anchieta sim, escreve-se, mas é "ANTXETA" que se deve pronunciar.

(Ext. de *Cartas de Anchieta* — Edição da Academia Brasileira.)

JOSÉ DE ANCHIETA

Olympio Lirio

A CATHEQUESE

O nosso prodigioso paiz que se assenta no hemisferio meridional e... entre o Equador e o tropico de Capricornio attinge as maiores dimensões, se é grande para os que descobriram e colonizaram, batendo-se pela sua prosperidade agricola e commercial, é maior ainda pela catechese que abriu ás letras a luz da razão e dos espiritos essa luminosidade característica dos brasileiros, que não cansam de progredir e caminhar.

Foi Thomé de Souza, 1º. governador geral do Brasil, o iniciador da catechese em terras do Brazil colonia.

Recomendado por d. João III a Diogo Alvares Corrêa, o *Caramuru*, Thomé de Souza chegou á Bahia em 29 de março de 1549, trazendo entre os da sua equipagem, conduzidos por um bergantim e cinco navios auxiliares, o padre Manoel da Nobrega e mais 5 jesuitas: Leonardo Nunes, João de Aspilcueta, Antonio Pires e os leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Vinham esses jesuitas iniciar a catechese dos indios e prestar os serviços de religião que só ella podia prestar dentro da confusão rude de costumes abjectos, feitos sadios pela amalgama obscena e lubrica de brancos e indigenas.

Succedeu a Thomé de Souza, Duarte da Costa, que chegou a S. Salvador a 15 de julho de 1553, trazendo em sua companhia cerca de 250 pessoas, 16 jesuitas e entre elles o jovem José de Anchieta.

Só nessa época é que tiveram efficiencia os maiores problemas da catechese, pois os dois genios salvadores de Anchieta e de Manoel da Nobrega reunidos numa só vontade prodigiosa e bem-fazeja, mudaram-lhe a feição num tumulto de energias espantosas.

José de Anchieta nasceu em Tenerife, nas ilhas Canarias, no mesmo anno em que Santo Ignacio de Loiola se resolvia, em Paris, com outros companheiros, consagrar-se a Deus, fundando a Companhia de Jesus. Tinha 19 annos, quando noviço, ainda, veio para o Brasil.

Como chefe da missão evangelica, Manoel Nobrega enviou-o a Piratininga onde celebrou, a 25 de janeiro de 1554, na Capela do Collegio, a sua primeira missa. A capela era erigida entre o Tamanduátei e Anhangabaú, onde se edifica, hoje, a bella cidade de S. Paulo.

Dentre os factos que mais concorrerem para sua gloriosa tarefa no solo brasileiro, tornando-o o grande vulto cujo centenario todo o paiz comemora, avulta a pacificação dos Tamóios.

.....
Estava imminente a batalha.

Os indios decididos e armados, rangendo os dentes de cólera e de paixão, iam tomar de assalto o Collegio. Nessa situação angustiosa, Anchieta e Nobrega, com risco da propria vida, se dirigiram a Iperoig, onde vigilantes se encontravam os indomaveis chefes indigenas. Depois de grande esforço de convencimento junto á rudeza cruel dos Tapuias, os generosos e intrepidos missionarios alcançaram dos chefes aborigenes, o armisticio, em o qual as armas deviam se quedar, sopitadas as paixões em cada coração e em cada peito.



Commemoração do aniversário do supplicio de Domingos Martins em 1934, quando, em nome do Instituto Historico, falava o dr. Manoel Pimenta.

Enquanto Manoel da Nobrega ia a S. Paulo tratar com os portuguezes as condições de paz, Anchieta ficava como refem entre os indios vorazes e famintos de carne humana.

O heroismo e a abnegação, pelos santos ideaes tem dessas manifestações elevadas, e o padre Anchieta ficou entre os indios, vendo a morte em cada gesto dos indigenas. Entre as fêras permaneceu por espaço de 5 mezes e com tanta fé e tanta segurança que chegou a compôr o conhecido poema á Virgem Maria, escrito nas areias limpas da praia e, mais tarde, transportado para o papel.

O missionario de Piratininga viveu a principio em estreitissima casinha de sapê, sem recursos, sem roupas, sem cobertas para se abrigar do frio, alimentando-se de caça e peixe, farinha e agua de cafeeiro. Anchieta, entretanto, não esmorecia no pensamento de cuidar dos indiozinhos, seus convertidos. Copiava livros para uso dos alumnos, escrevia poesias, dava representações dramaticas, crescendo a cada dia a concorrência ao collegio, cuja casa foi necessario augmentar e estender.

A ação poderosa de Anchieta não parou ahi. O ardente missionario fez-se notavel no caso da expulsão dos francezes do Rio de Janeiro, na evangelização dos indios da Bahia, de Porto Seguro, do Rio de Janeiro e do Espirito Santo. Nomeado provincial do Brasil, foi ao Rio de Janeiro, onde fundou a Santa Casa de Misericordia, fallecendo em Rerigtiba, no nosso Estado, em 9 de junho de 1597.

O que caracterizou propriamente o genio de Anchieta foi a Fé com que agia em todos os

seus actos. Tinha Fé porque não era um tibio, dos que só vivem a gemer.

Era um forte naquelles dias crueis em que a raça se formava por entre as tempestades de todas as ambições de fidalgos vagabundos e galês e malfeteiros. Todas as vicissitudes. Todos os obstaculos. Todos os infortunios. Todas as privações; elle sabia vencer, porque tinha Fé. Estava compenetrado dessa força invencivel que desafia todas as tempestades dentro da propria vida.

Eis porque está sendo consagrado pela nossa historia e reverenciado pelo governo da Revolução.

Gloria, pois, ao grande pregador das selvas !

RELIQUIAS DE ANCHIETA

As reliquias de Anchieta, em parte, foram transferidas para a igreja do Collegio da Bahia, por determinação de Claudio Aquaviva, Geral da Ordem, no anno de 1611, ficando ao pé do altarmór, veneradas pelos romeiros e devotos. Em 1625, porém, como o breve pontifical de Urbano VIII, *de non cultu*, vedasse aos fieis o culto dos não beatificados ou canonizados, passaram a outro lugar. Uma dellas, por esse tempo, foi enviada a Roma. (SIMÃO DE VASCONCELLOS—*Vida do V. Padre Joseph do Anchieta*, liv. V, cap. XV). Expulsos do Brasil os jesuitas, mandou o chanceller Thomaz Roby a D. José I, em 12 de abril de 1760, as reliquias anchietanas do collegio da Bahia—tíbias e peroneos, mais duas tunicas—num cofre de jacarandá, forrado a prata. (XAVIER MARQUES, *Nova comunicação ao Instituto Histórico da Bahia*, 1914). Das que permaneceram no Espírito Santo já não existem documentos comprabatorios nem sequer vestígios. Apenas,

de um trabalho do sr. PEREIRA DE VASCONCELLOS, *Ensaio sobre a historia e a estatistica da Provincia do Espirito Santo*, consta o seguinte: "Na sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, celebrada em 17 de agosto de 1855, foi apresentada pelos srs. Pereira Pinto e Norberto uma proposta para que se solicite do governo a entrega de um fragmento dos despojos mortaes do missionario Anchieta, que se conserva em uma caixa com lavor de prata no thesouro publico da Côrte ou da Provincia do Espirito Santo." Comentando essa informação, escreve Teixeira de Mello: «*O tesouro Publico*» de que fala dubitativamente Vasconcellos seria de certo o da capital da Provincia do Espirito Santo, si não se soubesse que se trata aqui da igreja dos jesuitas na capital daquela provincia, onde se acha vasia a lousa tumular do santo varão apostolico, de cujos restos mortaes alguns presidentes da Provincia, com mais cortezania para com os vivos do que veneração para com os mortos, têm lançado mão para obsequiar a amigos ou a altas personagens, que visitaram a igreja em que elles jaziam." JOSEPH D'ANCHIETA, Ann. da Bib. Nac., v. II, I. O sr. Sá e Benevides, em 20 de dezembro de 1876, informava ainda ao sr. Ramiz Galvão que existiam na sacristia da igreja dos jesuitas, ao lado do palacio do Governo da Victoria, duas caixas de prata, contendo a primeira uma canella de Nobrega e a segunda um fragmento da canella de Anchieta. Em suma, as reliquias do Santo espalharam-se pelas capitánias do Brasil, onde se alardeava o seu poder curativo, de norte a sul, havendo sempre uma na sacristia de cada templo dos jesuitas, que benzião com ella os vasos de agua para os enfermos.

(Ext. de "Anchieta"— Celso Vieira).

*VENERAVEL PADRE JOSÉ
DE ANCHIETA*

A. F. de Oliveira.

Quatrocentos annos são passados, que veiu á luz do dia o illustre varão que, nos altos e impenetraveis arcanos da Providencia, fôra destinado á grande missão de civilizador, cathequista e protector dos povos que, nas plagas brasilicas, viviam immersos nas mais densas trevas da barbie e paganismo.

Commemoramos hoje, essa faustosa data; é uma justa glorificação ao humilde filho de Loyola!

E' a justiça, seródia embora, feita a quem, deixando patria, familia, civilização, bem estar, alista-se entre aquelles outros abnegados que partem para terras longinquoas, ainda mal conhecidas, onde não sabem que os espera, o que lhes irá acontecer; se lá, entre selvagens ou barbaros, padecerão cruel morte e servirão de pasto ás aves, como muitas vezes aconteceu! Que vão, pois esses intrepidos filhos da luz fazer em terras inhospitas, transpondo mares, emprehendendo tão arriscadas quão incommodas viagens? Procurarão elles thesouros, pedras preciosas, gloria, fama? Não; cumprem a ordem que ouviram do divino Mestre: «Euntes», etc. Ide, ensinae a todos os povos da terra! Buscam almas para Deus, homens para entregar á sociedade! Suas armas são as palavras de vida eterna, não o pelouro, a espada que dá a morte, que traz a desolação e a ruina!

Em Tenerife, uma das Canarias, nasceu Anchieta, a 19 de março de 1534.

Seu pae, um Anchieta, rico fidalgo, de li-

nhagem Guipuzcôa e de sangue biscainho, comu-neiro, para evitar as perseguições de Carlos V, teve de emigrar da Espanha, e, naquella ilha, re-fugiou-se, onde veio a esposar uma indigena canarina. Desse venturoso conubio, procede An-chieta. As primeiras lições, logo que chegou á idade dos estudos, deu-lhas seu pae, ensinando-lhe sua lingua, bem como os rudimentos de latim e uns longes de literatura, quanto podia dar um nobre hespanhol daquelles tempos.

Aquella aguiazinha ainda implume, já com-templava as alturas insondaveis, aonde um dia se devia elevar por tantas e tão acrisoladas vir-tudes, tantos e tão heroicos sacrificios!

Vendo seu pae que Deus dotára o filho de grande talento, nada mais podendo ensinar, lem-brou se de manda-lo cursar uma universidade; mas a patria era vedada e hostil; enviou-o, então para Portugal, a Coimbra, cuja universidade go-zava de grande fama, e podia rivalizar com a de Salamanca.

Aos 14 annos, cursava Anchieta aquella casa de instrucção, manifestando, desde logo, seus dotes intellectuaes, de tal modo, que chamou a attenção não só de seus mestres como da pro-pria Companhia de Jesus, aonde chegou a noticia daquelle ser privilegiado.

O então provincial da Companhia, Pe. Simão Rodrigues, procurou convence-lo de que as glorias que poderia aspirar seu talento só alcançaria na Companhia, então florescente e poderosa.

Ascenára-lhe o provincial com a gloria mun-dana, procurando fallar-lhe á vaidade, e seduzi-lo, por esse meio.

Accedeu elle, porque tinha grande sêde de saber, mas outra gloria, gloria imarcessivel, as-pirava que não a que lhe promettia o provincial.

Delicado de corpo, moreno, de olhos esverdeados, voz doce e harmoniosa, vivacidade, alegria natural, tudo o tornava estimado de quantos com elle tratavam.

Appellidavam-no na Companhia de «canario», não tanto por allusão ao lugar em que nascera, como pela doçura de sua voz!

Emfim, a 12 de maio de 1551, aos 17 annos de idade, entrava Anchieta na Companhia de Jesus. Alli, saciou elle aquella grande sêde de saber, achando abundante pábulo espiritual. Linguas vivas e mortas, eloquencia, poetica, historia, theologia, tudo aprendeu com facilidade e proficiencia aquelle ser extraordinario.

Não tinha, no emtanto, a Companhia por escôpo preparar homens para a vida contemplativa, limitando seu mundo num claustro; antes, homens para a vida activa das missões, em longes terras.

Logo que el-rei D. João III, em 1549, resolveu entregar a Thomé de Souza o governo de todo o Brasil, a Companhia de Jesus, como costumava para as conquistas, fe-lo para o Brasil, enviando os padres Manuel da Nobrega, João de Aspicuelta Navarro e outros para fundarem collegios.

Anchieta, como dissemos, era de compleição delicada, e, ou fosse um mal que lhe atacasse a espinha dorsal, ou, como querem outros, por lhe haver cahido uma escada nas costas, o certo é que começou a ficar curvado, o que entristecia o jovem estudante, porque assim ver-se-ia privado de ordens sacras, como aspirava, se augmentasse o mal.

Conta-se que o proprio Padre Simão Rodrigues, notando-lhe aquella tristeza, como inspirado, disse-lhe: «Filho José, deixae esse cuidado com que andaes, porque Deus vos não quer com mais saude». Julgaram os medicos que os ares do Brasil ser-lhe-iam mais proprios, e na terceira remessa

de missionarios para cá, que teve como superior o Padre Luiz da Grã, que fôra reitor do collegio de Coimbra, vieram os padres Braz Lourenço, Ambrosio Pires, e os irmãos José de Anchieta, João Gonçalves, Antonio Blasques e Gregorio Serrão. Contava Anchieta 20 annos de idade.

Chegado ao nosso paiz, começou logo seus trabalhos apostolicos.

Em sua vinda para o sul, naufragou, com outros companheiros na altura dos Abrolhos, salvando-se todos milagrosamente. Emfim, em São Vicente começou a trabalhar com todo o ardor e zelo.

Para vermos quaes os commodos, conforto que tinham os pobres missionarios, transcrevemos algumas das palavras do proprio José de Anchieta:

«Aqui se fez uma cazinha pequena de palha com uma esteira de canna por porta, em que moraram por algum tempo, bem apertados, os irmãos; mas esse aperto era ajuda contra o frio, que naquella terra é grande com muitas geadas, etc.»

E quanto lhe deve nosso Estado? Quantas tribus aldeiou, chamando-as ao gremio da civilização? Depois de tantos e tão assignalados serviços prestados aos pobres selvícolas, manelucos e aos filhos dos proprios colonos portuguezes, enfraquecido pela idade e tambem pelo impaludismo, vendo approximar-se o momento de seu trespasse, desejou vir recolher-se ao collegio de Victoria.

Os indios por elle aldeiados, vieram traze-lo em rêde. Viagem penosa, sob a inclemencia de sol abrazador. Reclamaram agua, que alli não havia, mas a grande distancia. Manda o padre Anchieta fazer alto, e tirando o bordão que nunca deixava, disse-lhes, apontando para uma pedra mais vizinha do mar: «Cavai a areia debaixo daquelle calháo; achareis uma fonte». Effectivamente acharam o que o padre lhes indicára. Essa

fonte existe ainda no fim da praia de Benevente, no lugar chamado — Ponta dos Castelhanos — na beira do cômodo. Denominaram-na Fonte do Padre Anchieta.

Na altura dos «Carais», áquem de Guarapary, em viagem, restituiu ao Creador sua alma pura, moradora de um corpo virgem.

Predizia o futuro, devassava o pensamento dava saúde a enfermos! Tal era sua fé e santidade que muitas vezes viram-no, ao celebrar a missa, elevado do sólo, em extasis, como aconteceu em Nossa Senhora da Escada, em Pirajá.

Seu poema á Virgem Maria, começou quando como refém entre os indomitos e altivos Tamoyos. Passeando na praia, com seu bordão ia escrevendo na areia, guardando na memoria. Só depois em Piratininga, passou-o para o papel.

Assim começa o poema:

«En tibi quæ voci, Mater Santissima, quondam
Carminæ, com sævo cingerer hoste latus,
Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
Tractoque tranquillum pacis inermis opus:
Hic tua materno me gratia fruit amore,
Te corpus tutum, mensque regente fuit.»

Honrou o santo Thaumaturgo com sua sepultura nossa capital, como prova de quanto amou essa nesga de terra, testemunha de seus sacrificios; mas os homens, ou antes Deus determinou de outra fórma, existindo apenas a lousa que cobriu seu santo corpo!

Ha muito, o dr. José Joaquim Pessanha Póvoa, em um de seus opusculos, «A cella do Padre Anchieta», se nos não enganamos, disse: De nos o Santo Padre mais um santo para nossos altares: venha o grande Padre Anchieta.»

Gloria, pois, ao Thaumaturgo! Gloria á Companhia de Jesus que tão grandes e santos varões nos tem dado!

Em 19 de março de 1934.

O IV CENTENARIO DO NASCIMENTO DE ANCHIETA

FERIADO NACIONAL

Na pasta da Justiça, o Chefe do Governo Provisorio assignou o decreto n. 23.941, de 1º de Março de 1934:

*Declara feriado nacional o dia
19 do corrente mês, data do IV cen-
tenario do nascimento do Padre José
de Anchieta.*

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, usando das atribuições que lhe confere o art. 1º do decreto nº 19.398, de 11 de Novembro de 1930; e

considerando que, no dia 19 do corrente mês, se comemorará a data do 4º centenario do nascimento do Veneravel Padre José de Anchieta, cuja vastissima obra de missionario christão, lhe valeu o significativo titulo de Apostolo do Novo Mundo;

considerando que são justificadamente merecidas todas as homenagens prestadas, pela nação, á memoria do grande missionario, a quem deve o Brasil o seu primeiro e mais forte impulso civilizador;

considerando que, semeando a fé, Anchieta e seus heroicos companheiros, foram, ao mesmo tempo, os criadores dos primeiros nucleos de ensino de onde se irradiou a nossa cultura, a lingua e a fé comum;

considerando que a sua grande obra de inspiração e catechese teve notavel influencia na formação da nacionalidade.

Resolve:

Art. 1º.—Fica declarado feriado nacional o dia 19 de Março proximo, data do IV centenario do nascimento do Padre José de Anchieta.

Art. 2º.—Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 1º de Março de 1934, 113º da Independencia e 46º da Republica— (aa) *Getulio Vargas* — *Francisco Antunes Maciel*.

O PRIMEIRO MESTRE

Anchieta:

Agora vamos, filhos,
Findar vossa lição;
Primeiro é o trabalho,
Depois a refeição.

O A. B. C. da carta
Sabeis a me encantar,
Passastes adiante...
Já ides soletrar.

As letras conhecendo,
Junta-las bem, é lêr:
Começa por um nome,
Que vós deveis saber.

Por que tanto arruido?
Silencio, filhos meus!
Escrevo e dito as letras:
D — E — U — S...

Os indios:

— Deus!

Mello Moraes Filho

FESTAS ANCHIETANAS

O TUMULO DE ANCHIETA

Amanhã, durante o dia, a Imprensa Official estará franqueada a todos os que desejarem visitar o tumulo do grande thaumaturgo.

PROGRAMMA DAS HOMENAGENS QUE SERÃO PRESTADAS AO APOSTOLO DO BRASIL, AMANHÃ, NESTA CAPITAL, EM COMMEMORAÇÃO DO IV CENTENARIO DO SEU NASCIMENTO

1.^a—Alvorada, ás 6 horas da manhã, no tumulo de Anchieta pela banda do R. Policial Militar do Estado.

2.^a—A's 9 horas do dia, missa solemne na nova cathedral, pontificada pelo exmo. sr. D. Luiz Scortegagna, bispo do Espirito Santo, com a presença do clero, do mundo official, dos membros do Instituto Historico, collegios, escolas, commercio, de commissões religiosas e do publico em geral.

3.^a—A' 13 horas, em ponto, recepção em Palacio pelo exmo. sr. Interventor, em honra ao feriado federal.

4.^a—A's 14 até ás 20 horas, visitação publica ao tumulo de Padre Anchieta pelo sr. Interventor Federal, autoridades federaes, estaduaes e da Prefeitura, pelos Gremios Litterarios, pelos collegios publicos e particulares, Gymnasios e Escola Normal Pedro II e por todas as pessoas, que queiram concorrer para a imponencia dessa solemnidade.

Os membros do Instituto depositarão sobre o tumulo flores naturaes.

A's 15 horas — O exmo. sr. Interventor Federal inaugurará o Grupo Escolar de Jucutuquara, dando-lhe o nome de «Padre Anchieta».

5.^a—A's 20 horas, sessão solemne do Instituto Historico no Theatro «Gloria», com a pre-

sença do exmo. sr. Interventor Federal e de altas autoridades do Estado, associações litterarias, Gymnasios, Escola Normal Pedro II, Escolas publicas e particulares e mais pessoas que queiram assistir á commemoração civica do veneravel Apostolo.

NOTAS

O Instituto Historico em homenagem á data, fará circular sua Revista, amanhã.

Os oradores inscriptos para a commemoração, são: o sr. Mauro Braga, pelo Gremio «Ruy Barbosa»; o Pe. Ponciano Stenzel, pela Associação Catholica de Victoria; o dr. Jair Dessaune, pela Acção Integralista do Espirito Santo; o sr. Beresford Moreira, pelo Centro Estudantino Capichaba; o prof. Francisco Generoso, socio do Instituto Historico, o professor Elpidio Pimentel, orador do Instituto, que fará o discurso final da solemnidade.

Aberta a sessão pelo exmo. sr. Interventor Federal, o sr. presidente do Instituto, dr. Antonio Athayde, fará o discurso protocolar da festividade civica, realçando o culto publico, nas homenagens que o Brasil presta á memoria do grande Apostolo.

Os discursos serão lidos e não poderão gastar mais de quinze minutos com a sua leitura.

Não haverá convites especiaes para nenhuma dessas festas. Tambem não haverá traje de rigor nessas commemorações.

Nos dias 20 e 21 irão commissões desta capital, em visita ás Igrejas da cidade de Anchieta e de Nova Almeida, lugares santificados, onde o veneravel Apostolo habitou e muito se dedicou á catechese dos indios, principalmente em Rerigtiba (Benevente), onde falleceu.

AS FESTAS ANCHIETANAS NESTA CAPITAL

Imponentes commemorações

INAUGURAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR «PADRE ANCHIETA»

Tiveram um cunho de solenissima e inatingivel vibração de civismo as homenagens prestadas á memoria do Padre José de Anchieta.

Ante-hontem, em todo o Brasil, pela quarta vez, celebrou-se, de maneira pomposa, o centenario do nascimento desse missionario glorioso, fundador da Bahia e de São Paulo, co-fundador da cidade do Rio de Janeiro, consolidador deste vastissimo territorio brasileiro e o primeiro em todas as altas concepções do espirito humano. Prototipo da brandura, da bondade, do espirito de persuasão, inegualavel em poder de realização e de força de vontade, o Brasil, que lhe deve tudo o que o torna um paiz invejavel, não podia assistir impassivel á passagem de mais um seculo de seu natalicio. E por todos os rincões do territorio nacional, houve commemorações dignas da gratidão do Brasil pelo fulgurante apostolo da christianização dos brasileiros.

Nesta capital radiosa, as instituições litterarias, o Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, os educandarios e as mais altas autoridades officiaes do Estado desenvolveram acti-

vidades extremas para que tivesse aspecto de inaudicto brilhantismo a celebração do 4º centenario desse insigne catequista.

O programma, gisado a capricho, foi executado fielmente.

A's 6 horas da manhã, de ante-hontem, a banda da Força Publica do Estado tocou alvorada junto ao tumulo de José de Anchieta.

A's 9 horas do dia, houve missa solenne na cathedral, celebrada pelo exmo. sr. D. Luiz Scortegagna, com a presença do clero, do mundo official, do Instituto Historico, do commercio, de commissões religiosas, de educandarios e grande affluencia de povo.

A's 13 horas, o exmo. sr. Interventor Federal deu recepção em Palacio, em homenagem ao feriado federal.

Das 14 ás 20 horas, foi franqueado a visita ao tumulo do apostolo. Lá estiveram presentes o exmo. sr. Interventor Federal, autoridades federaes e estaduaes, o Governador da Cidade, os membros do Instituto Historico e das nossas agremiações litterarias, escoteiros, companhias de bandeirantes, alumnos de escolas publicas primarias, secundarias, particulares, uma centuria de integralistas, varias pessoas de destaque social e grande numero de particulares. Nessa occasião, o dr. Antonio Athayde, presidente do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, produziu formoso e eloquente discurso. Fizeram-se ouvir, ainda, com magnificas tiradas de oratoria, Alvimar Silva, elemento do Gremio Litterario «Ruy Barbosa», e Itagildo Ferreira, do Centro Estudantil Capichaba. Todos applaudidos.

A's 15 horas, o exmo. sr. Interventor Federal inaugurou o Grupo Escolar de Jucutuquara, que passou a denominar se «Padre Anchieta».

Falou, no momento, o Secretario do Interior e Justiça, historiando, com vibrantes expressões, a obra vultosa que o actual Governo vem realizando no Estado, principalmente no Departamento do Ensino Publico, accentuando que essa obra ficará imorredoura na gratidão dos espiritosantenses.

As palavras de s. exa, tiveram eco no coração dos presentes.

O sr. Interventor Federal, com a maneira segura e atrahente do seu falar, agradeceu as expressões do sr. Secretario do Interior, entregando ao zelo e á melhor consideração dos habitantes de Jucutuquara o novel educandario. Uma longa salva de palmas abafou as ultimas palavras do sr. Interventor Federal.

Fez-se ouvir, ainda, em bella allocução, a directora do novo educandario, professora Maria Magdalena Pisa, que proferiu o seguinte discurso:

«Exmo. sr. Interventor Federal; Exmo. sr. dr. Secretario do Interior; Exmo. sr. Secretario da Fazenda; Exmo. e revmo. sr. Bispo Diocesano; Exmas. autoridades federaes e estaduaes; Minhas senhoras; Meus senhoras:

Seria estranhavel que, no acto inaugural desta casa, cuja direcção me está confiada, minha palavra, embora descolorida, não se fizesse ouvir.

Mas, é preciso dizer-vos, ella não representa, apenas, o cumprimento de méro dever de officio. Não. No meu coração de brasileira, sustentado por uma alma vibratil de mulher e de educadora, soam alleluias de entusiasmo, de esperança, de fé e de gratidão. E, agora, minha palavra, sem brilho e sem atavios, tenta exprimir esse turbilhonar de sentimentos.

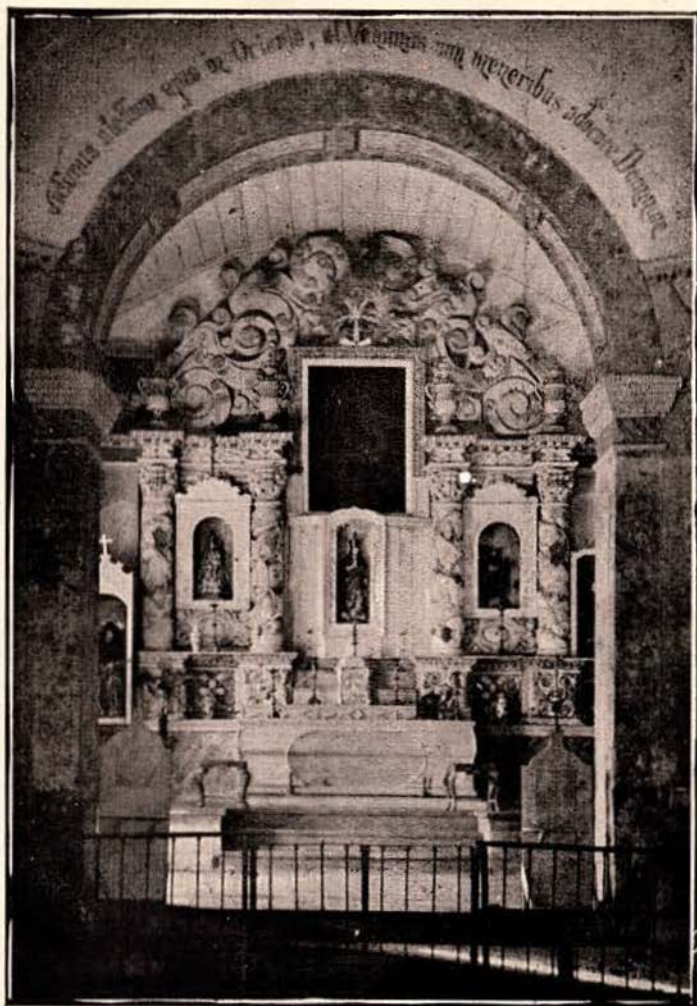
Nunca, ao mesmo tempo e em toda a parte, a questão educacional preocupou e procurou ser

solucionada por tanta gente, governos e particulares, como na época actual. Também, para a criança, nunca se voltaram tantas atenções, tanto cuidado e tanto carinho, taes os dispensados neste seculo, por isso mesmo denominado o *seculo da criança*.

E' que, na agitação da hora presente, em que o panorama mundial se nos apresenta nublado de duvidas, de incertezas e de inquietações, surge o factor homem, elevado a tão alto expoente que forçoso se torna reconhecer-lhe a actualção poderosa e decisiva, nesse estado de desassossego, em que elle proprio se debate. A humanidade, porém, em sua marcha de constante evoluir, embora vivendo o momento presente, que é sempre um passado, tal rapidez com que transcorre, tem os olhos voltados para o futuro, na preocupação de encontrar a fórmula para a obtenção de dias melhores por ella mesma preparados. E se dirige, então, para a criança, que, si, provado á luz da ciencia, não é o homem em miniatura, será, no entanto, o homem de amanhã, o depositario das nossas esperanças, o realizador dos nossos ideaes.

Portanto, nada mais justo, mais humano, mais intelligente, nem mais claro de se comprehender, do que esse movimento, que se levanta, em todas as nações, uma das quaes, o longinquo Japão, assombra o mundo, em prol da causa de criança.

Bem hajam os governos que, da complexidade das questões, que lhes estão aféas, destacam a da educação popular, que superando todas as demais, lhes favorece a solução, num amanhã muito proximo! Propositadamente, digo educação e não instrucção, por ser esta, isolada, apenas uma face do magno problema. São elles os legi-



Vista do altar-mór da igreja de Nova Almeida, vendo-se no centro e ao alto, semelhante placa negra, o famoso quadro dos Reis Magos, que o povo do lugar venera, como inestimável reliquia.

timos realizadores de obra patriótica sólida e duradoura; são os constructores do edificio social resistente, cuja base tem a argamassa de sentimentos humanitários!

Tão grande é a importancia da parte educacional, na vida de um povo, e de tal forma ella se faz sentir, como uma necessidade imperiosa, sobrepujando todas as outras, que não me furtarei ao desejo de figurar um quadro que jámais desejarei ver na realidade.

Imaginemos um governo, que, por dezenas de annos, dirige um povo; e, na preocupação de bem servi-lo e corresponder-lhe á confiança, todas as medidas, que lhe parecem acertadas e cujos resultados são immediatos. Assim, rasga estradas ferroviarias e ferrocarris; fomenta a agricultura e a industria; impulsiona o commercio, favorecendo-o com os mais aperfeiçoados meios de transportes, quer sejam terrestres, maritimos ou aéreos; installa, até nos menores nucleos populosos, postos medicos para tratamento gratuito dos enfermos; organiza um miraculoso plano financeiro, cuja estabilidade nada fará oscilar; mas, por lamentavel incompreensão, descuida-se da questão educacional, relegando-a para plano inferior.

Correm os tempos. A nau governamental navega de vento em popa. O progresso material do paiz traz o povo em constante alegria. A felicidade presente empolga-o de tal maneira que não é possivel supor seja ella passageira. Chega, porém, o momento em que os velhos servidores devem ceder lugar á nova geração e... eis a *debacle*.

Os que vinham não se tinham educado para a continuação da obra, que parecia inegalavel modelo de perfeição, mas que se desmorona, sem possibilidade de prompto soerguimento. De tudo se havia cuidado, menos da educação — ba-

se e cupola de qualquer organização social, alavanca infallível e indispensável a todo o progresso.

Descrevendo este quadro, inexistente, mas possível, foi meu intuito, exmo. sr. Interventor, salientar quão acertada tem sido a administração de v. excia., dedicando á educação popular cuidados e atenções especiaes. Eu que sou, por temperamento, infensa aos elogios de presença, — tão barateados andam elles! — sinto-me feliz de, entre as poucas exceções, até hoje feitas, juntar mais esta, para dizer que, acompanhando, com interesse, tudo quanto em minha terra se faz em proveito da instrucção e da educação populares, cuja causa me apaixona, venho, também, apreciando, no seu justo e consideravel valor a enorme divida de gratidão, contrahida pelo povo desta terra para com v. excia. E a inauguração deste Grupo, cujo teto já foi procurado por 480 crianças e onde espero, ainda este anno, receber 600, torna maior essa divida, de que também é credor o illustre titular da pasta do Interior e Justiça, o exmo. sr. dr. Fernando Duarte Rabello, nome que dispensa quaesquer encomios, de tal forma se impoz á admiração e ao respeito dos seus co-estaduanos, por sua extraordinaria capacidade de trabalho, servida por inatacavel honestidade.

Isso, porém, não traduz meu apoio á corrente dos que, sem restricção, vão repetindo a phrase, tão prematuramente empregada no Brasil e que, se não me falha a memoria, veio da França: «Quando uma escola se abre, um carcere se fecha».

Merece refutação o acerto. As escolas que se abrem e, fugindo á sua finalidade, se tornam os meios propicios á penetração e ao desenvolvimento, no coração e cerebro infantis, dos gemes da revolta, da desconfiança e da indifferen-

ça, não contribuem para que se cerrem as portas dos ergastulos. Ao contrario, podem até fornecer numero para augmento dos povoadores de presidios.

A esta escola, porém, exmo. sr. Interventor e exmo. sr. Secretario do Interior, em cujo levantamento se evidencia a visão clara e larga do espirito com que vv. exas. desempanham as altas funções de que, merecidamente, se acham investidos, a esta escola, repito, creio poder applicar, com justeza, a phrase citada.

Bonita, limpa, ampla, alegre, confortavel, cheia de ar e cheia de luz, hão de enche-la, tambem, o affecto o carinho e a dedicação dos que aqui veem trabalhar. Por este motivo é que disse, de inicio, traduzir a minha palavra sentimento de enthusiasmo, de esperanza de fé e de gratidão.

Enthusiasmo, por ver a causa, que, ha 11 annos, defendo com ardor e procuro servir com exaltado devotamento, collocada na altura, a que tem direito, e amparada por braços firmes e vigorosos.

Esperança, porque conheço a abnegação do professor primario, seu espirito de disciplina, sei de que forças de realizações elle dispõe, sou testemunha da admiravel capacidade de trabalho e, tendo-lhe prescrutado o amago dos sentimentos pude ver e ouvir não ser elle mais que o anseio fremente pela grandeza do Brasil.

E é esse professor que constitue a minha esperanza em fazer desta casa um estabelecimento de real utilidade para o nosso Estado.

Fé, porque ella é o apanagio dos fortes, dos que veem, na vida, o ensejo para continua perfeição moral e espiritual. E esta casa, recebendo o nome de José de Anchieta e inaugurada no dia, em que, no Brasil inteiro, e particularmente no nosso Estado, se commemora, entre festas, o 4

centenario do nascimento desse grande apóstolo, ha de ficar impregnada da fé prodigiosa, que o tornou o evangelizador excelso, cuja memoria todos veneramos. Eu tenho fé que — n'ume tutelar deste estabelecimento — o thaumaturgo do Brasil ha de inspirar a todos os que aqui mourejam para que seu exemplo de trabalho e de abnegação seja, sempre, vivo e presente, ante todos os olhos e dentro de todas consciencias.

Gratidão, porque meus olhos de professora, buscando, em toda a parte, as crianças, na preocupação de saber como estão sendo encaminhadas, já se certificaram do numero extraordinario que habita este bairro. O grupo escolar «Padre Anchieta» vae beneficia-las; e, por ellas, que aqui não estão e, quando estivessem, não podem ainda calcular o amparo que se lhes dá, meu coração pulsa em sentimento de profunda gratidão.

Assim, termino, com o mesmo entusiasmo com que comecei, declarando que espero, cheia de fé, fazer desta casa um templo de educação, promettendo lançar, no coração dos pequenitos, que me forem confiados, a semente delicada da gratidão, que, neste momento, me enche a alma.»

Em seguida, o prof. Placidino Passos, Inspector chefe da Inspectoria Technica do Ensino leu a ata da inauguração do Grupo Escolar «Padre Anchieta».

Logo depois, o sr. Interventor Federal, acompanhado de pessoas de destaque no nosso mundo official e jornalístico, seguiu para o Campo de Aviação, a convite do commandante da esquadilha de aviões da Escola Militar, que aqui aterrisou, em excursão para o norte do paiz.

O Grupo Escolar «Padre Anchieta», inaugurado em homenagem á memoria de Anchieta, constituiu, pelo seu largo e profundo alcance edu-

cativo, uma das manifestações mais valiosas e expressivas das que se tributaram ao excelso canarino, que tão firmemente se enraigou no coração do Brasil.

Esse predio, cujo aspecto externo e interno, pelo esmero com que foi planejado e realizado, impressiona agradavelmente a quantos o visitam, tem capacidade para 630 alumnos e, no dia de sua inauguração, sua matricula já registrava mais de quatro centenas de inscriptos.

Ha pouco tempo, o Governo inaugurou o bello Grupo Escolar de Villa Velha, com capacidade para 360 discentes e já vae, dentro de pouco tempo mais, inaugurar os sumptuosos e confortaveis grupos escolares de Cachoeiro de Itapemirim e de Calçado. Estão passando por serviços de remodelamento e ampliamento os de Itaguassú, Santa Thereza, Castello e as Escolas Reunidas de Conceição do Castello. Tambem a Escola Normal «Pedro II», nesta cidade, remodela-se cuidadosamente na actualidade.

Isso demonstra, á evidencia, o empenho patriotico e constante com que o actual Governo do Estado vae attendendo ás exigencias essenciaes do seu problema educacional.

O grupo escolar «Padre Anchieta» construiu-se aproveitando-se apenas o caixão em cimento armado de um dos pavilhões da extincta Fabrica de Fiação e Tecelagem. Todos os seus trabalhos de construcção foram determinados e superintendidos pela Secretaria do Interior. Consta essa optima construcção de confortavel edificio, com magnifica varanda de 30 metros de cumprimento por 2 1/2 de largura; 7 salas de aulas, com as dimensões de 6x8, permittindo, em dois turnos, o funcionamento de quatorze classes; gabinetes de assistencia medica e dentaria; solarío; uma

grande area coberta para varios actividades escolares; secções esplendidas de chuveiros para os exercicios de cultura physica; amplas installações sanitarias; vestiarios, etc.

Toda essa importante construcção custou apenas 35 contos de réis, excluidas as installações electricas e sanitarias, achando-se já as respectivas despesas pagas pelo Governo.

A's 20 horas, o sr. Secretario do Interior, acompanhado dos inspectores technicos, Placido Passos e Luiz Edmundo Malizek, proporcionou ás pessoas interessadas na educação da infancia uma sessão de cinema escolar, no Grupo Escolar recém-inaugurado. E deu por inaugurado, naquelle educandario, o cinema a serviço da educação.

A's 20 1/2 horas, no Theatro «Gloria», o Instituto Historico, em solenissima sessão civica, com a presença do exmo. sr. Interventor Federal, das altas autoridades do Estado, das associações litterarias, escolas, do mundo elegante de Victoria e incontavel numero de particulares, que encheram litteralmente, o Theatro, commemorou a passagem de tão sublime data historica. Falaram, exaltando as excelsas virtudes do Apostolo do Brasil, os seguintes oradores: Mauro Braga, pelo Gremio Litterario «Ruy Barbosa»; Pe. Ponciano Stenzel, pela Associação Catholica de Victoria; o dr. Jair Ettienne Dessaune, pela Acção Integralista do Espirito Santo; o sr. Beresford Moreira, pelo Centro Estudantil Capichaba; o prof. Francisco Generoso, socio do Instituto Historico; Elpidio Pimentel, orador do Instituto Historico; e dr. Antonio Athayde, presidente do mesmo Instituto. Todos esses oradores foram felizes nas suas orações, sendo calorosamente applaudidos.

Assim se expressou o illustre presidente do Instituto.

«Exmo. sr. Interventor Federal; Autoridades; Minhas senhoras e meus senhores:

O Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo commemora nesta sessão solenne, a data historica em que o Estado do Espirito Santo, pelo seu governo e pelo seu povo, presta seu profundo reconhecimento, ao excelso pioneiro da nossa brasilidade, nascido em Tenerife, ha quatro seculos.

E' uma glorificação civica que muito nos exalta, em que se apertam os laços de continuidade da nossa especie.

O culto ao Passado é o rithmo de solidariedade humana, em que cada geração leva successivamente, uma após outra, as homenagens de sua gratidão á Posteridade, pelos feitos altruisticos dos seus benemeritos, dos seus heróes, dos seus apostolos, dos seus sabios, dos seus estadistas, dos seus industriaes, enfim de todo e qualquer humilde servidor que contribue efficazmente para o bem geral da Humanidade que é a felicidade que nós aspirámos, fraternalmente, neste mundo.

E' isso que constitue a immortalidade do homem na Terra de accordo com o gráu de civilização em que nos achamos. E' pelo sublime sentimento do altruismo — *viver para outrem*, que o homem sobe ao panteon da glória.

Camões, no Canto Primeiro dos seus *Lusíadas*, assim disse: *E, aquelles que obras valerosas se vão da lei da morte libertando...* O cantor lusitano bem comprehendeu a immortalidade humana. Elles não morrem espiritualmente. Ficam subjectivamente recordados, gravados em nossos corações, immortalizados nas nossas almas, pelas suas grandes virtudes e uteis realizações na Terra, cujos feitos consagrados incorporaram-se ao patrimonio da Humanidade.

Evoquemos a gloriosa obra do benemerito Jesuita.

Nos trabalhos inauditos e penosos dos primórdios da civilização brasileira, o veneravel Padre José de Anchieta se santificou. Venceu perigosos revezes, no martirio da fome e do frio nas selvas, na defesa da raça indiana, libertando-a do barbaro cativo colonial dos celebres bandeirantes. Coube ao Espirito Santo, farta messe dos seus generosos serviços na abnegada catequese, durante 32 annos, approximadamente; sendo 12 annos ininterruptos, na aldeia de sua encantadora Rerigtiba.

Em 1585 já cansado e alquebrado por tantas fadigas, na idade de 52 annos, no collegio do Rio, pediu dispensa do nobre cargo de Provincial do Brasil, por motivo de molestia. Inquietaram-se todos da Ordem com o seu estado grave de saude, porém, elle tranquilizou a todos seus irmãos, dizendo-lhes que voltava para o Espirito Santo. Interrogaram-lhe todos sobre a preferencia, da localidade, e Anchieta respondeu-lhes: — *«o Espirito Santo é uma terra muito acomodada e para lá vou esperar meus ultimos dias; eu não morro desta vez, também não quero morrer noutro lugar.»* (Suas cartas).

Effectivamente, vem para o Espirito Santo, vivendo nesta sua querida terra, ainda alguns annos, sempre occupado na sua santa missão de embaixador da paz entre os indios, seus filhos, como elle os chamava.

E' o fundador da nossa litteratura. E' o precursor dos escoteiros. Suas cartas são admiraveis em suas concepções. Entre outros, é o seu biographo, o confrade Simão de Vascocellos (1673).

Falleceu o incomparavel evangelizador dos selvicolas, em sua amada Rerigtiba, em 9 de ju-

nho de 1597. Veio o seu sagrado corpo carregado pelos indios, em comovente procissão cívica, pelas lindas praias do seu devotado torrão, até esta cidade de Victoria.

Sepultou-se, a 12, na tradicional igreja de S. Thiago, cujo tumulo conserva-se religiosamente zelado.

Por occasião das exequias, o padre Bartholomeu Simões, superior dignatario da Ordem, fazendo o elogio funebre do insigne Missionario, conferiu-lhe o titulo de APOSTOLO DO BRASIL, pelos extraordinarios serviços prestados á catequese.

Essa é a apothese de sua immortalidade nos destinos humanos! A sua obra civilizadora foi tão maravilhosa que já o tinha santificado, em vida!

Ditas estas palavras protocolares, sobre o culto cívico que hoje celebramos, cabe aos distinctos oradores que me succederam, dissertarem sobre a acção prodigiosa e fecunda do sublime Apostolo do Brasil, no Espirito Santo.

Tenho concluido.»

O Instituto Historico, ao finalizar a sua magno sessão cívica, fez farta distribuição de excellentes numero de sua Revista, opulentamente collaborado.

Hontem, desta capital, seguiram commissões em visita aos nossos sitios historicos, onde José de Anchieta consagrou grande parte do seu sublime e inefavel apostolado.

Estiveram, pois, entre nós, na altura da gratidão do Brasil, as commemorações cívicas em homenagem ao 4º centenario do nascimento de José de Anchieta, o pioneiro da unificação espiritual de nossa Patria.

JOSÉ DE ANCHIETA

Muito se tem acurado no Brasil e grande interesse logrado nos meios culturaes patrios, o estudo da vida e da alta significação que ella teve, do illustre padre a quem consagrou o culto dos antepassados um logar que ninguem até hoje poudes preencher, na veneração reverente e saudosa das nossas grandes commemorações civicas, o padre José de Maria e Anchieta, sacerdote jesuita, aportado a estas plagas inospitas, quando este paiz era ainda e apenas um esplendido mattagal inescalavel, onde soava o grito aterrador de Anhanguera e onde Tupan falava ás multidões seminúas pela via barulhenta do trovão.

Viera de Coimbra, da solidão de seus abaciaes conselhos, da adusta suavidade que o Mondêgo espalha pela alvura de suas casinhas brancas, em busca da oportunidade, que a Ordem lhe offerecia ou impunha, de cumprir o aspero dever de conscripto. Esse dever, de que lhe falavam em Portugal umas confusas noticias de viajantes e imprecisas informações de correspondentes officiaes, roçava por este atrevido absurdo —fazer, como os mansos bois, aos homens destes rincões todo o bem possivel e ir afinal acabar aos pedaços á ponta de espetos, para regalo do aborigene sensual e maldito.

Não se illudia então o seu conformado espirito de meditação e de paciencia, e, seria a sua

grande sorte, a sua invejável sorte, fechar os olhos á luz destes tropicos, corroído de lepra ou estenuado de sezões.

Não houve recusar e nem lho permittiria o severo cobice de disciplina que Ignacio de Loyola arrancára á mão de Satanaz para, com arma igual á sua, varrer deste mundo material e humano a dartoze espirital com que o peccado original nos vinha galardoar, no momento de nascer.

Veu e cumpriu o seu dever, depois de ter deixado á Companhia de Jesus a certeza inilludível de que elle fôra, pela pureza de sua vida e pelo singular servir em que se sublimara, o varão mais nobre e mais perfeito de quantos nella viveram ou se mataram, aquelle que, somente elle, dois seculos mais tarde, faria recuar, tangendo á esquerda na via récta de sua fortissima vontade, o masculino querer do Marquez de Pombal, manifestado nos seus pertinazes propositos de extinção da intemerata Companhia.

Dizer como elle cumpriu esse dever é obra de historiador, que felizmente, já está feita, posto que nos estrictos limites em que se debate a deficiente documentação que delle nos legou o tempo e o dever, que se nos impõe, de sermos fieis no estudo dessa preciosissima existencia, cujos arrojados lances maus apreciadores arrastaram ao campo da tradição inveridica e da legenda inverosimil.

Certo é que elle venceu uma grande difficuldade, a immensa difficuldade de se ter de approximar de um ente aggressivo e mordaz, como era o autochtone americano, cuja lingua elle desconhecia, como a desconhecia o mundo illustrado de então, lingua de que elle, ao depois, seria um meigo e paciente ensinador, no recinto de suas casas de seminario, nas paginas de um timido ma-

nual, vehiculo actual de um idioma já morto e que ao tempo era o intransponivel obice á conquista da alma indiana, consoante o principio — queres ser meu, fala a minha lingua, de que nos fala um profundo pensador.

Hoje, nós estudamos o latim, que é outra lingua morta ou vergontea de planta inaclimata-vel por aqui e aborrecemos a glotica ancestral que carreteou seculos em fóra as necessidades das populações amerindias, neste losango verde amarello que o Atlantico beija insaciavelmente desde periodos talassologicos irrecordaveis. Sabemos, mais ou menos, a Syntaxe de Dantas, mas não sabemos nada da Gramatica da lingua guarany.

Conhecemos as fórmulas arcaicas ou rudimentares do latim em que teria escripto Ennio e não sabemos traducção ou sonancia portugueza da palavra guanabara.

Anchieta, para que a cruz aqui firmasse os seus abnegados braços e para que o céu abrisse as suas portas a essés milhares de sêres, que foram nossos irmãos, penetrou no intimo da grande força desconhecida, que dentro de cada individuo lhe acciona os labios e os articula na expressão simples ou complexa da sua emotividade.

Porque, cada palavra não é mais que a fórmula mais ou menos polida em que materializamos a ideia que nos trabalha. A sciencia do vocabulario, um indice da alma humana vibratil e incontentavel.

Anchieta, legando-nos com os seus ensaios da lingua geral, brindou-nos com a pedra fundamental desse luminoso edificio que é hoje o estudo e a pesquisa do nosso folklore incomparavel, a tal ponto que sua figura não se póde logicamente separar daquella do heróe imaginoso e im-

mortal, com que a legenda, filão de ouro do folklóre, baralhou a seu respeito os archivos da Historia.

Foi mestre de si mesmo e essa condição ainda é *magna ratio* ao decidir-se do valor verdadeiro de um triumpho que applaudimos. Foi discipulo de si mesmo, aperfeiçoando-se, dia a dia, ao senso de seu proprio criticismo, na remodelação da sua vida anterior, até que lhe chegasse ao coração o primeiro coagulo mortal que havia de paralizá-lo para sempre na sua suave ermitania de Iriritiba, que tanto ora nos fala do seu passado vulto e de seu futuro orago.

Na vida de Anchieta, toda ella transcorrida no seio da nossa Patria, notamos a persistencia de um mystico predestino, arrastando-o para a beira dos mares: — nasce em Tenerife, em pleno regaço do Atlantico; é mestre, guia, medico, enfermeiro, missionario, guerreiro, patriota e refem á beira sempre do Atlantico e é ainda, no seu insondavel recesso, que descançam as suas choradas reliquias. Mirando-se ao espelho de sua immensidade imutavel foi que elle construiu a immensidade de seus proprios merecimentos, á luz deste seculo iconoclasta, cujo materialismo é uma injuria á memoria do grande apostolo.

Consumou-se nelle a gloria da Companhia de Jesus no Brasil e elle, que foi sem duvida, o eminente personagem da catequese do nosso indio, foi o maior e o mais previdente preparador do nosso nacionalismo economico e cultural: — ensinou-nos a amar este torrão abençoado e a dar ao Brasil a noção de seu verdadeiro lugar, que é a correspondente á sua irrecusavel preponderancia geographica no continente.

* * *

Sabemos que se trama a canonização de An-

chieta. Iamos dizer que está imminente sobre a sua aureolada cabeça a consumação daquella grande desgraça que Eça de Queiroz escrevia ter acontecido a Joanna D'Arc — ser arrancado o nosso epigraphado dos braços da glorificação civica para se ver precipitar nos da cultuação religiosa; subtraído de sob o cinzel profano, que lhe havia de interpretar as intimas comoções, para ser relegado ás formas inexpressivas dos santeiros, sempre as mesmas para todos os bemaventurados, que já galgaram a ingreme culminancia da santificação. A curia romana sabe, por certo, em que vae dar o processo dessa canonização, onde figura como interessado o nosso amado candidato, o qual, é bem de reparar-se, nestes quatro seculos, ainda não lhe deu ceitil.

Nós, porém, já o canonizamos civilmente — Anchieta é um vulto inconfundivel de nossa Patria e aqui mesmo é o cenario scintilante de pedrarias em que temos de celebrar indefinidamente a sua comovente apotheose.

E' o nume vigilante a adejar as azas refulgentes pelos humbraes do panteon nacional. Mas é uma figura da mais alta projecção civica deante da qual não se envergonha de vergar o joelho aquelle dentre os homens que mais remisso fôr a taes exteriorizações de respeito.

As suas «mãos amarradas» só o foram para as tarefas do mal ou para aquelles que objectivasse o seu pessoal interesse.

Essa pittoresca cognominação dos selvagens é o seu mais eloquente epinicio. Queria significar implicitamente que para educar o homem e abrandar as agruras das luctas sociaes, não se torna necessario o seu concurso, pois que as mãos se devem dar ao officio exclusivo de serem uteis e prestadias ao serviço do cérebro e que a

mortal, com que a legenda, filão de ouro do folklo-re, baralhou a seu respeito os archivos da Historia.

Foi mestre de si mesmo e essa condição ainda é *magna ratio* ao decidir-se do valor verdadeiro de um triumpho que applaudimos. Foi discipulo de si mesmo, aperfeiçoando-se, dia a dia, ao senso de seu proprio criticismo, na remodelação da sua vida anterior, até que lhe chegasse ao coração o primeiro coagulo mortal que havia de paralizá-lo para sempre na sua suave ermitania de Iiritiba, que tanto ora nos fala do seu passado vulto e de seu futuro orago.

Na vida de Anchieta, toda ella transcorrida no seio da nossa Patria, notamos a persistencia de um mystico predestino, arrastando-o para a beira dos mares: — nasce em Tenerife, em pleno regaço do Atlantico; é mestre, guia, medico, enfermeiro, missionario, guerreiro, patriota e refem á beira sempre do Atlantico e é ainda, no seu insondavel recesso, que descansam as suas choradas reliquias. Mirando-se ao espelho de sua immensidade imutavel foi que elle construiu a immensidade de seus proprios merecimentos, á luz deste seculo iconoclasta, cujo materialismo é uma injuria á memoria do grande apostolo.

Consumou-se nelle a gloria da Companhia de Jesus no Brasil e elle, que foi sem duvida, o eminente personagem da catequese do nosso indio, foi o maior e o mais previdente preparador do nosso nacionalismo economico e cultural: — ensinou-nos a amar este torrão abençoado e a dar ao Brasil a noção de seu verdadeiro lugar, que é a correspondente á sua irrecusavel preponderancia geographica no continente.

* * *

Sabemos que se trama a canonização de An-

chieta. Iamos dizer que está iminente sobre a sua aureolada cabeça a consumação daquella grande desgraça que Eça de Queiroz escrevia ter acontecido a Joanna D'Arc — ser arrancado o nosso epigraphado dos braços da glorificação civica para se ver precipitar nos da cultuação religiosa; subtrahido de sob o cinzel profano, que lhe havia de interpretar as intimas comoções, para ser relegado ás formas inexpressivas dos santeiros, sempre as mesmas para todos os bemaventurados, que já galgaram a ingreme culminancia da santificação. A curia romana sabe, por certo, em que vae dar o processo dessa canonização, onde figura como interessado o nosso amado candidato, o qual, é bem de reparar-se, nestes quatro seculos, ainda não lhe deu ceutil.

Nós, porém, já o canonizamos civilmente — Anchieta é um vulto inconfundivel de nossa Patria e aqui mesmo é o cenario scintilante de pedrarias em que temos de celebrar indefinidamente a sua comovente apotheose.

E' o nume vigilante a adejar as azas refulgentes pelos humbraes do panteon nacional. Mas é uma figura da mais alta projecção civica deante da qual não se envergonha de vergar o joelho aquelle dentre os homens que mais remisso fôr a taes exteriorizações de respeito.

As suas «mãos amarradas» só o foram para as tarefas do mal ou para aquelles que objectivasse o seu pessoal interesse.

Essa pittoresca cognominação dos selvagens é o seu mais eloquente epinicio. Queria significar implicitamente que para educar o homem e abrandar as agruras das luctas sociaes, não se torna necessario o seu concurso, pois que as mãos se devem dar ao officio exclusivo de serem uteis e prestadias ao serviço do cerebro e que a

razão, que é a manifestação de um cerebro perfeito, é que age e impulsiona a este se da liberdade.

* * *

Na galeria dos grandes homens do Brasil, o primeiro lugar compete, *de jure et de meritis*, ao padre José de Anchieta.

Por uma notavel coincidencia, o seu lugar na ordem do merecimento, é o mesmo da ordem cronologica. Dentro do mesmo seculo em que Cabral nos integrava na comunhão geographica do mundo, Anchieta nos integrava na comunhão espiritual da humanidade.

Foi uma solida garantia de paz entre o nativo e o emigrado europeu; proveu á subsistencia de todos os compromissos, firmando os na fidelissima tendencia de seu espirito tolerante e pacifico ao mutuo relevar dos excessos perpetrados. Desmobilizou, em varias oportunidades, o braço vingador do neofito trahido, constituindo-se o unico e temível adversario das concussões invasoras. Prodigalizou beneficios de toda ordem, desarmou os espiritos, deu dias venturosos áquelles que souberam comprehender a suave finalidade da religião que lhes pregava, robustecendo a sua doutrina com a lição efficaz do seu exemplo.

Foi grande, foi unico, foi inimitavel.

De olhos collados no longinquo horizonte da nossa grandeza, teve, como Moysés, a perfeita visão desta Chanaan plena de felicidades.

Com o ouvido sobre o coração deste gigante sul-americano, auscultou-lhe as minimas palpações de subir e de crescer.

E, si crescemos longamente e secularmente trabalhados desse invulgar conceito de ordem que

nos caracteriza, é porque viemos da escola de tolerancia e perdão em que Anchieta nos recolheu aos albores da infancia.

Si somos em nós mesmos paradigma do respeito e do amor aos vínculos da solidariedade humana, é porque o burel de Anchieta ainda não está de todo gasto das intemperies em que se debate o acabrunhador estado da consciencia universal em materia de fé.

* * *

Estamos em dizer que o refém de Iperoig ainda não terminou a sua divina missão.

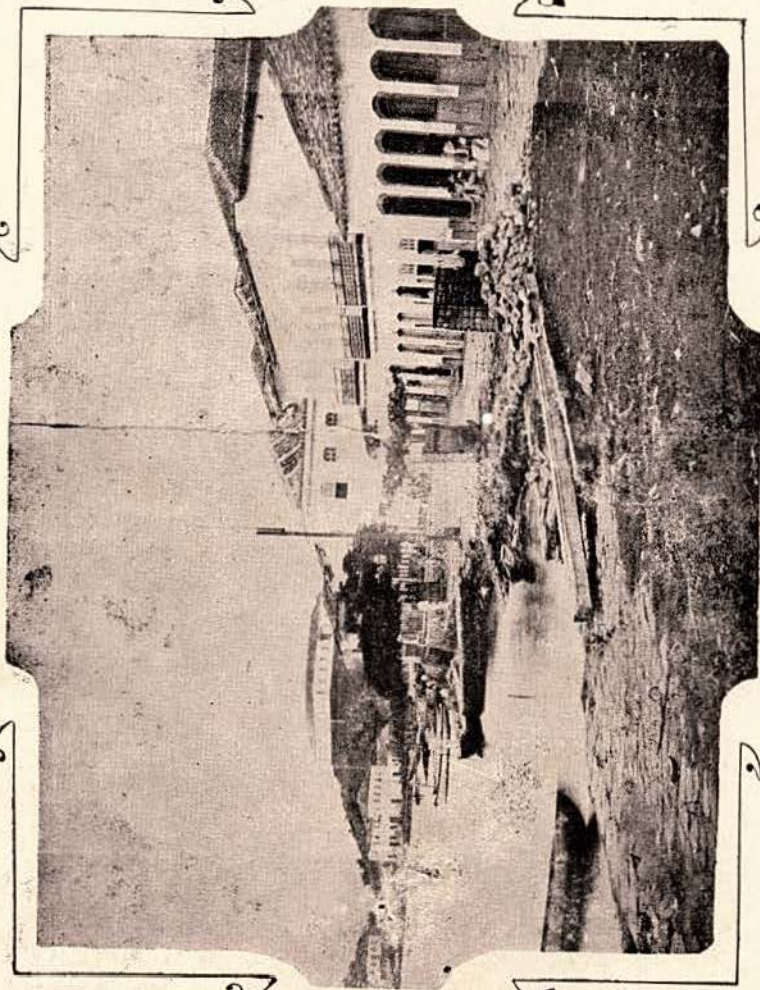
Por isso lhe vamos rogar: Santissimo padre Anchieta, retomai a catequese dos brasileiros.

Sebastião Izidoro da Silva

Muquy — 15 — 3 — 934.

Segundo a expressão de Rocha Pombo, não sabemos qual foi a sua mais importante obra — se a catequese do índio, se a do civilizado e Viriato Correia conclue: «nessa lucta de arrancar o indígena ás garras do europeu e o europeu da mais funda degradação moral, o trabalho dos admiraveis apóstolos do século XVI é uma pagina que honra e assombra o mundo inteiro».

VICTORIA DE • 1869



Rua do Comércio

Jesuítas no Espirito Santo

As commemorações de Anchieta despertam a curiosidade por tudo quanto se relacione com a sociedade que Loyola, com alguns companheiros, fundou em Paris.

Nós, espiritosantenses, recebemos da companhia loyolista benefícios raros. Foram aqui e noutras partes do Brasil, professores, constructores, musicos, medicos, autores dramaticos, além da missão puramente espiritual que lhes cumpria.

No espolio que nos deixaram, estão o palacio do governo e a igreja São Thiago, hoje afastada do culto, entregue ao Estado para nella funcionar outra religião — a do trabalho.

Da velha igreja de São Thiago, além do arcabouço, existiam, até pouco, duas memorias tangiveis — as estatuas de Santo Ignacio e São Francisco Xavier. Existiam na sacristia de São Gonçalo, repousando eretas na grande arca onde se guardam os paramentos sacerdotaes.

Quando na sua velha igreja, por certo, muita alma devota se inclinou contricta perante os dois grandes santos. Depois veio Pombal. E sobre o iracundo marquez, o tempo e outras invocações espirituas desmaiaram o fervor dos corações religiosos, levando-os a procurar em outros santos o balsamo para as suas aflições.

Os dois santos, o fundador da Companhia, e o outro, o que morreu lá nas Índias Portuguezas, permaneceram na sacristia da antiga matriz, quase envoltos no esquecimento.

Agora, porém, já não estão lá. Dos altares passaram á rude peanha da arca. E da arca, para onde os levaram?

As autoridades eclesiasticas, bem poderiam restituir os dois bemaventurados á contemplação dos incredulos, como o testemunho do nosso passado, e a adoração dos fieis, como homenagem aos inclitos bemaventurados que, em dado momento, foram a expressão mais forte da Igreja.

E'COS ANCHIETANOS

O sr. Germano Gerhardt, laborioso Prefeito municipal de Domingos Martins, a proposito das imponentes commemorações com que o Instituto Historico deste Estado assignalou a passagem do 4º centenario natalicio do veneravel jesuita José de Anchieta, dirigiu ao illustre presidente daquella associação, dr. Antenio Francisco de Athayde, a seguinte carta:

«Villa de Campinho, 19 de março de 1934.

Exmo. sr. dr. Presidente do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo.

A homenagem que o Instituto Historico e Geographico presta, juntamente com o Estado e o Brasil inteiro, á memoria do super-homem que foi o padre José de Anchieta, faz-nos volver a imaginação aos primévos da nossa vida colonial para recordarmos o seu estoicismo quasi lendario e a sua profissão de fé mistica, nas jornadas pelos nossos sertões invios, a praticar, entre a barbaria, os exercicios espirituales para a elevação dos canibaes ao parallelismo da vida civilizada.

A glorificação de seu nome, pelo que fez em pról da nossa grandeza moral, formando a geração da nossa nacionalidade, fundindo num typo de raça autoctone, o indio, o preto e o portu-

guez, com uma elevação moral feita sob a sua vigia espiritual, é um dever imperioso do nosso povo.

Quando, a 13 de julho de 1553, D. Duarte da Costa ancorava as suas caravelas na bahia de Todos os Santos, José de Anchieta, o Sol da America, trazia consigo a segurança da sua devoção inabalavel, a crença nos promissores destinos da sua alta missão evangelizadora.

Olhando do alto do outeiro, da cidade que Thomé de Souza fundára, o apóstolo do Novo Mundo, poudo lançar a sua vista docil e mística pelos valles e collinas em que as habitações dos indios salpicavam como pontos brancos naquella oceano de verdura.

Exultando, em poder espiritualizar todas essas almas brancas, ermas de luz e de fé, sem idéa alguma de Deus, José de Anchieta estava cumprindo a divina missão que lhe fôra destinada quando, em maio de 1551, se alistava, devotamente, no Collegio dos Jesuitas de Coimbra.

A obra de José de Anchieta na formação etnologica do Brasil avulta, quando pensamos nas vicissitudes que lhe rodeavam a existencia resignadamente soffredora, tateando no silencio das florestas, onde só encontrou o canibal da éra neolítica, impulsivo e rancoroso, no seu animismo elementar, povoando de lendas a floresta, onde os genios do mal sobrepairavam collossaes e de olhos chamejantes.

Anchieta, na sua docilidade christã, comoveu a ingenuidade nomade e começou logo a sua batida de missionario do bem.

Atravéz dos inhospitos sertões da nossa terra, pregou a bondade, a doçura, a fé, a confraternização.

Faltando-lhe tudo, desde a roupa ao alimen-

to, mesmo assim, prosseguiu os seus trabalhos com fervor, penetrando as florestas com a coragem que o seu credito inabalavel lhe offerecia.

A pacificação dos Tamoyos, foi a pagina mais extraordinaria da sua vida de evangelizador, quando, num rasgo de temeridade, foi para o meio dessa tribu feroz, offerecer-se como relem e levar as promessas da paz.

Os seus titulos de benemerencia decorrem do seu valor moral, da sua envergadura de sacerdote, de educador, de apostolo e de missionario.

A sua obra litteraria, valiosa e culta, quasi toda feita para os aborigines, pode ser considerada como um attestado de seu culto fervoroso e como cabedal historico para o estudo da sua prodigiosa acção no primeiro periodo colonial.

Como educador, a sua palavra de pastor magnanimo produziu verdadeiros milagres entre os gentios, cultivando lhes os bons sentimentos, o respeito mutuo, a obediencia, a crença religiosa e a paz.

Em José de Anchieta não se sabe mais o que admirar, si o missionario evangelizador, si o educador, si o poeta chistão ou o místico conductor de almas.

O certo é que o Brasil deve ao «sabio, ao pastor do deserto, ao eximio venerando mestre, ao athléta do catholicismo», a catequização dos selvagens brasileiros.

O culto presente á memoria de José de Anchieta deve receber o apoio de todos os brasileiros e eu, em nome de Domingos Martins, municipio que tenho a honra de representar, levo o meu melhor applauso á essa homenagem civica que o Instituto Historico e Geographico rende ao grande vulto da nossa historia.

A fundação de Caxias

Episódios do tempo em que essa cidade gaucha
era, apenas, o «Campo dos Bugres»

O engenheiro Coelho Cintra é um nonagenário de lucidas faculdades mentaes, discorrendo ainda, nessa idade, com firmeza, sobre assumptos de sua predilecção, nos quaes foi parte ou a que tenha assistido.

Pertence-lhe o artigo abaixo, que estampou no *Jornal do Brasil*, de 30 de agosto ultimo e que transcrevemos por envolver affirmativas, que se prendem á historia colonial do Espirito Santo. Para elles convocamos a attenção do illustre conterraneo, doutor Antonio Francisco de Athayde, que é uma das mais autorizadas opiniões nessa especialidade, dentro do Estado.

A cidade de Caxias, séde de um dos mais opulentos municipios do Rio Grande do Sul, surgiu como por encanto dos desertos e invios sertões desse Estado. Até 1886 se chamava «Campo dos Bugres», situada ao cimo das serras cobertas de vetustos pinheiraes estendidos até «Vacaria». Todas aquellas regiões eram apenas, servidas por caminhos quasi intransitaveis que da «Estrada de S. Sebastião do Car» e «Picada Feliz», habitados por colonos, se dirigiam a «Vacaria».

No anno de 1876 teve começo de execução

o contracto celebrado entre o Governo e a firma Caetano Pinto, para introdução de immigrants no paiz.

Foi uma medida de grande alcance para a colonização, a qual naquella época soffria as maiores restricções dos governos estrangeiros, especialmente por parte da Prussia, da Austria e da Italia. Nem os esforços do dr. H. Blumeneau, fundador de importante e prospera colonia estabelecida á margem do Itajahy e que hoje constitue uma das mais opulentas cidades de Santa Catharina, baptisada com o seu nome, nem o empenho da «Sociedade Colonizadora de Hamburgo» —fundadora de Joinville, no mesmo Estado— haviam conseguido restabelecer as correntes immigratorias, tão necessarias ao nosso paiz.

Coube a Caetano Pinto a gloria de romper todos os embaraços então criados, e restaurar a entrada de immigrants, com as selecções indispensaveis á acquisição de bons elementos.

Surgiram, entretanto, incidentes e difficuldades, talvez por não nos acharmos preparados para receber tão vultuosas camadas de estrangeiros.

Assim foi que, remettidos para o Espirito Santo, partidas de immigrants tirolezes (austriacos) e lombardos, os quaes haviam sido alliciados para o Rio Grande do Sul, sem embargo das reclamações muito justas de todos elles, pretendeu-se fechar ouvidos aos seus protestos e descontentamentos.

Os immigrants, então, abandonaram a Colonia de Santa Leopoldina, no interior do Estado, e resolveram voltar á capital (Victoria). Ali chegados, renovaram suas reclamações ás autoridades regionaes, sem nenhum resultado.

A presença de tantos immigrants alarmou a população de Victoria e o presidente da Pro-

vincia, tomando-a logo como um pronunciamento revolucionario, pediu o auxilio do Governo Imperial afim de se debellar a «sedição», conforme communicava. As autoridades consulares, secundadas pelas respectivas legações, tambem intervieram e o Governo Imperial fez então partir para Victoria o signatario deste, inspector geral de Terras e Colonização, a esse tempo, o qual para ali se transferiu no transporte de guerra «Purús», com cem praças do Batalhão Naval postas á sua disposição, commandadas por um official da Armada, o tenente Costinha, um dos homens mais altos que me lembra de ter visto...

Ali chegado, o emissario do Governo conseguiu por meios suasorios dominar a situação e fazer seguir para Santa Catharina e Rio Grande do Sul, nos transportes «Madeira» e «Purús», cerca de 1.000 immigrants, sem necessidade de meios violentos. Eram de tal ordem os exaggeros das noticias transmittidas do Espirito Santo, que o ministerio se reunira e Thomaz Coelho, em telegramma urgentissimo, pedia-me detalhes dos acontecimentos e me recommendava evitar o emprego da força... E' que entrava muita politica nos communicados da Provincia.

Os tirolezes embarcados no «Purús» seguiram para Porto Alegre, onde o engenheiro Guilherme Greenhalg, encarregado das medições de terras colonias, os localizou no *Campo dos Bugres*.

Novas difficuldades surgiram no estabelecimento desses colonos, determinando me assim o governo seguisse em commissão para o Rio Grande com poderes amplos para normalizar o serviço. Encontrei ali, da parte do vice-presidente em exercicio, João Dias de Castro, e do ex-inspector da Thesouraria de Fazenda, Leopoldino de Freitas, o mais desvelado apoio para o desempe-

nho de minha missão. Parti immediatamente para S. Leopoldo e dali para S. Sebastião e Selback, onde encontrei allemães felizes e prosperos com filhos, na maior parte nascidos no Brasil. Gratas recordações conservo da cordialidade em que vivi entre aquella gente. Estranhei que os meninos ali nascidos não falassem o portuguez, mas tive de calar me, com a objecção de um colono, bom amigo: — *Doutor, eu ensina a meus filhas lingua que meu governo me ensinó. Doutor não mostra um escola nesta lugar.*

Levei o facto ao conhecimento do governo e o Imperador ordenou immediatamente que eu providenciasse para a nomeação dos primeiros professores primarios, fundando-se, assim, as primeiras escolas do A B C naquellas paragens.

A viagem até Selback, subindo-se a serra, era penosa. Caminhos quasi intransitaveis eram os que iam até á sede dos nucleos. Os colonos construíam seus ranchos com grandes cascas de pinheiros, verdadeiras barracas, onde se amontoavam mulheres e crianças, sem o menor conforto.

Tomei providencias immediatas, destituindo o director da Colonia e confiando todo o serviço ao operoso e probo engenheiro Guilherme Greenhalg. Os homens foram logo empregados na construcção de suas casas, dentro dos respectivos lotes, auxiliados pelo pessoal da commissão. A dedicação pessoal da commissão foi consideravel. Em menos de dois annos havia habitações para mais de duzentas familias.

Mandei ainda estudar e construir uma estrada que servisse ao nucleo, passando pela Fazenda Feijó, melhor traçado que achei para abertura e construcção da mesma, proporcionando facil accesso de *Selback* e *Picada Feliz* ao referido nucleo.

Os trabalhos, confiei-os ao engenheiro Galdino Alves Monteiro, que os levou a effeito com grande celeridade.

Esses melhoramentos foram coroados do melhor exito. Registrou-se logo uma extraordinaria affluencia de austriacos e lombardos, para alli enviados, surgindo sem demora o commercio e a industria, com progressivo desenvolvimento, ampliando-se, sem demora, o nucleo pelas terras de antigos pinheiraes, derrubados, para em seu lugar surgir a florescente lavoura e a industria dos vinhos, que constitue actualmente a grandeza do municipio. A prosperidade desse nucleo foi tamanha que tendo sido a principio alli localizados cerca de 800 immigrants, já em dezembro de 1877 accusava uma população de mais de 5.000 almas, como consta do retrospecto commercial do «Correio», jornal desta Capital, naquella época.

Foram, então, abertas outras estradas custeadas pelo Governo.

Dando conta dos resultados da sua missão ao sul, o inspector geral de terras e colonização, que esta subscreve, usando attribuições que lhe eram conferidas, deu então ao importante nucleo colonial o nome de «Caxias», em homenagem ao grande patriota Duque de Caxias, áquelle tempo presidente do Conselho.

Desapareceu, assim, o nome de «Campo dos Bugres», substituido pelo de «Caxias», denominação a que todos se acostumaram immediatamente quasi.

Convem não confundir a linda e opulenta cidade, com toda a belleza das suas edificações, com o seu grande movimento de commercio e industria, com a vetusta Caxias, no Maranhão, ponto inicial da Estrada de Ferro que liga esse ponto fluvial a Therezina, Capital do Piauí.

Hoje, a ferro-via Porto Alegre a Uruguaiana, atravessa essa importante cidade, quando é certo que, na data da sua fundação, não passava do Jucuhy, proximo do Taquary.

Pouco além de «Caxias», fica a antiga colonia «Conde d'Eu», bem proximo á de «Dona Iza-bel», que por occasião da minha inspecção recebera melhoramentos em suas estradas, particularmente na que ligava essas colonias a «Monte Negro» e «Triumpho». São hoje os municipios de «Garibaldi» e «Bento Gonçalves».

Tempo feliz! Quanta recordação conservo das solitudes do povo do sul, dos longos dias que passei em Uruguayana!

Agosto, de 1934. Rua Carlos Costa n. 23 Rio.

Coelho Cintra

No 4º Centenario do Povaamento do solo espirito-santense

As homenagens e actividades que esse
brilhante acontecimento historico está
promovendo e justificando

Importante comunicação

O distincto e prezado cultor dos nossos assumptos historicos, dr. Mario Aristides Freire, na noite de segunda-feira ultima, quando effectuou sua brilhante conferencia, a segunda das que se estão realizando no Instituto Historico, em homenagem ao quarto seculo da Colonização espirito-santense, serviu-se da oportunidade para fazer á Casa do Espirito Santo a seguinte comunicação, cuja importancia nos parece ocioso salientar:

Posse Judicial do Mangal do Campinho em 9 de maio de 1819

Fernando José d'Araujo, serventuario do officio de Tabellião Publico do Judicial e Notas, Escrivão da Provedoria Capellas e residuos, nesta Comarca da Capital, etc.

Certifico que em meu poder e cartorio se acham archivados uns autos de Cominação de penas do anno de mil oitocentos e dezenove, em que são autores o Provedor e mais irmãos da Santa Casa de Misericordia, os quaes autos são do theor seguinte: o

«Juizo Ordinario — Mil oitocentos e dezenove — Cominação de penas — O Provedor e mais Irmãos da Santa de Misericordia — A. A.; Contra — O Capitão Manoel Pinto de Castro, Manoel Alves da Cunha, Sebastião do Nascimento, Manoel Ribeiro, Dona Maria Joanna, viuva, e outros Réos — Escrivão Araujo — Anno do Nasce de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezenove, ao dezesete dias do mez de Maio nesta *Villa de Nossa Senhora da Victoria*, Capitania do Espirito Santo, em audiencia publica que, no Passo do Conselho, aos Feitos, Partes e seus Procuradores fazendo estava o Juiz ordinario Capitão João Antonio de Moraes na mesma audiencia, por Francisco das Chagas d'Araujo Procurador dos Senhores Provedor e mais Irmãos da Santa Casa de Mizericordia, pelos poderes da procuração *apud acta* que apresentou, foi dito ao mesmo Juiz Ordinario que, para esta mesma audiencia, havião sidos citados os Réos Capitão Manoel Pinto de Castro, Manoel Alves da Cunha, Sebastião do Nascimento, Manoel Ribeiro, Dona Rosa Maria, viuva, José Francisco dos Reis Malta, João Trancoso, João Furtado, Francisco das Chagas, Ignacio de Jesus, o Sargento Manoel Gonçalves Espindula, José d'Anchieta, Severina Monteiro, viuva, Anna d'Assumpção, Anna da Silva, Anna Maria da Conceição, Francisca das Chagas, Francisca Xavier, Francisco Alves, João de Almeida, Antonio Pinto, Ma-

noel Monteiro do Amaral, Barbosa de Mendonça, o Capitão João Pinto Ribeiro de Seixas como syndico do Frades Franciscanos, Manoel da Rocha Rangel, Procurador da Ordem Terceira de São Francisco, e Maria d'Oliveira Subtil para, no termo de vinte quatro horas, opporem o que tiverem á *dadiva feita pela Camara* desta mesma Villa—do *Mangal* entre os dois montes mencionados na petição dos mesmos seus constituintes de que tomarão posse judicial, sem opposição dos mesmos réos possuidores e confinantes e proximos ás marinhas do mangal doado, debaixo da pena de reveis e mais não poderem innovar cousa alguma a respeito, tanto por si como por seus herdeiros, para o que requeria fosse servido manda-los apregoar e, não comparecendo, por si nem por outrem, que seus poderes tivesse ás suas revelias, os houvesse por citados, a citação por accusada, a acção por posta em juizo, e assignasse as vinte quatro horas. O que sendo visto e ouvido pelo mesmo Juiz Ordinario e informado da certidão e fé da citação que aos réos fora feito pelo official de Justiça Thomaz de Marrocos Marcello Prior, os mandou apregoar pelo pelo mesmo official como Porteiro do Juizo, o qual, apregoando-os, deu sua fé de não comparecer por si nem por outrem que seus poderes tivesse, á vista do que o mencionado Juiz houve aos réos por citados, a citação por accusada, a acção por posta em Juizo e apregooou aos réos as vinte quatro horas, na forma requerida.—Por bem do que faço esta autuação, extrahida da cota tomada por lembrança nas costas da petição da acção, donde aqui passei por extenso por me ser distribuida e junto a petição, relação e procuração *apud* acta dos autores que ao diante se

segue. Eu Severo Xavier d'Araujo, escrivão que a escrevi.

Petição — Dizem o Provedor e mais irmãos da Santa Casa de Misericordia desta *Villa da Victoria* que presentemente erigindo-se, nesta Villa, Casa do Hospital para recolhimento dos enfermos e engeitados e não tendo a mesma rendimento precioso para as grandes despesas que são indispensaveis, pedirão á Camara da mesma um mangal, que medeia entre o monte onde se fundou o hospital e o monte da fundação desta *Villa*, que lhe foi concedido, e tem tomado a mesma Irmandade posse judicial sem opposição de pessoa alguma, muito principalmente dos moradores confinantes e *proximo ás marinhas* e por que para o futuro se poderá mover duvidas pelos mesmos confinantes allegando ignorancia por serem alguns moradores no *termo da mesma Villa* por isso requer, digo, por isso quer a mesma Mesa fazer citar a todos os *moradores de beira mar* que tem *possessões á beira do mar* para que se tem que opporem á mesma dadiva o façam no termo de vinte e quatro horas debaixo da pena de reveis e mais não podem innovar cousa alguma a respeito, tanto por si como por seus herdeiros — Pedem a vossa Mercê, Senhor Juiz Ordinario, se sirva mandar se citem com a pena comminada E. R. M. — Cite-se em termos Victoria, nove de Maio de mil oitocentos e dezenove — *Moraes Araujo*.

(Copia extrahida do relatorio do Provedor da Santa Casa de Misericordia — *Wlademiro Fradesso da Silveira*, anno compromissal de 1898 a 1899, pags. 29 a 32).

O POEMA DO RIO DOCE

[A Bandeira de Antonio Rodrigues Arzão] (1)

(Ao Espírito Santo)

El los, que vão descendo a plácida corrente
Do rio, que alonga entre a floresta enorme...
Sob o sol coruscante a natureza dorme.
A agua, mansa, murmura embaladoramente.

Dos morros em mysterio, escalonando os ares,
Desce a matta, a espelhar-se ás profundezas brandas
Onde, á margem, scismando, os troncos seculares
Miram-se, entre os cipós em pendulas guirlandas.

Espraiando á flor d'agua uns vultos de gibão,
Armados de arcabuz e os cocares de plumas
Dos índios a remar, as canoas lá vão,
Longas, lentas, deixando um borbulho de espumas...

Das mattas do Pory ás do Imató bravio, (2)
Nas folhas escondido o selvagem os topa
E a bandeira lá vae: fóra os índios da tropa,
Cincoenta homens, sem norte, aos caprichos do rio...

* * *

Quem serão? Donde vêm? São tostados paulistas,
Anónimos campeões, voltando da aventura
De juntar novo canto heroico, de bravura,
A' Barbara epopéa humana das conquistas!

E' Rodrigues Arzão, que andou nas longes serras (1)
E valles cataguás, ignotos e medonhos,
A' caça do gentio, entre insídias e guerras
E busca de um thezouro, em delirantes sonhos!..

Um dia, a seducção azul das cordilheiras
Fraquejando afinal, aureolados de fé.
Deixando esposas, mães, filhinhas às sol iras,
Todo o bando largou, na aurora, Taboaté...

Depois... De sol a sol pela mata funesta,
A jornada feroz entre as feras bravias!
Para além da floresta — alcançando a floresta
E, além da serra azul — as serranias...

Sempre além! Sempre além!... Tenaz pesquisa ingloria
Da serra que, gerando os minerais, estoura! (2)
E enfim, louca e açodada, — a volta! — na victoria
De — o primeiro! — mostrar uma pepita loura!

E vencem, de uma em uma, as cachoeiras atroantes,
Onde, num tombo escuro, em roda a terra treme...
Fluidas igarapés, corredeiras rolantes,
Em que o rio se estorce, em convulsões, num M... (3)

Da floresta do Casca, incertos, sem roteiros,
O curso da agua os traz do mais alto sertão...
Deslizam de occidente ao mar, aventureiros,
Sem saberem sequer as plagas onde estão!

Não sabem... Entretanto estas aguas, na aurora
Da Patria, viram já, sob o mesmo sol morno,
Levando a cruz e o imperio, as companhas de outrora,
De Sebastião Tourinho e de Dias Adorno! (7)

Já sentiram pezar-lhe um cortejo bizarro,
Do reino dilatando as metas soberanas:
— Jorge Dias, Tourinho, o jesuita Navarro
E homens d'armas, pendões, mosquetes, partazanas...

Já deram de beber a Marcos de Azeredo
Vindo a desencanar na selva inculta e avárra
— Palacio de esmeralda — o lago glauco e quedo (8)
Onde dorme, a sorrir, num leito verde, o Yára!

Foram bandos, tropeis!... Mas, muda, tenebrosa,
Ventre escuro gerando espantosos prodigios,
Com a inviolada esphynge, a matta misteriosa,
Devorou-lhe de todo, os passos e vestigios!

Não importa! Não de vir outros a sanha ingrata
De violar o mysterio e profanar as agas,
Num combate sem trégua entre o machado e a matta,
Entre a fragil canôa e as cachoeiras e fragoas!...

E um dia se hão de ouvir, pelas manhãs futuras,
Broncos monstros de ferro estrondando a estas margens
E, entre as abas do monte, alinhado em culturas,
As cidades sorrindo á placidez das vargens!...

Felizes, raiarão novas, tranquillias eras...
A floresta recuando e abrindo se de roças...
Casas brancas se amando, á protecção das choças,
Neste verdor, que abriga os amores das feras...

.....
A bandeira lá vai. Segue-lhe a esteira o Encanto,
Que ha de as terras florir, á luz de um sonho louro...
— E Rodrigues Arzão chega ao Espírito Santo
Para mostrar ao mundo — uma fãisca ouro!

(1) — «*O poema do Rio Doce* — Não sou dos que admittem com o Antonil (Pe. João Antonio Andreoni) que o primeiro ouro achado em Minas fosse o minerio negro do Tripuhy, apresentado a Arthur de Sá e Menezes. Prefiro o testemunho de Claudio Manoel da Costa, segundo o qual já *duas* amostras de ouro teriam sahido das Minas antes do governo de Arthur de Sá: uma trazida por Antonio Rodrigues Arzão, em 1693, á Villa do Espírito Santo e outra apresentada por Carlos Pedroso da Silveira a Antonio Paes de Sande, em 1695, e enviada ao reino por seu successor Sebastião de Castro Caldas, em carta datada de 16 de Junho do mesmo anno (1695.)

Em 1928 publiquei na «Vida Capichaba», de Victoria, (nº 147 de 1/11/928) um artigo sob o titulo «O OURO DAS MINAS», em que defendia este ponto de vista. Do citado artigo, que é longo, transcreverei aqui, alguns trechos:

«O OURO DAS MINAS

E' fora de duvida que as primeiras entradas de civilizados no territorio, que veio a ser de Minas Geraes, tiveram como objectivo o conhecimento da terra ou a escravização do indio, que supria a falta de braços entrados depois da Africa, em grande copia, nos navios negreiros.

Até fins do seculo XVII, não ha noticia de expedição alguma, armada no proposito de procurar ouro naquellas terras. Mesmo as que visavam alguma riqueza mineral, tiveram outro objectivo: Marcos Azeredo, entrando pelo norte, e Paes Leme, mais tarde, pelo sul, buscavam *esmeraldas* e, si a Corôa armou a companhia de D. Rodrigo de Castello Branco, foi encarregando-o de procurar *prata*, que, por um apriorismo astrológico, se acreditava existir nesses sertões — mais orientaes e sob a força do Sol — em maior abundancia ainda que nas minas do Perú.

O fascínio do ouro enche, porém, desde os seus primordios, o seculo XVIII a par da seducção do diamante, começada com a descoberta das pedras do Tijuco e Hyvituray e, depois, das outras, mais longe, do Abaeté. Desemboque, Paracatú, etc.

Numa visão synthetica, o conjuncto das entradas em Minas póde ser dividido em dois cyclos: o do Norte, em que os principaes exploradores subiam de Pernambuco, Bahia e Espirito Santo, seguindo a contracorrente dos rios, e o do Sul, mais tardio, em que partiam de São Paulo, passando pelas gargantas da Mantiqueira, no intuito da caça do indio, ou trazendo já como objectivo definido a procura dos mineraes.

Ao primeiro periodo pertencem a expedição de JOÃO COELHO DE SOUZA pelo S. Francis-

co e as explorações de BRUZZA SPINOZA, SEBASTIÃO FERNANDES TOURINHO, acompanhado de JORGE DIAS e PADRE ASPILCUE-
TA NAVARRO, e a de ANTONIO DIAS ADOR-
NO — todas do século do descobrimento e abran-
gendo as bacias dos rios Doce (para o norte),
Jequitinhonha e Mucury. Mais tardia — de 1650 —
é a entrada de MARCOS DE AZEREDO pelos
sertões do Doce, Mucury e Lagoa Vupabussú.

Como um marco entre estes dois ciclos e
fixando a transição entre as «entradas» dos ca-
çadores de índios e as «bandeiras» dos ambicio-
sos de ouro, depara-se nos Antonio Rodrigues Ar-
zão, paulista, que se embrenhara até os sertões
da Casa do Casca, donde saiu, segundo Clau-
dio Manoel da Costa, em 1693 pelo caminho do
Rio Doce com mais cinquenta homens de sua co-
mitiva.

*«Chegado á Capitania do Espirito Santo
— afirma Claudio, no «Fundamento Histórico» do
do seu poema «Villa Rica» — apresentou ao ca-
pitão-mor, regente daquella villa, três oitavas
de ouro.»*

*Deste ouro se mandaram fazer duas me-
morias: uma que ficou ao dito Arzão e outra
que tomou para si o capitão-mor.*

*«A DENUNCIAÇÃO DESTA LIMITADA
PORÇÃO FOI, SEM DUVIDA, A PRIMEIRA que
se fez do ouro que se descobria nas Minas Ge-
raes; e a de que se conservava memoria em
S. Paulo, QUE É A DE CARLOS PEDROSO
DA SILVEIRA. (todos os maiúsculos são meus)
por algumas circumstancias discorre o autor
ser posterior a ella.»*

A seguir, refere Claudio a morte do Arzão
em São Paulo, quando preparava outra expedi-
ção, encarregando a seu cunhado BARTHOLO-

MEU BUENO de contiuar o seu descobrimento, e relata, em diferentes passagens, de que maneira as doze oitavas de ouro, achadas depois pela bandeira de Bueno, vieram afinal ter ás mãos de CARLOS PEDROSO DA SILVEIRA, que as apresentou ao governador do Rio de Janeiro — ANTONIO PAES DE SANDE — em 1695.

Refere ainda que, *«fallecendo o dito Sande, ficou com o governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteu a El-Rei D. Pedro as mostras do ouro, em carta datada de 16 de Junho do mesmo anno.»*

Desta exposição, clara e circunstanciada, conclue-se que, ANTES DO GOVERNO ARTHUR DE SÁ, já duas amostras de ouro teriam sahido das Minas: — a de Arzão, em 1693, e a de Carlos Pedroso, em 1695.

Entretanto — cousa singular! — o raconto de jesuita, que faz apparecer o primeiro ouro ao tempo do governador seguinte — Arthur de Sá — tem prevalecido sobre as investigações pacientes do poeta!

Com effeito, André João Antonil, pseudonymo do Pe. João Antonio Andreoni, escreveu no seu livro «Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas e minas» (1711) isto — que todos repetem:

«O primeiro descobridor dizem que foi UM MULATO, que tinha estado nas minas de Paranaguá e Curityba. Aquelle mulato, indo ao sertão com UNS PAULISTAS, a buscar indios e chegando ao serro do Tripuhy, desceu com uma gamella para tirar agua do rio, que hoje chamam de Ouro Preto e mettendo a gamella na ribanceira para tomar a agua e roçando a margem do rio, viu depois que nella havia granetos da cor de aço, sem saber o que eram: nem os compa-

nheiros a quem mostrou os ditos granetos souberam conhecer e estimar o que se tinha achado tão facilmente e só cuidavam que haveriam algum metal não bem formado e por isto não conhecido. Chegado, porém, a Taboatê, não deixaram de perguntar que casta de metal seria aquelle. E sem mais exame venderam a Miguel de Souza, alguns desses granetos de Tripuhy e Funil por meia pataca a oitava, sem saberem elles o que vendiam nem o comprador que cousa comprava, até que resolveram mandar alguns dos granetos ao governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá, e fazendo-se exame delles se achou que era ouro finissimo.»

Confrontadas as duas narrativas, resalta desde logo a firmeza do depoimento de Claudio, mencionando factos, datas e nomes de bandeirantes e governadores conhecidos, em contraste com o tom vago do jesuita — começando por um DIZEM QUE e falando de UM MULATO, UNS PAULISTAS, e um Miguel de Souza de quem não ha quasi outras noticias »

(2) — *Das mattas do Pory às do Imató...*

— Os Porys habitavam o alto e medio Rio Doce. Os Imatós eram uma das tribus da parte baixa.

(3) — «*Sertões de Cataguás*», «*Serras dos Cataguás*», «*Minas dos Cataguás*» eram nomes dados ao actual territorio mineiro, em razão de ser possuido por essa tribu: — Os Cataguás.

(4) — *Serra que, gerando os mineraes, estoura* — Era crença espalhada, mencionada até pelo Pe. Ayres do Casal, que as serras estrondavam quando continham mineraes preciosos. A esta crendice prende se a lenda da Mãe-do-Ouro, ainda corrente em certas zonas sertanejas. Quanto á existencia de serras que estrondam, os no-

mes «Votupóca», «Estouros», «Ibitipoca» e outros, dados a serras mineiras, exprimem a constatação do phenomeno.

(5) — ... *um M* — Allusão á Cachoeira Escura, ás perigosas corredeiras e á Cachoeira do M. celebres no Rio Doce.

(6) — Marcos de Azeredo — procurando esmeraldas, que uma lenda dizia serem os cabellos petrificados da Yára, penetrou no Sec. XVII os sertões do Rio Doce, Mucury e Lago Vupabussú, (ou *Rupabussú* (ou *Rupabussú*, com r brando).

Vupabussú é a Lagoa Preta, de 12 Kms. de extensão, entre os actuaes municípios de Peçanha, Capellinha e Theophilo Ottoni, em Minas.

Pelo anno de 1675, ainda dois filhos de Marcos de Azeredo — Antonio e Domingos de Azeredo — seguiram, como bandeirantes, os traços paternos sem nada descobrirem.

INDICE

Assumptos e Autores	Paginas
Victoria e a Capitania em alguns codices publicados — <i>Dr. Mario A. Freire</i>	3
Os tres vultos notaveis da Historia Colonial do Brasil, com relação á Capitania do Espirito Santo. — <i>Antonio Athayde</i>	13
Um dictionario inedito da lingua indigena	22
Historia regional — <i>Oswaldo Poggi</i> ...	33
O Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo — commemorando a data anniversaria do povoamento do solo espirito-santense — recebeu o exmo. sr. Interventor Federal, capitão João Punaro Bley, como seu socio de honra — Os discusso. — <i>Noticia</i>	39
Domingos Martins — <i>Noticia</i>	52
De 1534 a 1934 o radioso e santo espirito do padre José de Anchieta illumina, exalta e glorifica quatro seculos de Civilisação Brasileira. — Elogio de José Anchieta. — <i>Christiano Fraga</i>	59
Anchieta na fundação do Rio de Janeiro. — <i>Mario A. Freire</i>	64

Assumptas e Autores	Paginas
Quando nasceu Anchieta. — (<i>Ext. de Anchieta — Celso Vieira</i>).....	65
Em torno de Anchieta. — <i>Elpidio Pimentel</i>	66
Cartas de Anchieta.....	69
Anchieta e o Estado do Espírito Santo — <i>Pe. José da Frota Gentil S. J.</i>	74
Depois da morte de Anchieta.....	82
O apóstolo do Brasil — <i>Pe. Ponciano dos Santos Stenzel</i>	86
O poço de Anchieta — <i>Archimimo Mattos</i>	91
O tumulto de Anchieta — <i>Antonio Athayde</i>	94
Prosodia exacta de Anchieta.....	95
José de Anchieta — <i>Olympio Lyrio</i> ...	97
Reliquas de Anchieta.....	100
Veneravel Padre José de Anchieta — <i>A. F. de Oliveira</i>	102
O IV Centenario do nascimento de Anchieta.....	107
O primeiro mestre — <i>Mello Moraes Filho</i>	108
Festas anchietanas — <i>Noticia</i>	109
As festas anchietanas nesta capital — <i>Noticia</i>	111
José de Anchieta — <i>Sebastião Izidoro da Silva</i>	124
Jesuitas no Espírito Santo.....	131
Écos anchietanos — <i>Noticia</i>	133
A fundação de Caxias — <i>Coelho Cintra</i>	136
No 4º Centenario do povoamento do solo espirito-santense — <i>Noticia</i>	142
O poema do Rio Doce — <i>Almeida Cousin</i>	146
Índice.....	155